

Revista F. Yossipovitch.

Abril de 1918



# Revista Feminina



Anno 5

Preço 1.5000

Nº 47

J. B. F. F. F.

# Sociedade de Productos Chimicos L. QUEIROZ



## A AGUA DA BELLEZA

deve se achar em todo o boudoir das senhoras elegantes e que prezam a sua epiderme. Torna a pelle alva e avelludada, tira as manchas e da-lhe um aspecto encantador. E' O ENCANTO DAS SENHORAS.

## Petroleo Americano

Além de dar brilho aos cabellos e de tornal-os macios e crespos, essa loção é infallível para combater a CASPA e evitar a QUEDA DOS CABELLOS.

Preparado com Kerozene e não com benzina ou essencias como os productos similares, elle é por isso mesmo mais efficaz.

## LIMÃO BRAVO

E BROMOFORMIO

de L.  
Queiroz

E' o melhor XAROPE para curar a TOSSE, a ASTHMA, a COQUELUCHE e o CATARRO CHRONICO.

E' DE SABOR AGRADAVEL.

## AS COLICAS HEPATICAS

um preservativo na  
taes. Com este re-

LITHOBILINA

ou Cóllicas do Fígado, os CALCULOS BILIARES encontraram um remedio efficaz e preparado ideal, composto exclusivamente de vegeto-medio torna-se inutil o uso das Aguas de Carlsbaden.



## O Guderin

é a salvação das Senhoras pallidas e anemicas. Augmenta extraordinariamente o numero dos glóbulos vermellos e dá força e augmento de peso.

E' util na debilidade e na anemias devidas ao PARTO e as grandes hemorragias e na Amenorrhéa e outras molestias das Senhoras.



Todos estes preparados encontram-se á venda nas principais farmacias e drogarias e no Deposito Geral



Sociedade de Productos Chimicos L. DE QUEIROZ

**MAPPIN STORES**  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

## 2.000 TAPETES ESCOLHIDOS

Nosso departamento de tapetes tem um "stock" jámais visto em S. Paulo, em exemplares de reputadissimas proveniencias.

PERSAS

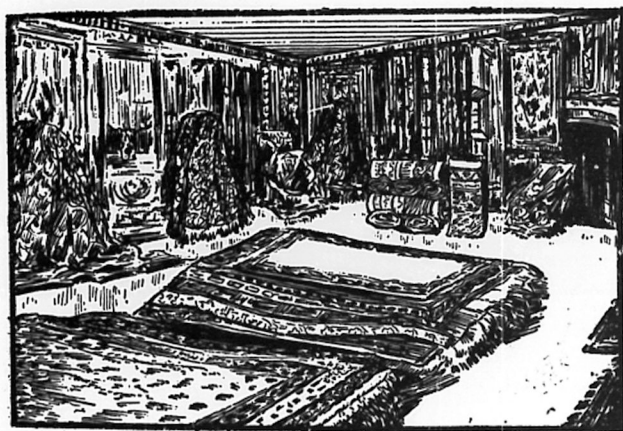
INDIANOS

INGLEZES

JAPONEZES

ESCOCEZES

LAVAVEIS



**MAPPIN STORES** - Rua 15 de Novembro 26  
-- SÃO PAULO --

ANDAR 13  
EST. 19

Companhia de Industria  
e Comercio

# Casa TOLLE

Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa N. 201 - São Paulo

Premiada em diversas exposições e com a maior recom-  
pensa «GRAND PRIX» na Exposição de Torino em 1911

## Bombons e Chocolates finos

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do

**Cacao com aveia, Abelha** (Marcas registradas). — **Vinhos,  
Vinagres, Licores, Xaropes.**

**Licores Cusenier** fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricaçao do alcool absoluta-  
mente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricaçao dos licores  
finos que a Companhia prepara por destillação, com productos importados  
—directamente da Europa.

## Marmoraria

### Tomagnini

Especialidade em tumulos de  
marmore e granito polido

— Pietrasanta (Carara) Italia —

S. PAULO

Rua Paula Souza N. 85

Telephone, 3378 (Central)

## Ver, Decorar e Guardar

Progredindo economicamente, torna-  
mos invencivel o nosso reputado nome,  
assim é que pobres, remediados e ricos, to-  
dos se servem e recommendam os moveis da

### Casa Andrade

Por seu conforto, solidez e elegancia,  
e por preços sem competencia. Sortimento  
completo de mobílias para salas de jantar,  
dormitorios e salas de visitas. Infinitude  
de moveis avulsos.

SECÇÃO DE TAPEÇARIA  
ESPECIAL FABRICAÇÃO DE COLCHÕES

### Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

RUA BOA VISTA, 29 - Telep. Central 2286

A. DE ANDRADE & COMP.

# Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

Escritorio: Rua 15 de Novembro N. 36 — SÃO PAULO

Officina e Fundição: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Filiaes em Santos - Rio de Janeiro e Londres

IMPORTADORES de toda a classe de material para construcções e para Estradas de Ferro Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto, Tubos para abastimento d'agua, Material Electrico, Navios de Guerra, Reboadores, Lanchas e Automoveis «FIAT» etc.

FABRICANTES de Machinas de café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, parafusos e rebites, Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor — Constructores e Empreiteiros

AGENTES de Robey & Co. Fabrica «FIAT» (Automoveis) - Fabrica de Ferro Esmaltado «SILEX» - Comp. Paulista de Louças Esmaltadas - Societá Italiana Transarea «SIT» (Aereoplano e hydroaeroplanos Bleriot). - Soc. de Productos Chemicos «L. de Queiroz» etc...

DEPOSITO, FABRICAS e GARAGE: Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasileiro - Braz

ESTABELECIMENTO CERAMICO: Agua Branca - Telephone No. 1015

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. J., A.Z., Western União, Ibieber's, Bentley's e Ribeiro

## A COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS

TRANSFERIO A SUA SEDE  
SOCIAL PARA A

RUA DIREITA N. 35

Telephone Central, 1621 São Paulo  
Caixa Postal N. 828 ::

OPERA EM  
SEGUROS DE VIDA,  
TERRESTRES, - - -  
MARITIMOS E DE  
ACCIDENTES - - -

## EXMAS. SENHORAS

Ouvi um bom conselho:

Querets ter a vossa pelle alva, avelludada e liure de manchast Querets, emfim, ser formosast

Uzai em vossa toilette a

Agua de Belleza ou Perola de Barcelona

Não contém mercurio e nem outra substancia que possa irritar a vossa pelle.

Ouvi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, lopes e ondulantes; para ter a vossa cabeça liure de caspas e de quaesquer parasitas.

Usol, pelo menos, duas vezes por semana o

Petroleo Americano

magnifica loção preparada em kerozene dissoluido e purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

Drogaria Americana

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHMICOS L. QUEIROZ

RUA LIBERO BADARÓ N. 144

SÃO PAULO

## Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex-substituto da Polyclínica Geral em Vienna Ex-interno de clinica dos hospitais. Cirurgião do Hospital da Beneficencia Portuguesa de São Paulo Operador. Moléstias de senhoras.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4  
De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

## CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochet; tricot; filet, macramé, lace, Irivollité, Inhanduty (Te-reriffe). Artigos para confecção de fibras artificiaes. Machinas para bordar e todos os aviamentos para trabalhar com as mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de collo, com pés, de todos os tamanhos, lãs e linhas d todas as qualidades e grossuras, torções de seda e de algodão e mercerisadas, sedas para bordar, lavavel e d e Alger, talagarras de todas as qualidades, éta mines, setins, pellicias, veludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de côres. Papais crespos, dourados, prateados, pergaminhos cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se sempre promptos e fazem-se de encomenda bem como leitras e monogrammas. Aviam-se encomendas para o interior.

### Genin & Filho

RUA 15 DE NOVENBRO, 8-A — S. PAULO  
Telephone 1009  
Caixa Postal 204

## CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2 — SAO PAULO

As senhoras e senhoritas que desejem manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Secção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Crèmes, Gold-Crèmes, Leites, Ceras Loções diversas e de toda a especie de productos para Maquilage. Outrosim, recommendamos o nosso variado sortimento de Pomadas, Pós, Cosméticos, Vernizes e liquidos diversos para o tratamento completo de "Manicure".

BARUEL & CIA.

## Para tingir os cabellos

Podemos anunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda côr, desde o castanho claro, até o negro azoviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despeza do correio.

# VILLACA



**Guilherme Wessel**  
**Alchess**  
Telephone  
N.º 2001.  
(Cidade.)  
Rua dos Guapanazes 155.  
São Paulo.

## Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excellento constituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tónico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das moléstias consumptivas acima apontadas.



É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em maior proporção o *iodo vegetal* sobo intimamente combinado ao *tannino da vogueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.

É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e ás emulsões; dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: **Pharmacia e Drograria de FRANCISCO GIFFONI & C<sup>ia</sup>**  
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro



ANEMIA — NEURASTHENIA —  
FRACQUEZA — CHLOROSE  
DEBILIDADE  
E  
**TUBERCULOSE**  
MEDICACAO  
SEM RIVAL.  
CAPSULAS DE OLEO DE  
CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

## Manufactura de roupas

Para

Senhoras e creanças

Jorge Bassila

Rua Florencio de Abreu, 62

Caixa Postal, 706 — Telephone, 3284

São Paulo

Antes de montar a sua casa  
vejam as novidades em  
**Louças, Crystaes,**  
**Artigos para Presentes**



Importação directa

O melhor sortimento  
que recebeu a Casa Francesa

**L. Grumbach & C.**  
RUA SÃO BENTO, 89 - 91

**ORVALHO**

— DA —  
**BELLEZA**



O MELHOR  
CREME  
PARA A PELLE

**Pharmacia Castor**

Rua Alvares Penteado, 5-A



UM BOM FILTRO é  
o mais bello ornamento  
de vossa casa e o  
maior preservativo contra  
as molestias infecciosas,  
que expeitam o momento  
oportuno para se infiltrar  
em vosso organismo.

O unico filtro que vos  
fornecerá estas vantagens  
é o inimitavel

Filtro "Fiel"

A' venda na  
RUA SÃO BENTO, 14  
e em todas as casas  
de louças e ferragens  
de 1.a ordem.

Arsenio J. Silva

Secção F.—Caixa Postal 740  
Telephone 5185 - Central  
SAO PAULO

Peçam o catalogo  
ilustrado e mais  
informações sem  
compromisso algum.



**Iluminadora**

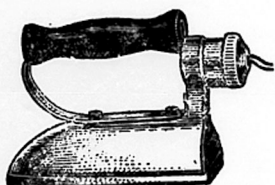


Fabrica qualquer armação para  
Abat-Jour e encarrega-se  
de qualquer serviço  
de electricidade

**Rua Boa Vista, 47**

# BYINGTON & CO.

ENGENHEIROS ELECTRICISTAS E IMPORTADORES  
LARGO DA MISERICORDIA 4  
S. PAULO



FERROS DE  
ENGOMMAR  
WESTINGHOUSE



Apparelhos e material electrico em geral para  
— Luz Força e Tracção —

Société Financière et Com-  
merciale Franco Brésilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de 1,1/2 e 1/4 de libra,  
o mais puro e aromatico.

Grande sortimento de licores «CUSENIER» de todas  
as qualidades.

Verniz especial «CHI-NAMEL» para envernisar soa-  
lhos, que substitue com vantagem a cera  
e é mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA de todas as classes,  
com especialidade em arados, cultivadores, etc.  
dos melhores fabricantes Norte-Americanos.

□□□

Pedidos e informações á

R. S. Bento, 43-A Caixa do Correio—K  
SÃO PAULO

## Epura

curo rapido e infallivelmente GOSTAS das creanças  
FURUNCULOS (cabços de prego) — ECZEMA — MÃO BRABITO —  
COMIÇCÇÕES — moléstias da pelle.  
DEPURATIVO IDEAL DAS FAMILIAS proporcioando logo ás  
primeiras doses um estado de bem estar geral.  
SEM DIETA — INOFFENSIVO.  
Tolerado pelos organismos mais delicados. Para todos os edades  
desde a creança de pelle. Em todas as drogerias. — S. Paulo

## HOTEL AVENIDA

O MAIOR  
e mais importante  
do Brazil

Aposentos  
PARA  
500 pessoas

DIARIA A PARTIR DE 10\$000  
End. Telegr. Avenida - Rio  
de Janeiro

Bahia, 29 de Agosto de 1917

Illmos. Snrs. VIUVA SILVEIRA & FILHO

Rio de Janeiro

Amigos e Snrs.

Venho por meio d'esta agradecer-vos a cura que o vosso efficaz **ELIXIR DE NOGUEIRA** do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, operou em um mez, na minha filhinha Amelia, de dois annos de idade, a qual tinha um padecimento de coceiras e tumores em todo o corpinho.

Vendo pelos jornaes as curas prodigiosas que o vosso **ELIXIR DE NOGUEIRA** tem feito, comprei um vidro e vi logo em poucos dias o resultado desejado e hoje dou graças a Deus, por ver minha filhinha radicalmente curada deste mal.

Aconselho a todã mãe que tiver os seus filhos no estado em que eu tive a minha, a usar o **ELIXIR DE NOGUEIRA**, como um grande purificador do sangue, para adultos e crianças.

Junto remetto a photographia de minha filhinha Amelia de Carvalho Branco, podendo publical-a.



De VV. SS.  
ATTA. CRA. OBRDA  
JUDITH DE CARVALHO  
Residente a rua do Pilar N. 77

Corte e envie sem demora este coupon á redacção da **Revista Feminina**

.....de.....de 191.....  
Sra. D. Virgínia de Souza Salles DIRECTORA DA "REVISTA FEMININA"  
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) - S. Paulo

Peço-lhe inscrever-me como assignante da *Revista Feminina*,  
por um anno, a começar em.....  
de 191..... e a terminar em.....de 191.....  
para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs.10\$000  
(em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....  
Lugar.....  
Estado.....  
Observações.....

# A Saúde da Mulher

✻ CURA ✻

## INCOMMOTOS DE SENHORAS



A escriptora e actriz dramatica

**Sofia Gallini**

**Verdades claras que  
valem por si proprias**

*«A Saude da Mulher  
é o maravilhoso prepará-  
do para curar radical-  
mente qualquer incommo-  
do de senhora — Sofia Gal-  
lini — Rio de Janeiro».*

Ha verdades cujo valor d'expressão têm mais força que qualquer tentativa verbal ou escripta no intuito de tornal-as mais flagrante e evidentes. A phrase popularisada e de tão larga diffusão que a escriptora Sofia Gallini (mais conhecida na imprensa do Rio pelo pseudonymo de *Sonia*) adoptou e assignou, afim de exprimir o seu exacto conceito sobre o remedio a que as senhoras tan-

to devem, encerra uma dessas verdades que não carecem de explicação mais clara do que o seu proprio enunciado. E assim é porque já não se discute mais, em therapeutica moderna, o tratamento das doenças do utero e ovarios. O emprego d'A Saude da Mulher para casos variados e diversos de perturbacões de regras é unanimemente reconhecido como o melhor e mais rapido processo de cura.

A Saude da Mulher combate eficazmente todas as affecções genitae, qualquer que seja o mal. Cura flores brancas, suspensões, fluxos, cólicas uterinas, irregularidades menstruaes, obesidade, dores rheumaticas. Essas duas ultimas doenças têm como causa directa o arthritismo. E está provado, por longa observação e demorado estudo, que A Saude da Mulher combate taes manifestações do fundo arthritico.

A Saude da Mulher cura, infallivelmente e em pouco tempo, todas as enfermidades uterinas, desde as da puberdade até as da idade critica.

Assignatura annual para todo o Brasil . . . . . Rs. 10\$000  
 Preço para a venda avulsa: 1\$000  
 O assignante tem direito, pelo preço de assignatura, aos números extraordinários (que não são vendidos avulsamente a 2\$000) e aos brindes.



Directores:  
 VIRGILINA DE SOUZA SALLES  
 JOÃO SALLES  
 Redacção:  
 Praça Antonio Prado 111  
 Palacete Hricola 11  
 Tel. da redacção, 9661, Central  
 Telefone da residência dos Directores N. 818 - Cidade

ANNO V

SÃO PAULO, ABRIL DE 1918

NUM. 47

# ABRIL



**O**s perigos do cinema... Outros assumptos, entre os quaes a guerra, retardaram nosso proposito de, por estas desalinhavadas palestras, dar resposta ás innumerables cartas que nos têm sido dirigidas por leitoras da *Revista*, pedindo uma campanha pela moralisação do cinema, assumpto que dia a dia se vae tornando mais urgente, com a crescente licenciosidade que tem invadido as telas. A numerosa correspondencia que sobre o assumpto nos foi dirigida ao mesmo tempo que provoca a oportunidade de darmos nossa opinião, consola-nos, e grandemente por vermos que já no nosso 5.º anno de existencia, as nossas patricias, começam a fazer de nossa *Revista*, um grande centro de crystallisação de todas as aspirações e sentimentos de nosso sexo, que até hoje viveu entre nós sem um meio de communicação de principios e idéas.

O espectáculo cinematographico, pelo seu preço e pela sua facil disseminação, veiu quasi asphyxiar o nosso theatro, que por sua vez na sua derrocada moral já se desencabrava no demantelo de seus ultimos esteiros, abandonado e maldito pelo bom publico. Tornou-se, nestas condições, o cinema unico dono do campo deserto de concurrencia. Nas noites vazias das cidades do Interior, — que aos homens já nem mais offerecem as pittorescas partidas de gamão com os boticarios, de que nos falamos os classicos da lingua, e ás senhoras deixaram de dar a occupação piedosa dos terços e novenas, — a familia e a famulagem... e muitas vezes os "bebês" da futildade moderna, os cachorrinhos de braço... não tendo onde ir, vão ao Cinema. Do mesmo mal, tambem, padecem as grandes Cidades, pois ainda não temos nem arte, nem organizações deleitosas que provejam ás horas de tedio ou pesadumbre. Nestas, por mais innocuadas haver, que nem só os da terra são, como os que de fóra vêm em busca de deleitação, os cinemas funcionam dia e noite. Invadiu assim o Cinema, pequenas e grandes cidades; e em cada uma dellas, como flagello que se não contenta, alastrou-se pelos bairros, e em cada bairro pelas ruas... Poz-se assim ao alcance e ao contacto de todas as camadas sociais; para elle, pois, não podem deixar de voltar-se as vistas do legislador e do moralista. Sua orien-

tação não deve mais estar ao alvedrio commercial do empresario que, como o botequeneiro, trata apenas de apurar no seu balcão o juro mais ou menos onzenario do capital empadado na sua industria, sem preoccupar-se com os estragos que vão causar ao organismo do cliente a zurrapa toxica, o carrascão inflammado, ou toda e qualquer beberagem que entre fitas, doirados rotulos, liveleta e laçarolas lhe pintaalgam a prateleira com as cores varias da aquarella pittoresca do vicio. Vende a moral deteriorada de sua mercadoria, a quem a quer comprar, como vende um segundo drogas saporiferas, e toxicas, e um terceiro as armas homicidas. Uma differença apenas os separa no seu commercialismo, e é que a estes fiscalisa a lei, enquanto que aquelle inteira liberdade concede. Não ha, no entanto, razão que tal differença justifique. A legislação que faz retirar dos mercados o legume e o fructo maisão, a carne putrescente, ou o genero deteriorado, que previne e castiga a fraude alimentar, para os alimentos do corpo, com mais rigor deve de ser exercida, no caso que nos occupa, vehiculo perigoso de ideas e aspectos concretos da vida, que mais maligna infecção pode levar ás almas, si fraudulentamente as alimentar.

O cinema é hoje um genero de consumo publico generalisado, que atrai o menino, o moço, o velho; o rico e o pobre; o amo e o creado; o patrão e operario.

Vae a elle o caracter temperado, que leva de casa a couraça de uma moral propria, mas vae, igualmente, o caracter inconsistente, a cera plastica que a suggestão pode modelar a seu sabor. Vae o cerebro do letrado, que tem criterio proprio e, pois, autonomo; mas vae, tambem, o cerebro ignorante e bronco, que se acanha para a luta forindo-se no alheio exemplo. E justamente maior é a parte dos segundos, que o letrado é a excepção, é percentagem minima. A tela podia ser aproveitada para a educação daquella maioria, para fortalecer-na na moral privada e civica e para eleval-a no conceito superior da vida e de seus fins.

E' este o papel que está representando o cinema? Não; preferiu o caminho contrario. Nelle explora-se o escandalo, a futildade, o amor illegitimo, as aberrações, as taras, o crime, todas as abjuras com que a miseria da carne pollue a criação divina. Insinua

nas almas candidas das creanças — de receptividade aguda — a malicia e a expertise malandra; derrama no coração ingenuo das esposas fieis o vitriolo do descontentamento, seduzindo-lhes o espirito fraco com a falsa belleza de inverosimeis herões, que, como os mais ignominiosos de todos os ladrões, escalam as janellas dos lares, para lhes roubar o que de mais sagrado nelles se contem; incita o povo ao crime ensinando-lhe o golpe mais habil, o estratagemma mais seguro, para abater a vida alheia e saquear-lhe os bens.

Nem só o beijo, o abraço, o gesto lascivo são offerecidos para sobremeia no prato doirado de paisagens maravilhosas a donzellas que ali vão e que aquillo deviam ignorar. Elle vae mais longe: Apresenta o vicio em todo seu inveridico esplendor, desde os vestibulos sumptuosos de palacios encantados, até a intimidade dos toucadores e das alcovas e das banheiras, onde se cuidam de menores cuidados, a concupiscencia, a lascivia, a indolencia e todos os demais peccados mortaes da carne, que parecem triumphar no seu septenario de putrefacção.

As almas simples, — e são as almas apenas puberes de nossos filhos — acabam por ter a impressão de que a virtude é a miseria e a incomprehensão dos deleites da vida; que o vicio e riqueza, obtida como seja, constituem o triumpho e a razão de ser da existencia. Vemos assim, pelo habito da platea, um conceito substituir outro; e não raro ou antes quasi sempre, palmas freneticas saudam o criminoso que consegue fazer vencer uma de suas manhas, ou que derrota os elementos da ordem, dos principios, da idea conservadora, que sob a forma policial lhe vão na alhetta para seu justo castigo.

Está se formando, assim, uma moral nova, que é a moral do cinema, na qual alem das liberdades que se permitem na tela, outras se tomam...

Querem saber qual é esta moral? Vamos tomar-lhe a definição a um empresario de cinema, nos trechos seguintes de uma carta que vimos endereçada a um escriptor, pedindo-lhe o enredo de uma fita: — "E' preciso, para o successo da fita, que haja um homem moço, bello, e principalmente forte, que possa impressionar as espectadoras. Este homem, maior protagonista, deve entrar em multiplass aventuras, em que sempre se revele

sem heroísmo sem far. Deve fazer scenas de exaggerado sentimentalismo e outras brutaes, em que não poupe valentes soccos, em que surra as mulheres, para as salvar em seguida de graves perigos. São as scenas que mais impressionam. Além disto deve montar bem a cavallo, para algumas correrias. Deve atirar bem. Em todas as aventuras deve atirar e distribuir golpes a mais não poder, salindo-se sempre bem, e... logrando principalmente a policia e os juizes. E' do que o povo mais gosta. As mulheres que tenham muitas toilettes e dos ultimos modelos, mas que não as vistam excessivamente. Com estes elementos teremos optimas cass."

Ahi está uma synthese candida da atmosfera do nosso cinema, por quem lhe conhece os escaninhos. E não é positivamente esta atmosfera que mães devem deixar que suas filhas respirem, nem maridos que nellas se intoxiquem suas esposas.

A suggestão do cinema é uma suggestão forte e real; vejam-se senão os noticiarios dos jornaes, nos quaes muitas vezes se extendem pormenores de crimes que se amoldam a fitas de fresco exhibidas nos cinemas locaes; casos outros de perdições e adultérios que ali se crearam com a vista continuada de scenas identicas, que acabaram por parecer normaes e em nada contrarias á virtude.

E' preciso reagir contra tão devastadora moral. Não esperemos que o governo se incumba desta fiscalisação. A politica rouba-lhe mais tempo do que as medidas de prophylaxia moral. E' um papai velho, obeso e bonacheirão, que não quer que o incommodemos com taes preoccupações embaraçantes, que lhe diminuam a renda dos impostos e que lhe perturbam a cachimbada modorrenta dos conchavos partidarios, que lhe alimentam o estomago voraz.

A fiscalisação deve ser nossa, das que têm a responsabilidade do futuro de seus filhos. Basta que tenhamos confiança na enorme força occulta que representamos como mantenedoras do lar puro, que é a base da sociedade.

"Boycotemos" o cinema amoral — permitam-nos a expressão franduna. — Deixemol-o vazio, vamos directamente á bolsa dos que o exploram, e rapidamente a propria ambição dos empresarios se porá a nosso serviço, modificando os seus programmas.

Realizaremos assim pacificamente uma transformação radical do cinema, que podendo ser uma escola de bons costumes tornou-se em vil pocilga, que enxovalha as vestes do corpo com o pó de suas cadeiras mal acedas e macula muitas almas com inoculação de uma moral sob todos os aspectos repugnante.

*Anna Rita Malheiros.*

## A' minha cesta de costura

Cestinha de costura tão querida,  
Sabes? ouvi zombar de ti agora,  
Por seres já velhinha e carcomida,  
Por não seres, é claro, tão garrida  
É tão faceira como foste outróra.

Tu nem calculas qual o meu tormento,  
Sentir-te assim exposta a uma risada!  
Foste prenda de mãe no casamento,  
Nunca estivemos longe um só momento,  
Minha cesta gentil, cesta adorada!

Se elle soubesse, aquelle meu filhinho,  
Quanta ternura e fé, quanta canção  
Tu guardas no teu seio com carinho,  
Havia de tocar-te de mansinho,  
Num gesto leve e brando de afeição...

Poderias contar a minha vida,  
Se pudesses fallar... Eu bem n'ó sei...  
Tens bocadinhos de alma dolorida,  
Que sabes bem de cór e de corrida  
Como sabes cantigas que eu cantei.

A ti, a ti sómente, eu confiava  
A camisa de rendas infantil,  
Que num enlevo santo preparava  
Para o filhinho meigo que eu sonhava  
Um cravo aberto por manhãs de abril!

Lembras-te quando a tarde esmorecia  
É eu me punha á janella, a costurar,  
Enquanto o meu olhar no céu corria,  
Bebendo a luz, a graça e a harmonia  
Tecendo em verso beijos ao luar?

Lembras-te? eras tu a confidente  
Do meu amor subindo num anseio,  
De todos os anhelos em que a gente  
Põe um suspiro e põe uma corrente  
Que vae de olhar a olhar, de seio a seio...

Lembras-te? ... Sabes toda a minha vida...  
Tu sabes... sabes sim, que eu bem n'ó sei...  
Tens bocadinhos de alma dolorida,  
Que sabes bem de cór e de corrida  
Como sabes cantigas que eu cantei...

*Irene de Sousa Pinto.*

# UMA ESCRIPTORA PATRICIA

D. Anna Cesar é uma das escriptoras mais brilhantes que a nossa civilização tem creado. É esposa do illustre militar tenente-coronel dr. Carlos Cesar.

Como rio-grandense, que é, nascida na visinhança dos pampas, tem a alma ardente. A sua personalidade litteraria é inconfundível. Ao contrario de muitas das nossas patricias letradas, que se comprazem em ir tecendo os seus versinhos innocuos ou rendilhando a sua prosa em torno de episodios sentimentaes que cheiram de longe á flor de laranjeira, ella, a forte patricia, cultiva a prosa masculina. Muitos dos seus artigos patrióticos são cheios de uma elevada e ardorosa eloquencia. As suas imagens, os seus conceitos, as suas idéas, sahidos ao acaso da penna na febre da composição, parecem, ás vezes, trechos de oratoria escapados a uma improvisação eloquente.

A distincta escriptora cultiva tambem, e com uma superioridade incontestavel, a litteratura de ficção, o conto, a phantasia, a chronica ligeira. E mesmo neste genero ella não se confunde com as suas demais companheiras de sexo e de letras. O seu estylo é sempre correcto e tratado com certo rigor.

Ella não é apenas uma mulher de letras, é tambem uma senhora de sociedade. Em Fortaleza, onde vive, como em outros Estados que tem visitado, goza da mais justa reputação pelas suas brilhantissimas qualidades pessoas e por suas altas virtudes.

D. Anna Vieira Cesar é uma senhora que honra a sua raça.

Para que as leitoras da nossa revista façam uma idéa da bella prosa que ella compõe, aqui transcrevemos alguns trechos, tirados ao acaso da sua já volumosa produção litteraria espalhada através dos jornaes e revistas do Rio e de outros Estados.

Dos seus artigos, subordinados á epigraphie «A guerra», insertos no *Diario do Estado*, de Fortaleza, Ceará, destacamos este trecho onde está bem caracterizada a «maneira» da illustre rio-grandense:

«Em carta endereçada pelo illustre redactor-chefe do DIARIO DO ESTADO, recebi o honroso convite para escrever alguns artigos sobre a guerra, assumpto já muito focalizado e desdobrado pelos maiores intellectuaes e por mim tambem, aqui, no Rio de Janeiro, Recife: Pará, desde o seu inicio.

Torna-se assim, se não difficil, pela importancia e vastidão do assumpto, pelo menos monotonico, dada a seriação dos mesmos tristes acontecimentos que enlutam e infelicitam a Terra, sem mesmo saber-se bem definir a estrutura psychologica dessa monstruosa e infernal obra de destruição.

No decurso luminoso da paz que vinha robustecendo o aperfeccionamento multi-secular, eis que de improvizo estacam-se, paraliçam-se todas as energias vitalisadoras do mecanismo social, ante os arremessos da hydra voraz que, pretextando a

causa servia, aggride pacificas nações que heroicamente se defendem.

Envoltos quasi de surpresa no turbilhão devastador, se entrechoam em reñidos combates, debatendo-se entre destroços, dilacerando-se, destruindo-se em sanhas interminaveis.

Sob a angustiosa pressão dessas desgraças que estão tambem a pungir o coração da patria brasileira, minha penna sente difficuldade em dizer o que penso, ao sermos obrigados, por um compromisso de honra, a partilhar dessa faina exterminadora.

Escuro pelago em que se têm submerso milhões de vidas, incalculaveis monumentos de arte, monstros blindados piqueados nos profundos abysmos das aguas, bandos de passaros mechanicos dominadores das alturas e milhões tambem de barras de ouro, fundidas em moedas e transformadas em engenhos destruidores na estupefacta arte de matar!

Em pleno seculo das luzes, quando se havia pensado em erigir o monumento da paz universal, idealisada pelos sonhadores de Haya, eis que o mundo se revolta e desmorona, a golpes tremendos, essa linda utopia, transformado em besta feroz, amontoando cadaveres, ceifando e devastando, e quecido de que, ha hem pouco ainda, pretendia cingir o manto redemptor, sob a égide do anjo de niveas azas.

E, quando forem dissipadas as brumas da horrida chacinca e levantar-se a alma jurilica da posteridade, para julgar essas paginas colossaes desdobradas no inmensos livro do tempo, apontando aos seculos os maiores reños da indescriptivel tragedia, que não sejam os brasileiros, dos que temem de vir a ser accusados,

que não sejam elles os violadores das leis da humanidade, matadores de velhos, mulheres e crianças, demolidores, barbaris lotes da civilisação.

Não queriamos a guerra: — ella nos foi imposta e uma vez assumida a responsabilidade do excepcional momento, não mais temos a fazer senão cumprir o dever, abstrahidos de todo e qualquer outro pensamento que não seja o de ver o Brasil respeitado e enaltecido.

Não temos ambições fóra do nosso territorio vasto e opulento em dadas naturaes.

Disposmos de todos os elementos para satisfazer as maiores aspirações, sem precisar de conquistar terras alheias.

O Brasil cruzará armas com o adversario, reagindo com a dignidade, a energia e altivez do momento, não entrando em guerra senão como uma escola de heroismo, caminho por onde têm de passar, depurando-se, as bases de uma paz duradoura.

Nenhum outro motivo menos digno deve animar-o.

Luctará pelos sagrados direitos «pelos quaes existe o mundo».

Os direitos que irmanam todos os povos e raças, os direitos de justiça e liberdade que nenhuma outra soberania admite, a não ser aquella que resulta de seus proprios fundamentos juridicos.



D. Anna Cesar

# A lenda

## [SUPERSTIÇÕES



*Judas, sabendo que aquella mulher de Maria Magdalena podia ser vendida por trezentos talentos, considerou-se comprado.*

Certa vez, ha annos, para convalescer de uma enfermidade que me deixara muito prostrado, fui passar alguns dias, a conselho do meu medico, num pequeno povoado do norte de S. Paulo. Poucas casas. A melhor e a maior de todas era uma velha habitação construida de barro socado, chata, com seis janellas baixas, quasi ao rez do chão. Era a «casa grande», como lhe chamavam os caipiras. Fóra da zona povoada, dispersas de longe em longe, ora num fundo da planície, ora destacando-se num socalco de morro, só se viam casebres de pão a pique cobertos de sapé.

A estrada, larga e vermelha, atravessava o povoado, ondulosa, bordada, de banda a banda, de uma vegetação rasteira e empoirada. Todas as terras que se avistavam em torno eram nuas de vegetação. Aqui e alli, raramente, uma moita de arbustos rasteiros. Terra pobre e população indolente e mal nutrida.

Era sabbado da alleluia. Ao meio dia, os sinos da capellinha começaram a bimbalar alegremente. Um grupo de garotos, na estrada, armados de vara de bambú,

flagellavam um boneco de panno, destripando-o das palhas que o entumesciam. Parei a olhar. Os garotos, cansados de malhar, davam berros e cabriolavam em torno de um monte de palha e trapo, que era tudo o que restava do «Judas».

Ao meu lado, divertindo-se com aquella algazarra, estava uma mulher. Era uma velha cigana.

— Estes moleques!... exclamei, olhando para a mulher, no desejo de entabolar conversação.

— Fazem elles muito bem. Um judas não merece outra coisa. Todos os annos elle tem de ser castigado pelo mal que fez a Jesus.

— Que é que sabe você disso? Conte lá.

— Ora, sei o que todos sabem, o que anda pelos livros. Eu não sei ler. Mas tenho boa cabeça. O senhor não sabe a historia do judeu?

— Está claro que sei. Li nos livros.

A velha sorriu, com uma ponta de ironia, mostrando as gengivas desguarnecidas de dentes.

— Leu nos livros... repetiu. Pois tudo que eu sei aprendi de ter ouvido. As nossas historias são conservadas de paes a filhos, de familia a familia, de maneira que as vamos guardando de memoria. A verdade é como a agua da fonte. O povo vae á fonte encher a sua cântara antes que a dê ao rico para beber. Porisso que o povo tem sempre a sua agua fresquinha.

— Mas ás vezes quebra a cântara...

— Ora, «seu» moço... Então diga lá, Judas, já que êtão «sabido»: ent que arvore é que se enforcou Judas?

— Num ramo de salgueiro, arvore que conhecemos com o nome de chorão. Como essa arvore é de pouca resistencia, quebrou-se a rama ao peso de Judas e deu com elle em terra.

Jesus! Jesus! Que arvore tão fraca! Por pouco que Judas não se enforcou num galho de junco ou numa folha de couve. Não é nada disso. A historia é outra, Ouça lá, moço:

A velhota compoz o lenço vermelho com que cobria a cabeça, apertou-lhe mais o nó, na nuca, e começou a narração.

— Em tempos de Octavio e de Tiberio, imperadores de Roma, havia em Jerusalem um homem chamado Simão, com sua mulher. Esta mulher, uma noite, levantou-se da cama aos gritos porque tinha sonhado que déra á luz o proprio demonio. O marido tentou acalmal-a, dizendo-lhe que os sonhos não valem nada. Ella, porém, não se convenceu, e com razão, como o

# do chorão

CAIPIRAS]

por *Josephina de Lacerda*

enhora vae ver. O filho que lhe nasceu foi Judas. Tinha o tamanho de um pepino. Pequenininho, mas não como elle só. Ainda engatinhava, quando, uma vez, encontrou ao alcance da mão uma faca. Não sei como arranjou força para pegal-a pelo cabo e com ella quiz degolar o proprio pae. E veja o senhor o que são as mães. Ciboréa sabia, pelo sonho que teve, que o seu filho era o proprio demonio. Pois, apesar disso, tratou de desculpar o filho, convencendo Simão que aquillo não passava de uma travessura de creança. Mas Judas repetiu a travessura, e o pae, desta vez, zangou-se e quiz esganar pela guela o «creança», que dia a dia ia-se tornando mais damnhinho. Os paes, desanimados, resolveram abandonal-o. Metteram-n'o dentro de uma cuba e o lançaram mar fóra. Ciboréa, como boa mulher que era, chorou tres dias a fio. Como naquelle tempo não havia lenço, ella enxugava as lagrimas no avental. Molhou todos os aventaes que tinha. A cuba navegou, navegou, rolando nas ondas, e arribou ao porto de Escariotes. Uns pescadores, que estavam alli, abriram a cuba a ver o que tinha dentro. Judas berrava como um perdido. A rainha dessas terras, ao saber do achado, quiz ver o pequeno. Ella não tinha fillos. Condoeu-se delle e adoptou-o. O marido della, Herodes, estava ausente. Logo depois a rainha teve um filho, de verdade. Logo que nasceu o principe, Judas entrou a ralar-se de inveja e de odio. Todo o seu pensamento era tirar-lhe a vida. Maltratava-o a todo momento. Ora, os paes, vendo que o filho, todo o dia, apresentava novas feridas pelo corpinho, separaram-n'o de Judas. O principe foi para o salão e Judas para a cozinha.

Quando este viu que o tratavam como prato de segunda mesa, sentenciou a morte do principezinho. Esperou que o rei fizesse outra viagem, arranjou um punhal e de um só golpe atravessou o coração do menino. Feita a façanha, fugiu. Quem é capaz de pintar a dor da rainha, que poz preço á cabeça de Judas, os impossiveis que fez para que'lo trouxessem vivo ou morto? Inutil esforço, porque os seus dias não estavam contados e as suas façanhas tinham de ser mais famosas. Foge p'ra aqui, foge p'ra alli, cae aqui, levanta-se acolá, correu o damnhinho de terra em terra, até que foi dar com os seus ossos em Jerusalem. Governava aquellas terras Poncio Pilatos, em nome do imperador Tiberio. Tanto é verdade que a tinha é irmã da sarna, que no fundo são eguaes todos os poços, que a cauda vae sempre pregada ao cometa, que pé doente só pôde calçar chinellos velhos, quanto é verdade que Judas, logo que pisou terras de Jerusalem, entrou logo



... e abriga nos braços que ita se beijasse á sua sombra.

ao serviço de Pilatos. A principio foi recebido como creado, mas acabou como mordomo.

Perto do palacio de Pilatos havia uma horta de um mercador galiléu. Uma vez, da janella, viu Pilatos uma macieira carregadinha de maçãs, como não se encontrava igual pelos arredores. A arvore dobrava-se ao peso das fructas. Pilatos arregalou o olho, guloso. Judas, logo que se inteirou do appetite do seu amo, em vez de procurar o dono da horta e propor-lhe, com bons modos, a compra das maçãs, saltou o muro e, armado de um cajado, foi deitando abaixo as fructas para encher com ellas a tunica. O mercador surprehendeu-o no roubo e deu o alarme. Judas, com o cajado, deu-lhe tão grande golpe na cabeça, que o atirou por terra, morto. A esposa, que acudiu em soccorro do homem, dava gritos desesperados.

Pilatos, ao ouvir aquella gritaria, veio indagar e que era, e prometteu á viuva fazer justiça. Enquanto duravam as contas entre a viuva e o governador, Judas se escapuliu, indo esconder-se na adega do palacio.



*Jesus esse tempo, essa arvore, despostosa, deitou pender para o chão os galhos tristes.*

O processo eternizava-se. Os preitos de justiça eram antigamente como os de hoje: duravam muito ou não acabavam nunca. O governador, enquanto conservava Judas escondido, tratava a viúva a vela de libra. Encheia-a de presentes e guloseimas. E, à força de promessas e boas palavras, conseguia convencê-la de que o melhor meio de reparar aquelle mal, pondo terra sobre o conflicto, era que ella, a viúva, se casasse com Judas. A mulher arripou-se. Mas Pilatos propoz-se para padrinho e explicou que casamentos mais escandalosos se faziam constantemente em Jerusalem.

As bodas celebraram-se, exigindo Judas de sua mulher que nunca lhe perguntasse nada da sua vida anterior. Ella prometteu. Mais facil é, porém, pôr portas a um campo que ferrolhos a curiosidade da mulher.

Uma noite, conseguiu ella que o seu marido lhe contasse alguma coisa do seu passado, uma migalha que fosse. E elle contou, contou invertendo as coisas, como falso e Judas que era. Contou o assassinato do filho da rainha, dizendo que elle, Judas, é que era o filho assassinado e que o outro, o falso filho, é quem gosava as honras de príncipe. A' maldida que elle ia contando essas mentiras, a mulher a ficando fria, fria, até que, por fim, cahiu para traz como morta. Ao voltar a si, entre gemidos e lamentos falou assim :

— Desventurados de nós, porque se cumpriu o sonho que tive quando loste engendrado numa hora maldita! Eu sou Ciborêa, tua mãe, e aquelle a quem tentaste matar, por duas vezes, era teu pae.

Judas, com horror, fugiu dalli.

Em Jerusalem havia um homem que andava curando doencas da alma. Era Jesus.

O unico bom proposito que teve Judas em sua vida, foi procurar Jesus, e atirou-se aos seus pés, pedindo perdão das suas culpas e rogando-lhe, por Maria Santissima, que o recebesse como discipulo.

Jesus perdoou a Judas e o admitiu em sua companhia, sabendo, naturalmente, que tinha de ser trahido. O falso apostolo administrava os bens do Mestre e dos Discipulos, reservando para si uma parte dos dinheiros e coisas de comer e beber que lhes davam os fieis de Jerusalem. Era uma taxa que elle cobrava como premio do seu trabalho. Veja o senhor como o imposto é coisa antiga... Judas conveiu em que, a toda quantia entrada, lhe correspondiam uns tantos por cento. Compreendeu: Assim é que, quando, em casa de Simão o leproso, Judas ouviu que certo unguento podia ser vendido por trezentos dinheiros, considerou-se roubado, porque se Maria Magdalena, em vez de vertel-o sobre a cabeça do Mestre, o houvesse dado a Judas para o vender, este vendel-o-lhe facilmente, apurando trianta dinheiros justos, que são os dez por cento que elle reservava para si. Estes trinta dinheiros entraram-lhe na cabeça dahi em diante e elle jurou a si mesmo que os havia de cobrar, fosse e como fosse.

O que se passou depois, o senhor sabe, todo mundo sabe: foi a trahição, o beijo, a prisão, as affrontas, a corôa de espinho, o Golgotha. Com o dinheiro da trahição comprou Judas a corda e correu os campos de Jerusalem à procura de uma arvore para enforcar-se. Seus olhos viram uma linda arvore que se mirava no espelho de um lago. Ahi poun. As ramas daquella arvore eram voltadas para cima, ao contrario das outras arvores, que têm sempre os galhos meio inclinados para o chão. Parecia que ella queria receber, primeiro que as outras, os favores do céu, em forma de chuva e sol. Em suas folhas não se escondia nenhum bicho daminho, vermes ou formigas, e sim os mais bonitos passarinhos, de plumas douradas e cantos sonorosos, que, d'ahi, sandavam o sol pela manhan e a lua ao cair da noite. Tudo, naquella arvore, era frescura, sombra, alegria e belleza; servia de para-vento nas tormentas, de guarda-chuva nas tempestades, de harpa os ventos que lhe roçavam as folhas e de abrigo aos noivos que iam beijar-se à sua sombra. Era um paraíso, sem a serpente nem a maçã. O proprio lago não se animava a encrespar-se à aragem para não alterar a imagem da arvore que se espelhava nelle.

Assim era o salgueiro quando Judas se enforcou nelle, ha vinte seculos. Desde esse tempo, a arvore, desgostosa, deixou pender para o chão os seus galhos tristes. Nascido à beira d'agua, parece que a agua é o deposito das lagrimas que elle chora. Os passaros desertaram d'elle e desde então só o procuram os vermes, as formigas e outros bichos daminhos. Buscam abrigo entre as suas folhas o notitôbo, a coruja e o morecego, que são os más espíritos da noite. O chorão ainda sente na medulla do seu tronco as sacudidelas do corpo de Judas nas angustias da agonía.

— Esta é que é a verdadeira historia do chorão, rematou a velha, compondo, ainda uma vez, o lenço de ramagens que lhe cobria a cabeça.

— Mas isto é uma historia inventada.

— Inventada! fez ella com espanto. Diga-me, moço, como é que se explica que essa arvore seja a unica que não cessa de chorar as penas da humanidade? Todo mundo a conhece pelo nome de chorão.

Tal foi a historia que ouvi á piedosa velhinha. Pena é que eu não pudesse transmitil-a, tal como a ouvi, na sua linguagem pittoresca e eloquente.

# DIALOGO DOS VERMES

Tarde fria e chuvosa. No cemitério. Mãos unguidas de piedade deitaram rosas e perpetuas rixas sobre o monte de terra fresca que enche a cova. O cortejo, que acompanhou o morto, volta ao passo fúnebre dos cavallos empenados de crepe. Alguem deixou-se ficar no cemitério, deante da cova recém-fechada, molhando o rosto de lagrimas caudalosas e arrancando os cabellos, que sangram pela raiz.

O morto, porém, indiferente áquellas lagrimas e áquella angustia desesperada, deixa-se ficar no fundo da cova, apertado no seu caixão de carvalho, forrado de velludo negro e enfeitado de galões de ouro que a humidade do sub-solo começa a enxovalhar.

Depois da morte é que a vida começa a sua obra de destruição.

Quasi que ao mesmo tempo, embora por direcções diferentes, chegam dois vermes. Um é velho, outro é joven. Encontram-se no mesmo sitio, perto das alças do caixão. Reconhecem-se, cumprimentam-se, ondulando os anéis do corpo, e travam, no fundo da cova, este dialogo:

O JOVEN — Vamos tentar ?

O VELHO — Tentar o que ?

O JOVEN — Penetrar no caixão, para iniciar o eterno repasto dos vermes.

O VELHO — Impossível.

O JOVEN — Porque ?

O VELHO — Porque o caixão é de carvalho. Seria tempo perdido.

O JOVEN — Pois que ! Então ninguém entra nesse caixão ?

O VELHO — Entra. Entram todos. Mas, antes que entre alguem, é preciso que nelle entre o tempo.

O JOVEN — Coisa desagradavel ! Haverá nada mais estúpido que empregar o carvalho para o fabrico de caixões ?

O VELHO — E' verdade. Ha homens que fazem isso.

O JOVEN — Atrazam o nosso banquete.

O VELHO — Por certo. Atrazam-n'o de annos, de muitos annos até. Em compensação, como não ha mal que não venha para bem, essa mesma difficuldade para nós é ama garantia de abundancia e de socego para outros vermes, nossos irmãos, que são os que estão dentro do caixão e que a esta hora começam o seu repasto.

O JOVEN — Que espertos que são ! Metteram-se lá dentro antes de nós.

O VELHO — Não são tão espertos como pensas. Muitos delles são até, por certo, muito inexperientes.

O JOVEN — Compreendo. Elles entraram no caixão de surpresa, emquanto o caixão estava aberto.

O VELHO — Nada disso. Nem de surpresa, nem por habilidade. O defuncto leva-os consigo.

O JOVEN (num gesto de espanto) — Eram amigos ?

O VELHO — Não.

O JOVEN — Então não pecebo.

O VELHO — Não são propriamente amigos, mas, mais do que isso, faziam parte do corpo. Quando os homens, que tu viste de pé, choravam, despedindo-se deste, que se acha deitado em baixo da terra, os vermes, que ficaram nos corpos daquelles, despediram-se, chorando, dos que desceram com o corpo deste. Entre uns e outros vermes houve trocas de adeuses, acompanhadas de lagrimas.

O JOVEN (surprehendido por tanta finura) — Quanta coisa ha neste mundo ! Quanto mais se vive mais se aprende.

O VELHO — Pois essa é a vida. Lagrimas e sorrisos.

O JOVEN (meio sonhador) — Lagrimas e sorrisos... Até parece o nome de uma valsa. E dize-me, ó verme experiente, a lagrima dos vermes é sincera ?

O VELHO — E' como a dos homens : ás vezes sim, ás vezes não. Lembras-te daquella mulher que ficou em cima, ajoelhada ao pé da cova, arrancando os cabellos ? As suas lagrimas eram as unicas sinceras.

O JOVEN — E as dos outros, que voltaram ?

O VELHO — Era o pranto do estudo.

O JOVEN — Mas tu disseste uma cousa que me está preocupando,

O VELHO — O que é ?

O JOVEN — Disseste que muitos de nós estão no corpo dos que morrem.

O VELHO — E dos que vivem tambem.

O JOVEN — Então os homens são os ascendentes dos vermes ?

O VELHO — Ascendentes ou descendentes, não sei. Nunca estudei biologia. Nós, os vermes, fazemos a biologia. Sei apenas que entre o verme e o homem ha um parentesco immediato.

O JOVEN (cuspihlando para o lado) — (Que nojo !

O VELHO — Os homens dizem a mesma coisa.

O JOVEN — Estão no seu direito.

O VELHO (que tem suas tintas de sciencia barata, num tom dogmatico) — De resto, tudo no mundo é igual e se origina da mesma essencia ou substancia original.

No mundo, não ha senão uma differença exacta e verdadeira : a da fórma, porque, no fundo, todos somos o mesmo : um pouco mais de ferro para ser mineral, um pouco mais de fibra para ser vegetal, e um pouco mais de phosphoros para ser carne. Tu, quando vê a carne, não te preocupas senão com o póro onde vaes penetrar para ahí fazeres o teu repasto ; não sabes se essa carne pertence a um homem ou a um cão. O destino do verme é roer e não pensar. Eu mesmo, como verme, já estou fazendo exaniria philosophia. O que é verdade é que toda carne, de homem ou de cão, tem o mesmo sabor. E' isso o que nos importa.

O JOVEN — Eu gosto de qualquer carne.

O VELHO (com inveja) — E' porque és joven, ainda tens bom estomago. Quando tiveres a minha idade, conhecerás os desgostos da dispepsia.

O JOVEN — Eu tenho sempre bom appetite.

O VELHO — Eu tambem já o tive, em tempos que já lá vão. Hoje, só me appetee a carne apodrecida, porque é mais tenra.

O JOVEN (transigindo) — Realmente, não ha manjar mais saboroso...

O VELHO — Se eu pudesse dispor do meu destino futuro, gostaria de nascer verme.

O JOVEN — Eu, não. Gostaria de nascer coqueiro.

O VELHO — Porque ?

O JOVEN — Porque não enterraria nenhum defuncto em caixão fechado. Abril-o-ia, para facilitar a entrada dos vermes.

O VELHO — Ficam-te bem esses sentimentos de piedade. Nós, os velhos, somos mais egoistas.

Aqui termina o dialogo fúnebre. Os dois vermes separaram-se. O velho subiu e o joven aproximou-se do caixão, examinando-o, contornando-o, a ver se encontrava uma abertura para penetrar.

Em cima, junto á cova, joelhos em terra, alguem continuava a derramar a sua caudal de lagrimas, arrancando os cabellos, de angustia.

MANOEL LINARES

**BROMO-QUININA**

Dr. E. W. GROVE

CURA promptamente qualquer constipação.

# JUSTIÇA E RELIGIÃO

A desmoralização crescente que está cercando a nossa justíça feriu a atenção do actual ministro, dr. Carlos Maximiliano, que fez declarar pela imprensa que tem procurado saneal-a, e que, para isto, tem regularmente apurado todas as queixas que lhe são enviadas, venham de onde vierem, mesmo por simples carta.

Effectivamente a passagem do dr. Maximiliano pelo Ministério da Justiça ficará assignalada pela inquebrantável honestidade e excepcional zelo com que tem elle tratado de todos os assumptos que dizem respeito com a sua pasta. Espirito de alto destaque e caracter raro nesta epo:ca de accommodatícios tem elle sabido escapar aos interesses das camarilhas politicas, e impôr-se como um dos homens com os quaes pôde o Brasil contar para a empreitada bem ardua de seu reequilíbrio moral, após annos e annos de tumulto anarchico, por incompreensão dos principios de democracia. Modesto por indole, e pela sua propria superioridade, não tem querido pagar com o dinheiro publico, o elogio facil de certa imprensa, sempre prompta a endeusar os que lhe comprehendem e subvencionam a rendosa industria, como regularmente tem feito a maioria dos nossos ministros, creando uma popularidade ficticia, que só a elles proprios illude, e que rapida desaparece, desde que lhe não ficam ás mãos os cordeis da escarcela rota dos orçamentos. Eis a razão pela qual sua acção altamente moralisadora, seu esforço culminantemente productivo, sua intransigencia notoriamente severa, que deviam fazer de seu nome um nome eminentemente popular e desde logo indicado para as mais altas funcções, têm passado despercebidos do preconceito daquelle imprensa. Ao contrario: sua energia seguida e firme, destituindo magistrados relapsos, deixando de reconduzir outros que se revelaram incapazes da alta investidura de destruidores da justíça, tem provocado a grita desenfreada dos interessados em que perdue a immoralidade que se vae alastrando por todos os ramos da administração publica, num regimen de desfalques e de ignominias.

A situação actual da justíça brasileira pedia, no entanto e com urgencia, um caracter decidido como o do illustre brasileiro, para que se desenhovasse um dos sacerdocios mais augustos, tal seja, o do juiz.

Entrevistado sobre o estado precario a que chegou a justíça no Brasil, o ministro Guimarães Natal, do Supremo Tribunal Federal, declarou textualmente que «basta que tivessesmo vinte e um homens dignos e honrados para saneal a justíça deste paiz». Nesta declaração da parte de um ministro de nossa mais alta corte encontramos uma desoladora synthese da acção aviltante da politica sobre a

magistratura!... As reticencias, porém, que ella encerra, foram preenchidas por um outro Ministro do Supremo Tribunal Federal, o dr. Pedro Lessa, que em entrevista publicada pelo mesmo jornal, declara: «E' assim mesmo. Mas onde haveremos nós de encontrar aquelles vinte e um homens honrados e dignos? Não creio que na nossa politica se encontre facilmente tal numero de individuos dignos e honrados (21!)...» para os cargos de governadores do Estado!.

Causa assombro, pasmo, dôr profunda, quasi a sideração de um raio esta revelação! Já chegamos, então, a tal extremo gráo de immoralidade, tocou nosso povo as raiaes de tão inaudita depravação, de tal espantosa amnesia moral, que se possa descrer da existencia de 21 homens honestos na nossa administração?

Realmente, no entanto, o crescente achavamento de nossos costumes e de nosso caracter vae dando direito a tão cruéis quaes tristes conclusões.

O sr. ministro Pedro Lessa é, neste momento, uma das nossas maiores mentalidades. Na sua especialidade, como professor de Direito, ninguém lhe faz favor de o collocar entre os primeiros do Mundo, podendo occupar cathedra identica á que illustrou em S. Paulo, em qualquer das universidades de Londres, Paris, Berlim ou Roma. Sua competencia em materia de Direito é tão grande quanto a de Ruy Barbosa, João Mendes, Clovis Bevilacqua e outros de nossos notaveis professores e juriconsultos. Mas nem só o Direito occupa as prateleiras bem povoadas de sua bibliotheca. A amplitude de seu espirito, de uma capacidade de apprehensão quasi genial, abrange todas as questões sociaes, todos os problemas que dizem com a vida de nosso paiz, e com a sociedade em geral. E' ao mesmo tempo um historiador, um geographo, um sociologo, um philosopho, um psychologista, de onde lhe advem á palavra uma variedade assombrosa de colorido que encanta, attrae e domina.

Como magistrado, no exercicio da investidura de Ministro de nosso mais alto Tribunal, para a qual o foi buscar o Governo, espontaneamente, como uma justa consagração a seu vaal—Pedro Lessa é um nome impoluto e inatacavel; a verdadeira encarnação da justíça serena, conscienciosa e recta. Empenhado agora como se acha na campanha nacionalista, na maior, mais nobre e mais necessaria campanha que até hoje se tem tentado neste paiz, está o dr. Pedro Lessa em contacto com a nossa sociedade por mais um de seus prismas. Assim, pois, sua palavra torna-se decisiva neste assumpto, que conheceu como advogado, como propagandista, como professor, como magistrado, como philosopho e sociologo.

Doas causas são para o ministro Pedro Lessa as que têm motivado a decadencia de nossa justíça: A ignorancia, gerando a incompetencia e a falta de cultivo do sentimento e da vontade. E' assim conclui: «Um caracter solido aliado a uma solida illustração não permite que a mão de um juiz trema ao assignar uma sentença, apesar do jogo das pretensões oppositas e dos interesses da politica.»

O Brasil já teve, no entanto, durante a monarchia, uma justíça quasi perfeita e austera. O povo é o mesmo, a nação é a mesma; alguma causa nova deve de ter influido para o abastardamento de nossa justíça.

Vienos da monarchia um povo bom, leal, honesto, que por um fio de barba se prendia de morte num compromisso, sem necessidade de escripturas publicas, registros e outras manigancias burocraticas, para manter sua palavra varonil dentro das normas do mais intransigente caracter. Veiu a republica civilisar-nos, encontrando-nos num estado que ella reputava proximo da selvageria, porque ainda tinhamos honra, pureza, familia e creanças.

Mandou-nos arregaçar as barras das calças, afiar as unhas nos gabinetes das manicuras das philosophias opportunistas, raspar os bigodes que eram signal de uma virilidade intransigente, trocar a cartilha simples da honestidade christan pelas doutrinas capciosas dos demagogos doutrinarios dos roubos sociaes, enquanto punham na alma de nossas mulheres a ambição inconsequente do luxo, da inutilidade, e portanto, de todos os vicios. Rapidamente sua obra de envilecimento, vinda do alto, das classes dirigentes, contamineu o povo. (Os primeiros desfalques alarmaram; os ultimos provocam apenas um riso bochechoso, como uma patusada, uma leria, uma expertise sem consequencias. Ser honesto tornou-se synonymo de ser burro, perdoem-me a expressão os ouvidos delicados...)

E qual a causa unica de nossa degradação? Qual a causa unica da nossa immoralidade administrativa, que nos foi invadindo o lar, outr'ora sereno e puro, e onde hoje se dança o tango, o maxixe e todas as danças de serrallo que a decadencia viciosa da Europa nos mandar dizer que são de bom tom?

Unica e exclusivamente o repudio de nossa antiga crença, o repudio de nossa religião, na qual se creou, se consolidou e se manteve o velho e inquebrantavel caracter do brasileiro de antanho, por cujas barbas se podia jurar. Nós tinhamos uma crença, o que quer dizer que tinhamos uma moral, e sobre ella baseavamos os nossos ideaes, realizando a trilogia da san evolução. Deixamos de crer; perdemos a moral que nella se ba-



# PARA AS JOVENS DESPOSADAS

Um venturoso, dia cheio de luz! Quanto tempo o esperou, o desejou, ansiosamente, a moça para ver brilhar em seu dedo o anel de desposada! Em seus sonhos mais remotos aparece sempre esta preocupação

Quando, por fim, a almejada aurora illumina o horizonte com suas tintas de ouro e rosa, a joven sente-se possuida de um prazer immenso, de uma emoção indizível: este acto não representa apenas para ella a alegria intima de haver encontrado uma alma irmã da sua, porém, ainda mais, representa o triumpho de haver sido escolhida, de saber-se preferida a todas as demais suas amigas.

Mas, se a satisfação, doce e profunda, que inunda a alma de uma joven desposada, é legitima, a vaidade que a enflama, julgando-se superior ás suas companheiras, é injusta.

Para inspirar-vos nos sentimentos que devem animar o vosso espirito, oh! jovens! quereis meditar commigo as razões que determinaram a eleição que haveis merecido? Se o vosso amado vos preferia entre muitas, deve-se, em primeiro lugar, á vossa procedencia de familia honrada: vosso paê respeitou sempre lealmente as regras da vida moral, e, ao mesmo tempo, vossa mãe velou pela dignidade do lar. Essas são garantias suficientes para vosso futuro esposo. O passado dos vossos paes é para elle uma certeza moral da vossa conducta futura. Não concordades com isso?

Pois bem: esta vantagem, essencial entre todas, que offerceis aos seus olhos, a quem a deveis? Vós a possuís por merito proprio? De modo nenhum. A vossos paes, somente a elles é que deveis.

Outras razões determinaram, porventura, e eleição que se fez de vós? Vossa belleza, vossa fortuna... acreditas que estas coisas contribuiram para o vosso exito? E esses tão apreciados bens, fortuna e belleza, foram conquistados por vós, pelo vosso esforço, por vossa iniciativa? Claro que não.

Vossa educação? Mas a vossa educação não é, acaso, o fructo da constante solicitação dos vossos paes? Elles, desde a vossa mais tenra infancia, procuraram sempre reprimir em si todo o máo impulso, afim de offercer aos vossos olhos innocentes os exemplos edificantes de amor e mansuetude. Elles assistiram ao despertar da vossa consciencia, para de-

*Palavras que devem ser meditadas. O orgulho dos primeiros annos, Maneira de o reprimir. Vaidade injusta. Orientação que deve ser dada á filha. Honra aos paes. A educação conscienciosa.*

senvolve-la e fortalece-la em todos os principios da verdade e sã moral.

Ensinaram-vos o dever, não só com discursos aridos, mas de todas as fórmãs possíveis, já animando-vos nos vossos menores esforços, já desviando-vos de um máo desaminho de consciencia, ora offercendo-vos a pagina edificante de um livro, ora o episodio formoso de um espectáculo. Enriqueceram a vossa intelligencia, formaram a vossa alma com paciencia e cuidado. Tomaram parte nos vossos jogos, nos vossos divertimentos, nas vossas travessuras, fizeram-se creanças como vós, e quando vossa mãe vos ensinava a ler naquelle lindo livro de gravuras coloridas, ella buscava conclusões moraes a cada um dos contos de fadas, para vos instruir e deleitar.

A vossa belleza? Que seria della, se vossos paes não houvessem velado, com zeloso e diuturno afan, pela robustez da vossa infancia e pela hygiene de vossa juventude? Possuirias, por acaso, esses lindos cabellos que ostentaes, se vossa mãe não os tratasse todo dia, carinhosamente?

Vossos olhos seriam bellos, vossa tez macia e fina, risonha e bella a vossa bocca, se um affecto profundo não houvesse rodeado, desde os primeiros passos na existencia, cada um dos pormenores da vossa belleza?

Vossa fortuna? Que parte tomastes para a sua formação e accumulção? Ella representa uma somma enorme de esforços tenazes e de actos bem dirigidos, de fadigas, de lutas e de insomnias do vosso paê; ella representa as privações de vossa mãe. Desde que os seus dedos agéis omeçaram a coser as vossas primeiras camisinhas e touquinhas, não re-

nunciou ella a todos os objectos de luxo e vaidade a que ainda tinha direito, como joven que era?

Que ha, portanto, oh! jovens nescias, que propriamente seja vosso entre essas qualidades que seduziram o homem que solicitou a vossa mão? Bem pouco, na verdade...

Pois se tão pequena parte cabe a vós, para que fosseis escolhida, porque vos mostraes tão orgulhosas?

Considerae bem estas observações e não vos deixeis inflar de orgulho injusto e vão. Sêde felizes, sêde ditosas, mas sêde tambem humildes.

Adverti, oh! jovens! que a immensa ventura que transborda do vosso coração, vós a deveis a vossos



Fig. 1 - Vestido em clareamento preto. Este lindo modelo como ceem as leitoras é bordado em volta da saia, excepto na frente que é lisa formando um uzeiral. A blusa é tallada em uma peça só, tendo a parte de cima no freio uma quinta em que seiffon branca e a parte de baixo bordada como a barra da saia.

paes. Convencei-vos disso, dizei-o a vós mesmas a miúdo, com sinceridade.

Agradecei-lhes esses thesouros de ternura, de previsão affectuosa que os guiou desde os primeiros dias da vossa existencia; concedei-lhes por inteiro o merito da felicidade que estaes gosando, numa palavra, pagae-lhes o que lhes deveis, ou, ao menos, buscae amal-os, que é a melhor paga que elles esperam.

Se vós haveis convencido da grandeza dos seus sacrificios e do escasso valor dos vossos proprios meritos, não sómente deixareis de considerar o vosso casamento como uma proclamação acintosa da vossa superioridade, como o tambem vereis nelle a conclusão brilhante da abnegação, da solicitude, da bondade e do carinho dos vossos paes.

#### Penteados para noivas

Em primeiro lugar, amaveis senhoritas, que ides contrahir matrimonio, não mudeis de penteado no dia da cerimonia do vosso casamento, sob pretexto de que deveis cobri-lo com a grinalda e o véo. Evitae, tambem, socorrer-vos da arte do cabelleiro, que vos vae ondular, por meio de ferros quentes, os cabelos. A arte do cabelleiro tem a desvantagem de mudar-vos as feições e de communicar uma certa trivialidade ás vossas linhas.

Se quereis ondular os cabelos, fazei-o na vespera, ou, se possivel, na ante-vespera, convidando lavar bem os cabelos, antes da operação, para tornal-os flexiveis e leves.

A escolha do sabão tem, como sabeis, a sua importancia. O sabão, em cuja composição entra a potassa, tem a propriedade de endurecer os cabelos, tornando-os rebeldes. O sabão deve ser de boa qualidade.

Uma vez lavados, ondulae-os por meio de ferro quente ou grampos de encrespador, conforme o vosso costume.

Se os dividis ao meio, com uma risca ao centro, reunindo-os atraz num «birote» baixo e frouxo, realisa-reis o mais gracioso penteado de noiva. Sobre este pen-



Fig. 2 -- Vestido de seda azul marinha em tulle de ribalhada, no mesmo tau.

A saia é em seda champagne bordada de azul marinho, mais claro que o cor do vestido. A blusa é tallada em uma peça só. Um cinto da mesma fazenda termina este modelo simples e elegante.

Os sapatos e as meias tambem champagne acompanhando o vestido.

teado colloca-se o véo de tulle, descendo, na frente, até ao nivel do peito, e sobre o dito véo se põe a grinalda.

Dessa fórma obtém-se um lindo penteado de noiva, lindo, juvenil e esthetico. Esse penteado, que dá muita juvenillidade e graça ás feições, é tão adequado ás moças de tez morena, como ás de tez clara. Vae bem a qualquer typo.

Esse penteado é, em suas linhas geraes, o grego. Entretanto, se a noiva tem por habito usar o penteado alto, não convém mudal-o. E' melhor sempre usar o penteado a que se habituou. Qualquer mudança ou transformação é inconveniente, porque, como se disse, muda as feições á noiva e lhe dá outro aspecto.

Os cabelos podem ser ondulados largamente, em ondas fundas e agrupar-se em um «birote» largo, com os enfeites de uso. Mas, se vossos cabelos são de um bello matiz, ha um meio de pol-os em evidencia: é levantar o véo em turbante, deixando-os atraz a descoberto. Este penteado é summamente original, e é muito aconselhavel ás moças que têm cabelos louros e bellos.

Uma morena de feições regulares ver-se-á muito favorecida sob um véo disposto á hespanhola, que tem a propriedade de dar relevo ao rosto e fazer resaltar toda a sua belleza.

As louras, ao contrario, não devem dar muita evidencia ao rosto.



Fig. 3 -- É muito gracioso este modelo para lito pesado. A saia escura, coberta por um «antreux» de fazenda leve que forma uma tunique; o collete e a manga são em crepe inglês, bem como os talles. Tapie em corchônia de seda frossa, cobertos com tau véo, com lindos detalhes para toilette diversas.

O seu typo, sob o véo liso e leve de tulle, apresenta-se como idealisado, tornando-se lindamente poetico. Com o penteado alto, coberto do véo de tulle, o diadema vae melhor que a grinalda, que se adapta melhor ao penteado baixo.

Uma ligeira grinalda e uns ramosinhos adornam, com muita precisão, o véo á hespanhola. Os véos, quer de tulle, quer de renda, usam-se mais curtos que no anno passado. Vêm-se, entretanto, véos de rendas que apenas excedem o nivel da cintura. São mantilhas muito graciosas para os vestidos curtos, taes como se usam actualmente.

O véo de tulle liso usa-se ao longo do vestido, sem, porém, o exceder nunca.

A  
NOSSA  
EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

A nossa exposição de trabalhos femininos continúa a ser diariamente visitada por numerosas familias, que aqui vêm adquirir os objectos de que precisam ou simplesmente examinal-os e informar-se dos preços. Pena é, entretanto, que ella esteja desfalcada. Nem podia ser de outra fôrma porque o fornecimento das prendas, que nos enviam as nossas assignantes, é escasso com relação á procura, que é constante. Aproveitamos a oportunidade para lembrar ás amigas desta revista que todo esforço que façam para enriquecer a nossa exposição será sufficientemente compensado. Senhoras

houve que, tendo-nos enviado, a principio, uma enorme variedade de objectos, e sendo todos elles vendidos ao cabo de poucos dias, não nos enviaram mais nada, contentando-se com os primeiros lucros. Ora, isso é lastimavel. As senhoras habeis, que sabem executar os mais lindos trabalhos de agulhas ou quaesquer outros, não devem ficar ociosas; devem, ao contrario, aproveitar a sua habilidade, trabalhar com tenacidade e enviar para a nossa exposição tudo o que acharem util e vendavel e esperar o resultado correspondente, que, como dissemos, é sempre compensador. Entretanto, é bom que tenham sempre presente a seguinte advertencia, que, mais de uma vez, já fizemos por estas columnas:

ha trabalhos que são mais vendaveis que outros, como roupinhas de criança, touquinhas, fronhas e outros mais, de utilidade immediata; os de arte applicada, destinados apenas para effeito decorativo, são menos vendaveis, accrescendo ainda que estes, pelo preço mais ou menos elevado com que são marcados, encontram difficilmente compradores. As senhoras praticas, que desejam ver logo o resultado do seu esforço, devem pois figurar na nossa exposição com trabalhos vendaveis. Isso não quer dizer, já se vê, que a nossa sala não abrigue trabalhos de outra natureza. Não. Nella se encon-

tram labores de todos os generos, inclusive a arte pura, o formoso quadro a oleo ou a aquarella suggestiva. Em nossa exposição ha de tudo, contando que esse tudo saia de mãos femininas.

De resto, a nossa exposição não visa, como é notorio, nenhum fim commercial, mas tão somente o interesse de beneficiar as nossas assignantes, que nada pagam para figurar nella.

Já em um dos nossos ultimos numeros dissemos que precisamos renovar os nossos

sortimentos. Necessitamos que as nossas boas amigas nos enviem novos trabalhos, como centro de mesa, toalhas para lavatorio e outros, de que ha grande procura. Convém, todavia, observar que esses e outros labores femininos devem ser tanto quanto possivel, bastante simples, para não atingir preços muito elevados, se bem que seja muito para se desejar que apresentem sempre um certo cunho artistico, pois a nossa iniciativa não deve visar exclusivamente intuios commerciaes, antes deve ser como uma escola de bom gosto e arte.

Na sala annexe a esta redacção continuamos a funcionar as aulas de trabalho, que são sempre frequentadas. As matriculas já estão encerradas. Ha professoras de costura, corte, bordado, rendas, arte applicada, modelagem, desenho, pintura, aquarella e guache. As professoras contratadas a leccionar cada uma dessas especialidades, são as mais competentes que se encontram em nosso meio. São verdadeiras artistas na sua especialidade.

Continuamos com o afan e tenacidade que nos caracterisam, a trabalhar para a organização da bibliotheca feminina para uso das nossas assignantes. Essa nossa iniciativa, que, seguramente, será brevemente levada a cabo, é uma das mais uteis dentre quantas temos realisado em beneficio das familias que se interessam pela nossa revista-



CENTRO DE MESA

O modelo é executado em tella branca, fina e medindo setenta centimetros de comprimento sobre quarenta e cinco de largura. Pôde ser utilizado como centro de mesa e tambem como toalha para mesa de pequenas dimensões. É bordado á ingleza ou a ponto de festão com linha branca brilhante D. M. C. As linhas são festonadas, assim como os contornos exteriores do modelo. A linha da moldura e as flores são bordadas a ponto de cordãozinho ou trancelim. Enviamos pelo correio o risco em tamanho natural. Preço 3\$000.

# SUPREMA VIRTUDE

Approximei-me d'uma outra Escolhida, que parecia mais feliz ainda do que aquella, a quem tinha fallado. Estava tão radiante que o dia paradisíaco por bastante esplendido que fosse, se illuminaria com a luz que d'ella emanava.

Cherubins, Dominações e Principados celestes cantavam seus louvores, agitando thuribulos d'oiro. Ella escutava. Estava pensativa e radiosa.

Ajoelhei-me, tremendo.

— O' santa adoravel, lhe disse, irradia de vós tanta luz e fogo que a minha alma estremece, se sombrea e se aperta como uma folha secca n'um grande vento de chamma. Se dignaes algumas vezes desviarvos da vossa alegria infinita, fallae-me por favor, fallae-me. Sou um dos tristes habitantes da terra, onde as dores são tão numerosas e tão raras as alegrias. A este pobre homem que chorou muito e não riu, anda arrastar-se longos dias nas sombras e nas misérias do baixo mundo, dizei que meritos vos valeram para revestir um tal brilho, reconhecer taes alegrias e ser louvada pelas Dominações e Principados, que agitam thuribulos d'oiro.

Ella inclinou a sua cabeça, d'onde jorravam raios de luz; e, com uma voz semelhante ao suspiro d'uma harpa celeste que uma aura tocou de leve, disse:

— Era caritativa. Não imitava aquellas que, no riso das festas esquecem, os miseraveis e os desesperados; não me limitava à inactiva oração, às inúteis macerações. Visitava os pobres; nada possuía que não fosse para elles. Conheciam-me nas mansardas, onde se chora; cessava-se de chorar quando eu chegava. Assentada, de noite, em tristes aposentos, cantava canções aos orphãos, consolava as viuvas; dava aos velhos, que tinham ficado solitarios, a illusão dos filhos desaparecidos. No dia seguinte ao da minha morte não se encontrou no armario roupa para me enterrar, porque a tinha rasgado para fazer camisas aos pequenos mendigos.

«Então achei que ha bastante razão para recomendar ás almas a oração e a caridade, pois que taes felicidades e taes glorias são o meu premio. Ao mesmo tempo não pude deixar d'experimentar uma grande tristeza com uma grande piedade; ha sobre a terra tantas jovens mulheres, que, tendo outros cuidados, raras vezes fazem oração; compram muitas vezes joias ou flores com dinheiro que poderiam empregar em esmolas.

«Não hão de assentar-se em dia, vestidas de jacintos ou purpura, em degraus d'alabastro diaphano.

Mas notei um pouco mais longe uma Escolhida, tão resplandecente e que parecia perdida n'um tão delicioso extase, que as duas outras não lhe eram comparaveis! differenciava-se das suas vizinhas tanto como estas se differenciavam das filhas da terra; eu só a via através d'um clarão que me incendiava os olhos. As linguagens humanas não tem palavras que possam exprimir o seu miraculoso brilho. Era como um naccio de flores e de neves de chamma. Não eram sómente alguns Cherubins, como Principados e Dominações, que cantavam seus louvores; mas todos os espiritos dos nove céos e das tres hierarchias se ajoelhavam diante d'ella, agitando thuribulos de diamante.

Prostrei-me, fechando os olhos.

— Olha a mais maravilhosa e a mais feliz das Escolhidas! balbuciei, certamente para mecerer um tão sobrehumano esplendor, uma tão divina felicidade, deveis ter praticado as mais nobres virtudes. Fizestes oração, mas também, mas com um fervor desconhecido a todas as filhas dos homens: deste também esmolas, mas com um tal excesso de caridade, com tão completo esquecimento de vós mesma que vos deixaveis morrer de fome, talvez, ao lado do pão reservado para os vagabundos das estradas. Oh muito poderosa! Oh muito misericordiosa! Ore por mim, grande



## ALMOFADA EM BORDADO RENASCENÇA

*Linda modelo para sala de musica. É este em que se vê no detalhão do centro uma grega desfilando sua lyra. Ao alto esse um arço formado pelas chamma de uma pyra que arde, representando o sol que a embala.*

*As figuras são apenas seculo as seus pequenos detalhes ajornados; são emolduradas das por lindas florestas, e arabesques fazem sobresalir os seus menores detalhes. O resto do detalhão é revestido em ponta de festão com lindas e pirolas, e enlaidado com alguns motivos em laçada e ponto chato. O motivo que cerca o detalhão é completado por lindas pirolas, as hastes, as folhas e as corchilhas são a ponta chato e ponta de festão.*

*O modelo mede 48 cent. de largura sobre 68 de comprida, e é executedo em linha granulada.*

*A almofada é em seda ouvro creito, o que dá grande realce e souplesse ao bordado.*

santa!

Ella olhou-me. Os seus olhos eram tão esplendidamente luminosos que a minha obscuridade não podia lançar n'elles um reflexo de sombra.

— Não, disse ella, eu não fazia oração e, se me levantava cedo, ou me deitava tarde, não era para ir levar esmolas ás mansardas.

Extremamente admirado, perguntei:

— Qual é pois o merito, incomparavel, bemaventurada! que vos permitiu obter uma tão alta gloria? Que fizestes, quem ercis, vós em quem se reune, mais que em qualquer outra, os prazeres paradisíacos, vós que sois louvada e adorada de preferença ás outras por toda a celeste milicia, para que o Senhor vos tenha julgado digna d'uma tal recompensa? Qual foi, fallae, a vossa virtude?

— Eu era formosa, respondeu-me ella.

# O anel do noivado e de nupcias

*Tradições, símbolos e superstições. O anel através das raças e do tempo. Ritos e cerimônias. As dividas rotivas. Costumes dos antigos romanos, hebreus, gregos, egípcios e romanos. Usos que ainda permanecem. Os povos modernos e a importância que, ainda hoje, se dá ao anel de nupcias. Observações curiosas.*

O anel dos noivos, entre nós, é uma argolinha composta de uma correntinha de onde pendem dois corações partidos ao meio. Essa moda, que está grandemente vulgarizada no Brasil, principalmente nas capitães, é muito recente, talvez, vinte annos ainda.

Em França, o anel de noivos é sempre um círculo de ouro ornado de uma ou de muitas pedras preciosas.

No Libano, é composto de pequenas pedras em fileira e de minúsculas moedas de ouro que chovem graciosamente sobre o dedo.

As mouras o ornam com um pequeno diamante rosa. Elle é oferecido poucos dias antes do pedido de casamento e torna-se, desde então, o signal de compromisso, que nunca deve ser rompido senão por motivo muito grave. O dia em que a noiva recebe o anel é um dia de ventura. Dessa data em diante, o noivo pôde beijar-lhe a mão, porque o anel o autorisa. Sem o anel, é-lhe defeso esse beijo. De resto, a moça, ao collocar o anel no dedo, entra a gosar, na familia e na sociedade, de uma importância que não gosava antes, e que a torna excessivamente orgulhosa.

Na Noruega, o noivo leva tambem o seu anel.

Todos os homens, nesse paiz, exhibem o anel como um proposito exterior da sua leal submissão, e no seu gesto ha algo de bello e de grandemente honesto. Esses aneis são de ouro para os ricos e de prata para os pobres. Demais, a maneira de usar o anel constitue, por si só, uma linguagem perfeita. Assim, por exemplo, enfiado no dedo indicador (o que é muito

pouco elegante), quer dizer: "Caso-me de boa vontade". No dedo medio: "Já dei o meu coração". No quarto, que é o anular: "Não pense em mim porque sou casada ou noiva". No dedo minimo: "Deixe-me em paz, que eu quero pentear santa Catharina".

No dedo do homem, o anel diz exactamente as mesmas coisas.

As noivas francezas, como as brasileiras, usam sempre o anel no quarto dedo da mão esquerda; as americanas do Norte consagraram-lhe o terceiro dedo.

As noivas alemãs usam o anel no terceiro dedo, mas, logo que se casam, passam-n'o para o anular da mão direita.

O anel de casamento, a alliança, é, como o de noivado, o que a mulher mais deseja na vida. Entre nós, actualmente, é uma simples argola de ouro com a data do casamento gravada na parte interna. É o que ha de mais característico para patentear o estado da pessoa que o usa. Antes, porém, até a uns trinta annos atraz, elle era mais complicado e, por certo, mais gracioso. Era duplo, composto de duas

argolas que se juxtapunham, unindo-se bem, de maneira a formar um só corpo. De mais, esse anel não era liso, como o que hoje se usa, mas facetado.

A mulher não se cuida feliz se não possuiu no dedo esse anel. Claro está que ella, quando legitimamente o possuiu, não se contenta só com elle e começa a desejar outros, mais vistosos e ricos; mas tambem é verdade que quando possuiu apenas estes, deseja mais interessadamente aquelle...



A Bíblia não fala no anel de nupcias; entretanto, diz-se que os israelitas já o usavam desde os tempos mais remotos.

Os romanos offerciam o anel desde o dia do noivado. A noiva o collocava no quarto dedo da mão esquerda, como nós fazemos, imaginando que desse dedo se entendia um nervo que ia direito ao coração. Essa superstição os romanos herdaram dos egypcios, pois entre os adoradores de Isis esse dedo era consagrado a Apollo e ao sol, e o metal usado era o ouro.

O joven romano enviava este anel á virgem que a sua familia lhe tinha destinado, como um symbolo da fidelidade que lhe votava para sempre. A fórma circular dessa joia não está indicando que o amor não tem fim, que deve perennemente viver dentro de um circulo, que é o emblema da eternidade?

O ouro, segundo Plinio, era o metal empregado, mas usava-se tambem o ferro para denotar a solidéz do contrato. Algumas vezes, o ferro era imantado para significar a attracção que existe entre os esposos. Este anel de ferro levava, não raro, uma divisa, uma chave, por exemplo, que figurava a autoridade e a responsabilidade na casa do seu marido.

Os saxões sempre tiveram por essa joia symbolica um respeito quasi religioso. Formavam-n'o de ouro puro. Antes de o entregar á noiva, no dia do pedido de casamento, submettiam-n'o a uma serie de actos rituaes. E a noiva não podia usal-o senão depois de realisada a cerimonia nupcial.

No ritual de certas provincias inglezas, o esposo enfiava-o no polegar da joven desposada, dizendo: "Em nome do Pae", no index, "Em nome do Filho", no terceiro dedo, "Em nome do Espirito Santo" e no quarto dedo, onde devia permanecer até á morte, "Amen".

Na Edade Média benzia-se o anel de aliança: "Senhor, dizia o sacerdote, santifica este anel que nós abençoamos em vosso nome, e que esta mulher usará, haja o que houver, para se manter em paz, viver e envelhecer no amor do seu esposo, para ser multiplicada em filhos numerosos e por longos dias". Nessa época, era só a mulher quem o usava. Dizia-se, então, que era o signal da sua submissão e que, usado na mão esquerda, augmentava ainda mais o seu symbolismo. Mas é de crer que a mulher, necessitando da sua mão direita para os seus trabalhos domesticos, o collocasse de preferencia na esquerda. A commodidade creou a superstição.

Entre os hebreus, ao contrario, esse objecto não symbolisava submissão. Quando o homem o entregava á sua esposa, dava-lhe, com elle, o poder de represental-o e de executar ordens em seu nome.

A idéa de sujeição da mulher que, entre os romanos, representava esse anel, foi herdada provavelmente dos gregos, porque ainda hoje, na Grecia moderna, o marido usa anel de ouro e a esposa, anel de prata. A inferioridade do metal symbolisa a inferioridade da mulher. Tudo isso é de extranhar, porque, na Grecia e Roma antigas, a mulher gosava de uma extraordinaria independencia, ao passo que, entre os hebreus, como, de resto, entre todos os povos orientaes, ella foi sempre dependente e mais ou menos escrava do seu marido. E' de suppor, pois, que, na Grecia actual, essa diversidade dos metaes seja uma recordação do velho culto do sol e da lua, que era representado pelo ouro e pela prata.

Na egreja grega, o quarto dedo da mão esquerda da mulher é que era destinado ao anel. Demais, até á Reforma, foi assim tambem na Inglaterra. Nesse paiz, quando faltava o anel de aliança, o casamento, apesar disso, celebrava-se; e neste, o chefe da egreja collocava o seu no dedo da esposa, provisoriamente, cortando depois um pedaço de dedo de lava, em fórma de anel.

O duque de Hamilton, desejando casar-se ás pressas com uma actriz celebre, lançou mão de um ar de metal, desses que servem para fazer correr as cortinas nas sanefas, para substituir o anel.

Em geral, qualquer assistente empresta o seu em casos desses.

A prata tambem é usada. Na Russia, as mulheres pobres usam a sua aliança de prata; em geral, a ornam com uma pedra verde, crystal colorido ou mesmo vidro.

Na Inglaterra, onde tambem se usou, em tempos idos, o anel de prata, este trazia gravada a effigie de uma santa ou, por vezes, alguns versos. Shakespeare faz allusão a este costume.

As alianças, nos seculos XV e XVI, na Italia, eram ornadas de diamantes, porque acreditava-se que esta pedra preciosa tinha o poder de manter o amor entre os esposos.

Na Hespanha, onde a aliança não tem a importancia que os outros povos lhe dão, não é uma simples argola de ouro: é uma verdadeira joia, toda enfeitada de pedras, que se usa na mão direita, mas não constantemente.

Em França, ha um seculo mais ou menos, uniam-se dois, tres ou quatro aneis, presos por um coração, ou ainda por duas mãos que se apertavam. Traziam gravadas divisas deste genero: "O nosso amor é puro e infinito"; "Sem fim, como o meu amor"; "Renuncio a tudo, menos a ti"; "Só a morte é que póde separar dois corações amantes"; "Fiel até á morte"; "Possamos nós formar um par tão perfeito como Isac e Rachel". Em cinco dessas velhas alianças, expostas em Paris, lem-se estas expressões votivas: "Meu coração pertence-te"; "Com isto dou-te o meu coração e a minha vida"; "Deus dá paz ao nosso amor"; "Deus decretou a nossa união"; "Coração contente não póde arrender-se."

São Luiz, quando offerreceu o anel de nupcias á sua esposa, mandou tambem gravar uma divisa, que é bastante conhecida.

O momento em que a joven desposada offerrece o seu dedo para nelle ser enfiada a aliança, é o mais importante da cerimonia. Mas o que nem todos sabem é que, se o marido, ao enfiar-a, não a deixa passar além da segunda junctura do dedo, é porque elle está disposto a dar, no lar, toda a soberania á esposa; se, ao contrario, elle a enfia até á raiz do dedo, elle reserva para si o papel de chefe e protector, que é o seu verdadeiro e mais nobre papel.

## O beijo de Judas

Segundo resa a historia, antigamente Jesus, pendida a fronte immaculada, No hórto esperava a acerba d'or pungente, A dór da cruz no Golgotha plantada!

Contrito, orando fervorosamente Não procura fugir, pois é chegada A hora! Plange, ao longe, a voz dolente De uma ovelha nas trevas tremalhada...

Jesus os olhos pelo céu passava E uma saudade mysteriosa o enleia, Recordava de Bethania as scenas mudas...

E ao pronunciar o nome de Maria, Em sua face um osculo esfusia... Era o beijo satânico de Judas!

Francisco Gcspar.

**GRIPPE**

com as pastilhas de

Esta é debelada promptamente

*Laxativo Bromo-Quinina* de E. W. Grove.

## A BELLEZA FEMININA

E A

## CULTURA PHYSICA



Primeira série

Primeiro movimento

Não ha talvez thema, actualmente, sobre o qual os homens estejam mais profundamente desacordados que a belleza feminina. Para uns, a belleza da mulher reside na opulencia das fôrmas; para outros, ao contrario, no seu aspecto mais ou menos doentio, na pequenez do arcabouço, nas olheiras fundas e nesse ar soffredor, que dá ao rosto uma sympathia particularmente espiritual... Os gostos divergem de individuo para individuo. Na epoca romantica, a belleza mais cotada era o typo chlorotico, com tendencia para a tuberculose. O homem do campo, mesmo nessa epoca, havia de preferir, provavelmente, a mulher robusta, de fôrmas sólidas e com as faces côr da maçã raineta.

A antiguidade, entretanto, parece que tinha, a respeito disso, um criterio mais absoluto e uma consciencia realmente mais esthetica do senso da belleza. São prova disso as obras de estatuaría antiga que conhecemos.

Um simples passeio attento pelos boulevards de Paris basta para convencer-nos quanto, actualmente, estamos longe desta comprehensão da esthetica e quanto a mulher, hoje, difere da Venus de Milo ou da Venus Anadyomene. De resto, a belleza das mulheres modernas é menos uma questão de plastica que de indumentaria. Vêm-se por ahi bustos, apontados como formosos, cujo effeito reside apenas na graça exterior do artificialio. Um collete perfeito, uma blusa bem talhada, uns lindos adornos bastam para dar encanto a um busto feio. Quer isto dizer, pois que a apparencia vale mais do que as linhas. A esthetica moderna baseia-se nisso.

Ora, nestas linhas que apresentamos ás leitoras, é preciso desde já fazer resaltar que o nosso senso de julgamento, nestas questões de belleza, é bem diverso. Julguemos a belleza, despojada dos seus artificios.

Prescreva-se em principio, o uso do espartilho.

A amavel leitora, ao ler no alto da pagina as palavras «cultura physi-

ca», poderá espantar-se. Mas não ha razão para isso. Não queremos transformar a mulher em athleta, em gymnasta ou acrobata. Não queremos aconsellar-lhe exercicios que tenham por fim substituir-lhe as fôrmas, que devem ser arredondadas, pela anatomia estriada dos hercules de feira. Nada disso.

Queremos apenas dizer-lhe que os exercicios salutaes de uma cultura physica racional são tão necessarios á mulher, como á creança e ao homem. Nosso fim é a belleza. E a belleza só pôde coexistir com a saúde, com a robustez e com a força.

Uma rapariga ou uma mulher, de peito largo, bem desenvolvido, terá naturalmente nos pulmões um jogo mais amplo e livre; se tiver os quadris redondos, em saliencia harmoniosa, será seguramente um exemplar de força.

As mulheres de biceps não nos interessam senão mediocrementemente, e estas lições de cultura physica não são prescritas para transformar as leitoras da «Revista Feminina» em mulheres-hercules. A belleza da mulher não está na saliencia dos musculos, mas, ao contrario, no desenvolvimento harmonioso do tecido muscular.

A cultura physica da mulher é pois uma gymnastica de conservação, de garbo, de firmeza no andar, de elegancia na attitude, e, sobretudo, de hygiene e de graça.

Vejamus primeiramente os exercicios de porte e de graça.

*Primeiro movimento*— Cruzar as mãos por traz da nuca, os cotovelos bem afastados do outro e no mesmo plano das espaldas, o peito saliente e largamente dilatado.

*Segundo movimento*— Mesma posição do busto e do corpo, como no exercicio precedente. Erguer as mãos acima da cabeça e estender o mais possível os braços. Voltar a cabeça para traz, arquear o busto, e, nessa posição, levantar o corpo na ponta dos pés, por diversas vezes até ao canção.

*Terceiro movimento*— Colocar as mãos sobre os quadris, atirar a perna



Primeira série

Segundo movimento



Primeira série

Terceiro movimento



Primeira série

Quarto movimento

vigorosamente para a frente, a ponta do pé voltada para o chão, pousar o pé em terra, fazer um grande passo e repetir o mesmo movimento com a outra perna, até sentir a fadiga. A cabeça deve estar bem apurada e o busto arqueado para traz.

**Quarto movimento**—Estender o braço obliquamente e fazer um passo para a frente com a perna correspondente, repetir o movimento com outro braço e com outra perna até fatigar-se. A cabeça e o busto bem direitos.

Eis, em resumo, os exercícios de força que são praticamente indicados para o desenvolvimento racional dos musculos peitoraes e abdominaes.

Uma vez familiarisada a pessoa com esses exercícios, passa a executar a segunda série, que se resume nos seguintes movimentos:

**Primeiro movimento**—Sentar-se, de pernas bem esticadas, a ponta dos pés para cima e ir vagarosamente estendendo as mãos até tocar os pés com a ponta dos dedos. A principio, este exercício é incommodado e doloroso, mas, por fim, torna-se facil á medida que se vae tornando elastica a espinha dorsal.

**Segundo movimento**—Deita-se no chão ao comprido, de ventre para cima, a nuca apoiada sobre as mãos, e levantar a perna, bem tesa, até ao máximo que se possa. Feito isto, repetir o movimento com a outra perna. A' proporção que os musculos se vão educando, consegue a pessoa erguer a perna até formar com o corpo um angulo recto.

**Tercero movimento**—Este movimento é igual ao primeiro, com a differença que, no primeiro, é executado deitado e este, em pé. Curvar-se para a frente, de braços estendidos para baixo até tocar com os dedos a ponta dos pés.

Estes movimentos da segunda série constituem exercícios de trabalho muscular que tem por fim, accionando em conjunto as peças osseas da columna vertebral, dar-lhe elasticidade e, ao mesmo tempo, fortificar as obliquas e abdominaes.

Estes movimentos são ainda uma garantia e mesmo um remedio contra a obesidade.

Todos estes exercícios devem ser seguidos de inspirações profundas e expirações completas. A inspiração é o acto de fazer entrar o ar nos pulmões e deve ser executado lentamente, de modo a insuflar de ar toda a caixa thoracica;

a expiração é o acto de esvasiar os pulmões, e deve ser feito de modo a expellir todo ar que se respirou. A inspiração precisa ser feita pelo nariz e a expiração pela bocca.

#### BAROMETROS NO CAMPO

E' curiosa a enumeração dos indicios que a gente de campo observa e que lhe servem de barometro para prever o bom ou o máo tempo.

Entre as aves domesticas, os pombos são talvez os mais infalliveis para denunciarem as depressões e alterações atmosphericas. Quando pousam nos telhados, voltados para o nascente, é quasi certa a chuva no dia seguinte, ou mesmo poucas horas depois de serem vistos n'aquella posição.

Se voltam muito tarde para o pomal e dão grandes passeios pelas planicies, é signal de bom tempo. O contrario, seguido de pouco afastamento dos ninhos, indica chuva.

Os prognosticos das gallinhas não são menos certos. Quando se espojam na terra, eriçando as pennas, é signal de tempestade proxima.

O mesmo se póde receber quando os patos mergulham a miudo, e batendo ruidosamente as azas, brincam na agua perseguindo-se em correrias.

Se, quando o tempo estiver seguro, o cultivador vir a vacca lambear a mangedoura, é signal de borrasca. Se lambe a parede, deliciando-se com a humidade que ressumbra, adivinha chuva proxima.

Preveem ainda a chuva as abelhas que recolhem ao cortico muito antes de pôr o sol, trazendo á comunidade um magro espolio.

O mesmo succede quando os corvos acordam cedo e crocitam desde manhã até á noite. Quando, pelo contrario, os pardaes chilram todo o dia é contar com o bom tempo.

Se as andorinhas vöam rasteiras, máo tempo: se vöam nas alturas, póde com segurança gente metter-se a caminho.

Se o rouxinol canta pela noite fóra, gozando amores, bello tempo. Mas se as rãs coaxam desabridamente, os mochos piam e as arveolas saltitam pelas lameiras, é recolher á casa depressa.

Mas não são unicamente as aves e outros animaes que indicam ao lavrador as mudanças de tempo.

Se, de manhã, o ferro da fouce está secco, bom signal. Se está humido e iona uma cor azulada, chuva proxima.

Se o moageiro vir as peneiras destendidas nos mangues recalitrantes, chuva. Se o machado do mateiro está luzente, bom dia; mas se embacia e o cabo adhere ás mãos, agua a potes.

No outomno, o orvalho indica chuva; a geada bom tempo. Os caçadores, melhor que os lavradores, guiam-se por estes ultimos indicios.

A lua é ainda um barometro excellente. Se a rodeia um circulo esbranquiçado, chuva; se brilha esplendorosa no azul do firmamento recamado de estellas, tempo magifico.



Segunda série - Primeiro movimento



Segunda série - Segundo movimento



Segunda série - Terceiro movimento

# Uma Republica de Rãs



Em uma varzea florescida de boninas e marzuilhas

Era um lindo valle, lindo e amplo, limitado, ao fundo, por uma longa collina, de pequena elevação. Nas faldas da collina, a oriente, estava o povoado. Poucas casas. Casas de caipiras e de gente do campo, construidas de páo a pique. Ao centro, erguia-se a capellinha, toda pintada de branco, muito tosca mas pitoresca. A' Ave Maria, o sino da capellinha dobrava, sonoro, pondo na quietude daquelles descampados uma nota de alegria e de vida. A vegetação do valle era toda constituida de boninas sangrentas e maravilhas multicores, entre as quaes, de longe em longe, a macella sorria com seu sorriso desenhado de flor amarella. A samambaia mostrava as suas largas folhas, em fórma de palma. Um grupo de arvores, de tronco alto e esguio, espetava para cima a sua galharia secca, de aspecto quebradiço.

Na vizinhança de um enorme cupim, no reconhecido de uma poça sem agua e em cujo fundo já começavam a brotar o escalracho, o capim tiririca e outras vegetações rasteiras da estação secca, é que era a republica das rãs. O tyranno daquelle Estado alli estava, ao lado da sua esposa. Como chefe de governo que era, tinha como traje uma casaca grave, cujas abas longas lhe davam um ar de grillo gordo. A sua esposa, cujos olhos eram constantemente arregalados, usava, como unico ornato da sua «toilette» caseira, um collar de boninas. Essa dama illustre era excessivamente vaidosa. Era ella que impunha a moda. O seu esposo, ao contrario, se tinha muito rigór e escrupulo em questões de politica, na administração e, sobretudo, em cobrança de impostos, não tinha nenhum cuidado com a sua roupa. Nos bolsos internos da sua casaca crescia o musgo e o limo. Os seus cortezãos chamavam-lhe, á bocca pequena, el-rey Lambuso. A rã, sua esposa, tinha tambem um appellido; era conhecida por todos por Dama das Boninas, appellido poetico, como vêm...

A' pequena distancia do casal de tyrannos, os ministros estavam absorvidos num cerrada discussão :

— Crak, crok, crocoloack...

O tyranno, sentado na grama, esticava as pernas e bocejava, enfadado. Dama das Boninas, por dever politico, assistia á discussão, fingindo interessar-se muito pelos debates. Ora applaudia o orador, ora arregalava os olhos a um apartista; mas, no fundo, ella pensava no seu collar de boninas, ansiosa por correr ao campo para colher outras, mais frescas e de cores mais vivas. Uma vaidosa.

O que preocupava a republica das rãs era a crise, não a crise de numerario, que avassalla certos paizes que vivem de emprestimos, de moratorias e sobretaxas de café, mas a crise de outra coisa mais preciosa que o dinheiro: a crise da agua. Um povo pôde viver sem dinheiro proprio, desde que se contente com o dinheiro alheio; mas um povo de rãs não pôde viver sem agua. As suas proprias discussões, «crak, crok, crocoloack...» só podem ser fecundas e acioradas quando são realisadas no fundo de uma poça. As assembléas geraes, entre esse povo, nunca são promovidas em terreno secco. E' porisso, talvez, que os ministros estavam a discutir em voz baixa :

Crak, crok, crocoloack...

Um dos oradores, o «leader» provavelmente, levantou um pouco mais a voz e clamou em grandes gestos :

— Não ha agua ! não ha agua !

Houve um tumulto na assemblea. Joanico, a largartixa, enfiou o focinho entre os arbustos, espantado.

— Não ha agua ! repetiu o tyranno, despertado, de subito, da sua preguiça somnolenta.

— E porque não ha agua ?

Houve um silencio. Ninguem sabia responder.

O tyranno ordenou a um dos seus ministros que trouxesse á sua presença todos os sabios da corte para explicar a razão de tão extranho phenomeno. Os sabios não se fizeram esperar. Elles estavam alli por perto, estudando nas folhas da grama a evolução e a chimica da vida. Usavam oculos, como todos os sabios, e eram calvos, como todas as rãs. Approximaram-se do tyranno, fizeram as saudações do estylo, crak, crok, e permaneceram, immoveis, deante do rei, á espera das suas ordens.

O rei perguntou-lhes :

— Porque não ha agua ?

Os sabios, que eram tres, entreolharam-se. A resposta á tal pergunta equivalia á solução de um problema. Ser-lhes-lia talvez preciso consultar a bibliotheca da grama, virar-lhe as folhas e meditar... Mas, não. Um dos sabios avançou um passo e respondeu ao rei com a segurança que a sua velha sciencia lhe f'dava :

— Não ha agua porque... e tomou uma attitude grave, endireitando os oculos.

— Porque ?

— Porque seccaram as poças.

O rei e os ministros ficaram espantados de tanta sciencia. Mas o rei, a despeito da sua proverbial preguiça, tinha o espirito aguçado e gostava de penetrar até ao fundo das questões :

— E porque seccaram as poças ?

Esta nova pergunta não trouxe nenhum embaraço ao velho sabio. Ao contrario, sorriu, mostrando as guelras. E, com a mesma segurança respondeu :

— Porque não ha chuvas.

Um agudo silvo fez-se ouvir, partindo de uma moita. Era Joanico, a lagartixa, que se pôz a rir. Depois que riu muito, que se satisfez em dar gargalhadas, sahio da moita, esgueirou-se, colleando por entre o capim, e appareceu deante do rei.

— O' rei, falou Joanico, aqui estou para lhe explicar, melhor que os sabios deste reino, porque é que não ha agua.

Os sabios esboçaram um gesto de protesto. Mas o tyranno fel-os calar-se. Joanico, tomando a palavra, por ordem do rei, embora contra a vontade dos sabios, explicou que a falta de chuvas, se fazia seccar as poças, não fazia, entretanto, seccar a agua dos ribeirões.

— Mas o ribeirão tambem seccou, roncou, de um canto, o velho sabio.

— Não seccou, contraveiu Joanico.

— Mas tu queres negar a evidencia ?

— Sim, queres negar a evidencia? falaram todos em unisono.

A lagartixa divertia-se com tanta ignorancia.

— O ribeirão não seccou. Elle continúa a rolar as suas aguas abundantes, não pelo velle, como antigamente, mas pelo canno de ferro. O ribeirão está canalizado.

As rãs entreolharam-se, surprehendidas. E' verdade que, antes, o ribeirão, com suas aguas claras, descia, cantando, pelo valle abaixo. Na epoca das enchentes, elle enarcava as varzeas, formando poças, que constituam outras tantas provincias, submettidas, por um laço mais ou menos federativo, á poça maior, que era o districto federal. Para falar com franqueza, a republica das rãs já não era, nesse tempo, uma republica, no seu sen-

tido politico. Era-o a principio, mas tornou-se uma oligarchia, que, por fim, degenerou numa tyraunia. El-rey Lambuso, por exemplo, o ultimo chefe da Ranolandia, não era um presidente eleito. Elle foi aclamado tyranno pelos chefes oligarchias que o antecederam, e fez-se coroar rei. Erigiu um throno no fundo do charco, empunhou um sceptro feito de uma haste de bonina e collocou na cabeça uma corôa de anemonas.

Mas, como se ia dizendo, o ribeirão descia, cantando, pelos valles. Uns homens, vindos de uma cidade proxima, armados de instrumentos de ferro e barricas de cimento, canalisaram as aguas. Desapparecido o ribeirão, a varzea seccou. As ultimas poças que existiam, inclusive a poça do rei, que era o paço, ou, melhor, a poça-paço, seccaram tambem por falta de chuvas. Ora, todos estes acontecimentos passaram despercebidos daquelle povo de rãs. Os seus proprios sabios, muito entretidos em sua sciencia, não procuravam saber o que os homens faziam, armados de instrumentos de ferro, á margem do ribeiro. Porisso é que ignoravam a razão



El-rey Lambuso e o Damo das Boninas

por que as poças tinham seccado. Só Joanico, a lagartixa, tinha o olho attento para tudo. Marinhando pelo tronco dos arbustos, trepando ás costas dos operarios, contornando os varões de ferro que, de margem a margem, se arqueavam sobre o ribeirão, ia assistindo áquelle prodigioso trabalho. A principio não comprehendeu bem. Por fim, porém, á medida que o rio ia desaparecendo sob o grosso cano, entrou a comprehender o que aquillo significava. O desaparecimento das aguas era cousa que pouco o preocupava. Não vivia dentro da agua, e só por acaso é que se atirava á agua, para fugir á perseguição de algum gato ou das pedradas de algum garoto. Para matar a sede, bastava-lhe o rócio das madrugadas, uma gotta de orvalho tremeluzindo no concavo de uma folha.

Mas a Ranolandia era uma nação alliada. As rãs sempre foram boas vizinhas. Nunca fizeram politica imperialista, nunca tentaram ampliar os seus dominios fóra dos charcos. De resto, a Lagartixolandia tinha-se desmembrado. Era um paiz fallido. As lagartixas, tornando-se nómades, começaram a viver da caça. O pro-

prio Joanico, que, a principio, antes do desaparecimento do seu reino, tinha ambições politicas, e, por mais de uma vez, tentou fazer-se eleger deputado, resignou-se a aceitar a vida errante e aventureira que o seu destino lhe reservava. E alli vivia elle, ora na varzea, escondido sob os calliões, ora na grimpada das arvores, ora no povoado, occultando-se no telhado das casas ou no buraco das aranhas.

A falta da agua nos charcos preocupava-o um pouco por causa das rãs, a quem se habituou a estimar como boas vizinhas. As rãs alegravam-no muito à noite, quando, do fundo dos charcos, sonorizavam os descampados com as suas barulhentas discussões domesticas. Crak, crok, crocotoak...

A varzea ia silenciosa, de extremo a extremo. A falta da agua tinha roubado às rãs o gosto das discussões. Viviam caladas, com a bocca escancarada para o ar, á espera das chuvas.

El-rey Lambuso encarou longo tempo Joanico. Os tres sabios olharam-no tambem, esperançados que dos seus labios soubesse a providencia que aguardavam.



Não sabiam manejar os aparelhos

— Já que tu és tão sabio, falou o rei, ensina-nos o meio de voltar á superficie dos nossos charcos a agua que se infiltrou pela terra. Nós morremos positivamente de sede.

— Não conheço nenhum meio, disse Joanico, com uma honesta franqueza.

— Onde está pois a tua sciencia? perguntaram, a uma voz, os tres sabios, dardejando sobre elle soslaio de colera e de desafio.

— Mas eu não tenho sciencia nenhuma, contra-poz, com modestia, a honrada lagartixa. O pouco que sei não o devo á leitura nem ao estudo, mas sim á observação. Nunca virei uma folha de grama para estudar nella a philosophia da vida. As noções que tenho, aprendidas na experiencia, resumem-se em pouca coisa: marinhar pelo tronco dos arbustos, surprender a aranha no seu arranhol para lhe arrebatá-los os ovos, caçar as baratas, guardar numa folha as gottas de orvalho para lenir a minha sede nas horas de sol, subir pelas paredes, fugir á perseguição dos cabos de vassoura...

Eis em que se resume a minha sciencia. Sou, como Vossa Magestade vê, um ignorante.

O rei Lambuso, os tres sabios, a Dama das Boninas, os ministros e todas as rãs que assistiam á audiencia, estavam espantadas de tanta modestia e tanto saber.

Pois que! Joanico sabia tanta coisa, tinha tanta sciencia, tanta experiencia da vida, e gabava-se de nunca ter lido nas folhas! Se aquillo era verdade, se a experiencia, por si só, bastava a apetrechar o espirito com conhecimentos tão fecundos e praticos, melhor era queimarem-se as bibliothecas e esquecer a sciencia accumulada nos archivios.

Um dos sabios, o mais joven provavelmente, proclamou a banca-rola da sciencia.

— A experiencia, concluiu elle, a observação pessoal da vida, a tradição oral transmittida de paes a filhos, valem muito mais que todas as disciplinas academicas mumificadas nas folhas.

Ora, nenhum povo estava tão habilitado, como as rãs, a fazer sciencia pela observação visual apenas. Para observar, o melhor dos instrumentos são os olhos, e nenhum povo tinha olhos tão grandes como as rãs.

— Queimem-se, pois, as bibliothecas! decretou o rei.

— Queimem-se as bibliothecas e fechem-se as escolas! Gritaram, em unisono, todas as rãs vadias.

Foi decretada a vadição e prohibida toda e qualquer cogitação philosophica. Os sabios, fingindo resignar-se á nova ordem de coisas, abaixaram as cabeças. No fundo, estavam satisfeitissimos. Nenhum delles era verdadeiramente estudioso. Eram tres refinados vadios. Como sabios officiaes, gosavam de muito prestigio na Ranolandia, mas não passavam de «medalhões» decorativos, que só tinham attitude para encobrir a mingua de sciencia.

Um estudante chegou á audacia de dizer nas guelhas do seu professor:

— De hoje em diante somos todos eguaes.

E pondo as mãos na cintura, em ar de provocação, ainda acrescentou:

— Ouviu?

Mas os decretos, as discussões, a nova orientação dada aos negocios publicos, nada disso resolvia o problema que se impunha ao nobre povo coaxante. A crise da agua urgia ser resolvida. A questão estava affecta ao Ministerio dos Charcos e Aguas Publicas. Ao rei Lambuso occorreu-lhe, como lhe cumpria, consultar o chefe desse Ministerio. Mas não o consultou, advertindo que o ministro que estava exercendo tão elevadas funções, era notoriamente incompetente para tudo que dizia respeito aos negocios da sua pasta. Era elle uma simples rã de letras, que, sem duvida, tinha muita autoridade em subtilidades de syntaxe e estylo, mas não entendia patavina da alta sciencia pluvial. O rei, por isso, preferiu dirigir-se a Joanico, sem curar de saber se, por essa fórma, ia desauorar uma das figuras mais importantes do seu governo.

— Joanico, nós precisamos de chuvas. As chuvas vêm do céu. O Ministerio dos Charcos e Aguas Publicas está apetrechado de todos os aparelhos indispensaveis para o estudo e observação dos phenomenos pluviaes: possui barometros, thermometros, telescopios de grande alcance, hydrometros, e uma vasta bibliotheca de hy-

drogenia e hygrometria. Aos sábios e estudiosos não faltam, pois, elementos para o estudo desses assumptos, que, mais que quaesquer outros, interessam á Republica Ranolandeza. Mas, porque eu acabei de prohibir o estudo das sciencias theoricas, por constituirem ellas um elemento perturbador da observação pratica, incumbote, Joanico, de ir ao Observatorio annexo ao Ministerio dos Charcos, para, com o auxilio dosapparelhos cor-



À caminho do Observatorio

respondentes, examinar o ceo, as probabilidades de chuva, a humidade das nuvens e apresentar, no mais breve espaço de tempo que te fór possível, o teu relatório. Esse relatório será impresso nas officinas da «Folha Official».

Joanico não poude deixar de rir.

— E' me impossivel, disse, fazer o que Vossa Magestade me pede. Nunca fechei um olho e abri o outro para fixal-o na lente de um telescopio. E mesmo que o fizesse, falta-me competencia para compor um relatório. E' melhor que Vossa Magestade mande os seus sábios examinar o ceo e contar-me depois o resultado do seu exame.

Os tres sábios encheram-se de orgulho.

A banca-rola da sciencia! Quem, naquelle momento, se animava a falar em tal? A ignorancia, representada em Joanico, pedia luzes ao saber, representado nos tres academicos. O proprio rei sentia-se vagamente embaraçado.

— Vamos ao Observatorio! ordenou o rei.

E partiram, aos saltos. Os tres sábios iam na frente, graves, a cabeça atirada para traz, como se caminhassem para o triumpho. O Observatorio estava installado numa pequena clareira, rodeada de uma reboleira de arbustos.

Em caminho, Joanico encontrou o compadre grillo, que ia correndo para a sua toca. O grillo, ao vel-o de capa e espada, indagou, interessado, a causa daquela transformação.

— Uma massada! explicou Joanico. O rei Lambuso amarrou-me este espadagão á cintura e poz-me esta capa aos hombros. São as vestes da corte. Sem ellas, eu não podia ser admitido no palacio.

— A espada dá-te muita elegancia.

— Creio. Mas obriga-me a andar curvado.

— E onde vaes agora?

— Ao Observatorio Real, para assistir ao exame do ceo. O rei Lambuso está empenhado em saber quando virão as chuvas.

— Oh! fez o grillo. E para isso é preciso examinar o ceo?

— Aclias que não é preciso?

— Claro que não. Eu, para falar verdade, não gosto das chuvas, porque ellas inundam a minha toca. E porque não gosto dellas, adivinho-as nos ventos que passam.

Joanico olhou o grillo com um ar de admiração.

O grillo sorriu a tanta ingenuidade:

— Se me viste por este caminho, a correr, é porque eu vou, sem perda de tempo, salvar a minha toca da inundação. Desde cedo que as chuvas estão ameaçando.

— Mas o ceo está tão limpo! observou Joanico.

— Está. Mas as chuvas vêm do outro lado. E com esta, compadre, adeus, que não ha tempo a perder. E o grillo deitou a correr, armado do seu grave-to com que ia tapar a entrada da sua toca.

Joanico tambem apressou o passo em direcção ao Observatorio, tropeçando na espada que, a cada passo, se lhe enfiava entre as pernas.

Os tres sábios lá estavam. Pegaram nos apparelhos, olharam-n'os attentamente, meditaram... Era preciso abrir as tres pernas do cavallete para o pôr em pé. Esforço vão. Não sabiam manejar os instrumentos. Dois delles confessaram que não eram especialistas naquella materia, e appellaram para o mais velho. Este, envergonhado, confessou tambem que não entendia da coisa.

O rei estava definitivamente desilludido da sciencia.

Quando Joanico appareceu, todas as attentões convergiram para elle.

— Joanico, falou o rei, os meus sábios não sabem manejar o telescopio.

— Nem eu.

— Que faremos então?

— O que ha de mais simples e commodo. Esperemos. Daqui a minutos vamos ter chuvas, e abundantes.

— Será possível! exclamou o rei, correndo de braços abertos para Joanico. E por que motivo fazes uma tal affirmação? Como sabes que vamos ter chuvas?

— Disse-m'o o grillo.

Nesse momento um trovão rolou, reboando á dis-



O sapo

tancia, e a chuva despenhou-se, torrencial.

— Viva Joanico! gritaram todas as rãs.

— Crak, crok, crocolock, applaudiram algumas, escancarando as guelas ás grossas bategas de agua...

# APRENDER A SER MÃE



Poucas são as mães que se esforçam por conseguir ter filhos fortes e robustos. Não se deve increpar a mulher essa culpa. Seria injustiça. A culpa cabe à sociedade em geral. A sociedade e, sobretudo, a alta sociedade preocupam-se com o melhoramento das raças animais, interessa-se pelos bellos exemplares equinos ou caninos, estuda os meios de obter o maximo de aperfeiçoamento, gastando fortunas nesse interesse. Entretanto, a raça humana, que devia merecer mais solicitude, degenera dia a dia, decae em saúde e belleza á mingua de cuidados.

Entre as diversas fontes de progresso que o despartar da mulher está abrindo á humanidade, figura particularmente o intelligente cuidado com que as mães, em certos paizes de elevada civilização, estão presidiendo ao desenvolvimento de seus filhos, para dar a conhecer a outras mães, menos favorecidas pela sorte, o resultado das suas experiencias.

Seria magnifico que se constituísse uma associação de mães, na parte sul do nosso continente por exemplo, para se trocarem impressões e experiencias, para se consultarem sobre pontos vitais, para estudarem novos processos, discutirem, ditarem generalidades que devem conhecer todas as futuras mães para fiarem preparadas, desde o principio, para arcar com a responsabilidade que o destino lhes incumbiu. Dessa forma, contribuir-se-ia para o melhoramento da raça humana, não só com os fructos da experiencia de cada um, senão também com todas as experiencias reunidas.

Em nosso paiz, sobretudo, essa iniciativa seria de resultados efficaçissimos. A nossa raça, por mingua de alimentação sufficiente e perfeita, na infancia, falta de hygiene, de exercicios intelligentemente executados, é uma das mais fracas do globo. Urge, pois levantar-a. Esse cuidado cabe principalmente ás mães.

As creaturas nascem para cumprir expresso designio divino de repovoar a terra. Se não vivem para cumprir esse designio, a culpa é das mães, por sua indifferença ou ignorancia. E' muito commum consolarem-se as mães da perda dos seus filhos com estas expressões lamurientas: Foi um castigo do céo, ou: Deus assim o quiz, ou ainda: Estava escripto que meu filho não havia de vingar.... Seria melhor, embora menos consola-

dor, que as mães se convencem sem de uma vez por toda a, que a morte não é uma fatalidade, mas um accidente devido ao descuido dos paes.

Ora, e em nosso paiz, as mães, durante o estado de gravidez, não cuidam de tonificar-se, de adquirir forças para robustecer o leite com que vão alimentar os seus filhos. Muitas dellas, principalmente as da alta sociedade, em vez de se affazerem á idéa de que, nesse estado, devem sacrificar-se pelos filhos, continuam a frequentar a sociedade, a usar espartilho para esconder a sua natural e passageira deformidade, sacrificando, dessa maneira, o ser que conceberam. O resultado disso é o que se vê: filhos imperfeitos, rachiticos, fetos.

A maior parte dessas senhoras não amamentam os filhos, deixando esse encargo ás amas, que, não sendo mães, não têm com as creanças que lhes são confiadas os intelligentes e solícitos cuidados que ellas exigem.

Outras ha que, não podendo pagar a amamentação e não possuindo, por falta de hygiene e alimentação apropriadas, o leite necessario á nutrição dos filhos, alimentam-nos com leite de vacca.

Ocorre-nos fazer, a proposito disto, certa pergunta: uma creança, apenas desmamada, pôde usar o leite de vacca como alimento principal? Umo creança pôde tornar-se robusta e desenvolver-se bem, sem que se tenha nutrido com o leite materno? Estas perguntas contituum verdadeiros problemas, de solução difficilissima.

Uma creança, habituada a principio ao leite materno, logo que experimenta o leite de vacca, começa, não raro, a sentir perturbações gastricas e intestinaes. A mudança de alimentação precisa ser operada gradativamente, gradualmente, começando com leite menos denso que o ordinario e aumentando de densidade á medida que a creança se vae habituando ao leite de vacca.

Qual será a devida proporção para um menino desmamado de quatro a cinco mezes?

Quasi a mesma que para um menino robusto de dois mezes, creado com biberon, aumentando, em duas ou tres semanas, a porção de alimento até corresponder á sua idade e necessidades.

Qual será a proporção para um desmamado de nove ou dez mezes?



Approximadamente a mesma q'c para um menino de quatro ou cinco mezes de idade creado com biberon, augmentando-se a proporção, como no caso anterior.

o menino perderá em peso, durante a mudança de alimentação?

Provavelmente que sim. Mas a sua debilidade é passageira.

A questão que deve interessar de perto a mãe é a alimentação artificial.

Qual o alimento que contém os mesmos elementos do leite de peito?

O leite de certos animais, principalmente o da vacca, unico que deve ser empregado.

Um menino deve alimentar-se com alimentos que não contenham leite?

Por algum tempo, não ha inconveniente; mas a continuação pôde expol-o a graves perigos.

Quaes são os perigos que offerecem esses alimentos?

O escorbuto e as demais consequencias da má nutrição. O menino desenvolve-se com excessiva lentidão, emmagrece e começa a soffrer de perturbações gastro-intestinaes.

O leite que se vae dar a uma creança precisa ser proveniente de vaccas sadias e robustas e extrahido por mãos sãs e isentas de impurezas. A selecção do leite é uma coisa importantissima. Entretanto, é preferivel o leite das vaccas communs, quando são sadias, ao leite das vaccas de puro sangue, alimentadas com excessivo esmero.

Convem saber qual é o leite melhor, se de uma só vacca, se de varias. E' preferivel o leite de varias, porque varia pouco de dia para dia, ao passo que o leite de uma só vacca varia consideravelmente. O leite deve ser sempre fresco, do mesmo dia. As vasilhas precisam ser cuidadosamente lavadas e fervidas para evitar a fermentação.

Ha a considerar duas coisas essenciaes para o cuidado do leite. Primeira: conserval-o sempre livre de impureza e contagio. Para isso é preciso que as vaccas, os estabulos e os ordenhadores estejam limpos; toda a vasilha ou garrafa destinada a guardal-o deve ser este-

rilisada momentos antes de ser usada, por meio do vapor, ou, melhor, d'a agua fervente. Segundo: esfrie-se o leite immediatamente e depois de ordenhado. Para isso é preciso pol-o sob a temperatura mais baixa possivel.

O leite que se compra na rua, cuja proveniencia se desconhece necessita passar por um processo antes de ser usado, sobretudo se é destinado á alimentação de uma creança. Deve ser coado por um panno grosso de algodão ou por um panno fino dobrado em quatro, cuidadosamente esterilizado. O recipiente precisa ser posto na agua ou no gelo, durante meia hora ou mais. Esse resfriamento immediato é muito importante, pois aggrega excellentes qualidades ao leite. Já se sabe, e é ocioso advertir, que o leite perde o seu calor com rapidez quando esfriado em agua, mas com lentidão quando é collocado em logar frio. Depois de permanecer quatro ou cinco horas, tire-se a parte de cima. Feito isto, e passados mais algumas horas, pôde-se-lhe deixar o creme ou a nata.

E' muito commum a certas mães pouco escrupulosas, conservarem sempre o leite quente, na temperatura propria para o biberon. A' noite, principalmente, ellas têm esse nocivo cuidado para facilitar a alimentação e acudir ao primeiro choro da creança. Nada mais prejudicial que isso, porque o leite, mantido quente ou morno durante algumas horas, perde muitas das suas qualidades ao mesmo tempo que adquire elementos nocivos á saúde da creança.

Estes conselhos que aqui ficam, necessitam ser maduramente meditados e estudados por todas as senhoras que prezam, como devem prezar, acima de tudo, a belleza, a força, a saúde e a vida dos seus filhos. As mães brasileiras, sobretudo, são as que mais attenção devem dar a estas questões de hygiene infantil, porque em nosso paiz a mortalidade infantil tem attingido cifras espantosas. Basta advertir que na cidade de S. Paulo, que é, talvez, mesmo em materia de hygiene, a mais adequadada do Brasil, o obituario infantil concorre com a extranha percentagem de oitenta por cento sobre o obituario geral.

Dr. X



# A MINIATURA

Na decoração dos manuscritos e na pintura designa-se sob o nome de miniatura, as vinhetas ou assumptos, desenhados ou pintados, em pequenas dimensões.

Sob a forma de estampa illuminada a miniatura é muito antiga.

Já numa epocha remota, os egypcios praticavam esta arte adornando os seus manuscritos com vinhetas douradas.

Mais tarde os latinos juntaram ás letras negras, de que se compunha a sua escripta, as letras vermelhas e os cabeçalhos dos capitulos a zarcão.

É do uso desta materia que derivou a palavra miniatura.

A primeira letra das alíneas é o pretexto de desenhos mais ou menos contornados.

A altura varia e attinge, algumas vezes, grandes proporções; só uma letra occupa, só por si, duas ou tres linhas; outras vezes é floreada com colcheados, curvas, flores, festões. As letras alforçadas, bordadas, filigranadas são o exemplo.

Bem depressa a verdadeira miniatura apparece; as letras encerram nos seus contornos imagens, historias, de onde o nome de imaginadas ou historiciadas. Um Virgilio conservado no Vaticano, datado do seculo IV, confirmam-o; o volume é illustrado com pequeninas scenas d'onde o assumpto é extrahido do texto.

A epocha romana succede um periodo obscuro, do qual existem poucos indicios. A miniatura parece quasi ignorada.

No seculo VIII a arte bysantina que florescia e na qual as miniaturas eram notaveis depois do seculo VI, atravessou uma grande crise.

Ahi por 726, uma seita de vândalos, os iconoclastas, reprova os symbolos visiveis, dos quaes usava a arte religiosa, como estando corrompidos de idolatria.

Em 730, um concilio havido em Constantinopla approva estas medidas e interdiz as imagens.

Ha então um momento de vandalismo: as reliquias do passado são destruidas, as estatuas derrubadas, e certas obras queimadas.

Apesar do apoio que dá a estes iconoclastas o imperador Leão o Isauriano, a Italia levanta-se contra elles e provoca em 787 um novo concilio.

Este conjuga todos os seus esforços para aquilliar as decisões tomadas pelo de 730.

Mas o resultado deste concilio não se fez sentir immediatamente, e faltou ainda algum tempo para que a era das destruições fosse completamente extincta.

Este ultimo periodo é illustrada sanquinarmente pelo imperador Theophilo, que fez cortar as mãos de Lazaro, miniaturista celebre, culpado de ter representado figuras de santos.

Longe de ceder a estas ameaças e perseguições, os miniaturistas continuam a trabalhar com oblação; as obras executadas neste periodo, longe de serem desprovidas de graças, reflectem a lembrança da arte classica dos gregos; no seculo IX elles retomaram a sua independencia, abandonando o estylo fixo e hieratico por uma maior preocupação da verdade.

Um pittoresco reina nas composições, a expressão das figuras bem appropriada, o cuidado da forma e da natureza é estudado até aos mais pequenos detalhes dos costumes e das payagens.

É a epocha gloriosa da miniatura.

Nos seculos VIII e IX, Carlos Magno encorajou esta arte, fazendo-a enriquecer com numerosos evangelisadores.

Perto do seculo XI o miniaturista muda a sua maneira de agir. Não procura já copiar exactamente a natureza; o seu fim é a riqueza dos seus personagens. Elle não phantasia já a elegancia das attitudes que pintar exactamente.

Representa-nos vestimentas pesadas, cobertas de bordados, rutilantes de ouro e de prata.

Um dos principaes manuscritos conservados até hoje no Vaticano, o Ménologe, decorado com quatrocentas miniaturas sobre fundo dourado por Bazilio XI, imperador, é um exemplo deste genero de ornamentação.

Uma das obras capitae de então é um Christo deitado, detrás do qual se admiram cincoenta e seis cabeças de anjos com expressões differentes.

Na idade média os monges tornaram-se os especialistas da miniatura, os conventos tornaram-se em verdadeiras escolas da illuminar. Nos mosteiros esta arte toma dia a dia um vulto consideravel.

Os assumptos religiosos são numerosos, os manuscritos são illustrados e alguns demandam muitos annos de trabalho.

Bourges, Poitiers e Tours são encarregados de perpetuar o poder desta arte; o Evangelhario de Carlos o Calvo é o triumpho da Escola de Tours.

Não foi senão no seculo XIII que os mosaicos ornaram o fundo dos assumptos.

No seculo XIV, grandes mudanças se produzem. O illuminador (de estampas) abandona a penna que em-

pregava antes para traçar o desenho destinado a ser pintado e já se não serve senão do pincel.

Por outro lado, os fundos são compostos com mais cuidado.

Os que outr'ora eram unidos, sem interesse, de uma só côr, cedem o lugar a perspectiviss sabiamente estabelecidas, a payagens delicadas, a interiores notaveis.

É um tornigueiro de pequenos quadros, e cada pagina, cada linha, cada letra é a occasião para matizados, flores, folhagens, pintadas com grande minucia.

O rei de França, Carlos V, os grandes do reino, taes como os duques de Borgonha e de Berry, não desenhavam esta arte e prestam o seu apoio, aos illuminadores-calligraphos do tempo.

Mas a grande epocha da miniatura, a mais fecunda, a mais admiravel é a do seculo XV.

Nas suas obras, o miniaturista emprega todos os seus esforços para realisar o retrato, chega então a darnos figuras de grande sinceridade e de semelhança.

Rodeia os seus personagens ou os factos que representa com decorações no meio das quaes elle proprio vive. Não tem nenhum cuidado com a realidade e colloca sem escrupulo scenas de Antigo ou Novo Testamento, ou ainda a vida dos Santos, nas proprias ruas da cidade que habita, sem se inquietar com a verosimilhança.

(Continua no proximo numero)

## CORRESPONDENCIA

Srta. Lucia - Temos album com Endos-desenhos para macramé.

Alli poderá aprender todos os pontos assim tambem temas para bordado em etamine.

Dizez - Não me incomodam suas consultas estamos aqui para servila. O preparado para trabalhar com tinta a oleo, chama-se "Mixopize". Um bom methodo é o "Calligrapho Moderno" mas actualmente não se encontra nas livrarias.

Baby - A pessoa sobre quem me falla reside á rua Tamandaré 55.

Bellini - Temos o desenho de guardanapo igual á toalha de chá que demos em n.º 42, e vendemos pelo preço de 1500.

Enviamos qualquer desenho que precise, e os avizamentos para os trabalhos que deseja executar.

As letras custam de 200 rs. a 38 conforme o desenho.

Os monogrammas fazemos desde 800 rs.

Corsby - A "Petalina" produz o effeito que a Sra. deseja. É' inofensivo.

Sra. Mary - Seguiram as Pastilhas Malcom conforme seu pedido. É' realmente um remedio de grande effizienz.

# TRABALHOS FEMININOS

**Renda de Bruges fina.** A renda de Bruges é da mesma classe que a renda Duquesa, com a qual muitas pessoas a confundem; mas examinando atentamente as duas, encontra-se entre ellas uma differença extraordinaria. A de Bruges é um desenho muito mais ressaltado. Os detalhes são mais precisos: um simples golpe de vista sobre as duas rendas demonstrará a grande differença que existe entre ellas.

Na renda Duquesa não se encontram essas pequenas flores redondas, que se vêm tão graciosamente dispostas em moldura, nesta renda. A verdadeira renda de Bruges faz-se em desenhos separados e depois reunidos por bridas. A "simples" de uma renda mala tem que ver com a delicadeza maior ou menor do desenho.

Os laçets são de outra forma porque elles tem de representar florinhas e desenhos que não existem em outras rendas; ha laçets para flores maiores e menores ajourados, que dão realce e delicadeza a esta renda.

Para fazer as flores cortam-se o laçet do tamanho que se quer, e passase simplesmente um fio nos ajours do pé; francezse e dá-se á florinha uma forma redonda, perfeita, e fecha-se por uma costura muito fina as duas extremidades do laçet.

Entre os diferentes laçets, encontram-se também folhas de todas as dimensões, e uma especie de florinha, tendo a forma de um calice, que encontraremos muitas vezes na renda.

Pode-se substituir as bridas simples por bridas a *point*. Quando o desenho estiver descaçado e todos os laçets solidamente alinhavados sobre a tela de engenheiro, enfiase a agulha de fundo largo, com linha apropriada, e fazese um zig-zag de um a outro desenho, seguindo a linha do traçado e pespontando de alto a baixo a beira dos laçets que se encontram; querendo-se maior perfeição no trabalho, fazem-se as bridas cada uma por sua vez; isto será mais demorado mas dura maior belleza ao trabalho. Encontram-se muitas vezes em algumas rendas, medalhões de tulle; nesse caso o pequeno pedaço de tulle de Bruxellas deve ser alinhavado sobre o medalhão desenhado na tela de enge-

nhelro, antes de começar o trabalho dos laçets; o laçet que enquadra o medalhão será esido com muito cuidado, por suas duas bordas no tulle, e o que sobrar deste será cortado; os desenhos serão esidos sobre o tulle com pontos muito pequenos.

Damos hoje um desenho muito simples mas bonito, para que nossas leitoras, possam confeccionalo sem grande difficuldade, e que pode ser um lenço ou uma pequena toalha. Mais tarde daremos

modelos mais complicados.

Este modelo é confeccionado da seguinte forma: Depois de descaçado o desenho em papel de engenheiro, dispõem-se os laçets em desenhos regulares, que separam entre si os quatro medalhões emoldurados por pequenos botões de rosa; para os desenhos deve-se empregar laçet n.º 5; os quatro botões de rosa dos angulos são feitos com o auxilio do laçet n.º 11 e emoldurados com laçet n.º 34.

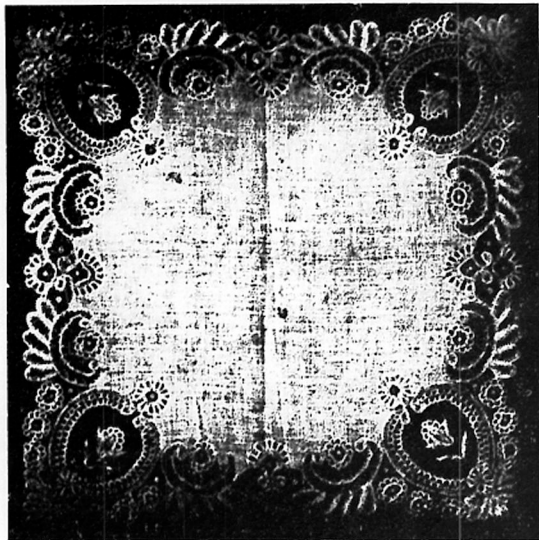
Depois de prompta a renda incrusta-se em batista de linho muito fino, com pontos de festão.

**Abafador ornado de incrustações.** — É executado em linho branco fino sobre 30 cent. de altura por 45 de largura; guarnecese de bordado inglez antigo e incrustações de filé. Os contornos são ornados com renda do Norte.

O bordado é feito em ponto inglez com linha brilhante D. M. C.; o filé é trabalhado em linha fina, e bordado com ponto de teecer; e é incrustado com ponto de cordão ou de festão muito verrado,

cortando-se em seguida o linho que está por baixo.

Faz-se com o mesmo modelo um outro abafador de seda acetilhada, em cor que não descore, forrado a parte de dentro com uma boa setineta da mesma cor. Sobre este collocam-se as partes bordadas em linho, prendendo com pontos furtados para facilitar a lavagem da mesma.



LENÇO EM RENDA DE BRUGES



ABAFADOR BORDADO COM INCRUSTAÇÕES DE FILÉ



# COMO ENFEITAR MINHA CASA

**Store ou reposteiro.** — O modelo tem 1m e 50 de comprimento, e compõe-se de duas tiras de etamine bordada a ponto de Gobelins, e mede 48 cent. de largura cada uma e unidas com tranças de macramê de 40 cent. de comprimento; a barra termina por uma franja de macramê, formando nós de 75 cent. de altura. Para fazer a franja introduzem-se na etamine fios de 2m 50 cent. de comprimento e se reúnem 2 de cada vez, com um intervalo de 2 fios de etamine para cada grupo de fios de linha. Executam-se carreiras de pontos com 8 fios de cada vez, no fim se passam os fios através da orela da etamine, finalmente passam-se fios através da orela da etamine bordada, tira-se o nó pelo avesso do trabalho com o auxílio de alguns pontos, e cortam-se as extremidades.

Para a franja da barra introduz-se na última tira bordada, de etamine uma carreira de pontos de 11 cent. de comprimento, e trabalha-se da seguinte maneira:

1.a e 2.a carreiras — Deitam-se os dois primeiros fios como fio-mestre, para a direita por cima dos

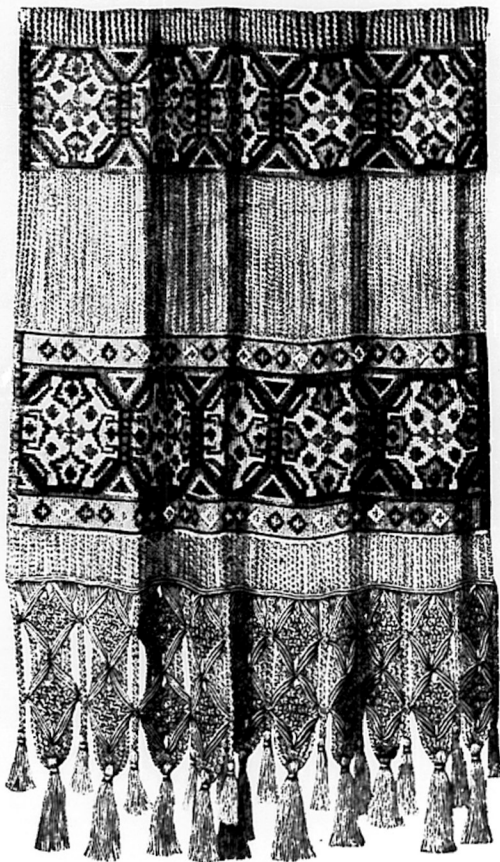
outros fios e se executam 2 nós festão sobre o fio-mestre, tomando 2 fios juntos de cada vez; 3.a carreira — 21 pontos com os 12 fios mais próximos, depois alternando passam-se os 56 fios mais próximos e 21 pontos com os 12 fios seguintes.

Depois trabalha-se com os 56 fios passados e collocam-se em vez o 25.º até o 28.º fios como o fio-

mestre para a esquerda por cima dos outros 24 fios e executam-se 2 nós festonados sobre o fio-mestre, tomando 2 fios juntos cada vez e retomando 2 vezes depois; trabalha-se em sentido inverso 3 carreiras semelhantes com os outros 28 fios e passando-os com o auxílio de uma agulha de crochet os fios-mestres da última fila, através do 5.º nó das tranças e se termina por um nó festão. Para o meio do desenho se executa

um nó mexicano com os 16 fios do meio, utilizando 8 fios como fios-mestre; ajuntam-se de cada lado 8 fios e se executam 2, depois 3 nós mexicanos semelhantes e deixando-os tomar 8 fios de cada lado, se trabalha 2, depois 1 nó mexicano.

Executam-se ainda 3 filas enviezadas de nós festão, que se reúne ao meio dos 8 fios-mestre por um nó mexicano. Com outros fios de nó festão, executam-se 5 pontos marinhos com os 12 primeiros fios, 12 ponto marinho com os 12 fios mais próximos, outro 12 ponto marinho com os 12 fios seguintes, e 5 pontos marinhos com os 12 fios que restam.



*Original Store ou reposteiro em macramê e etamine bordada.*

Depois se executa ainda um desenho quadrado como precedentemente, prendem-se os fios-mestre ao 16.º ponto marinho, depois das primeiras filas de nós de festão.

Em seguida formam-se 8, 6, 4, 2, 4, 6, e 8 pontos marinhos, tomando 8 fios de cada vez, e se atam os fios; enlaça-se este último nó de fios de 50 cent. de comprimento com o qual se forma uma borla, e finaliza-se com a mesma.

# TRABALHOS FEMININOS

Satisfazendo o pedido incessante por parte de jovens mães e titãs que querem fazer um trabalho simples e bonito para o querido bebê que está esperando, ou para o primeiro sobrinho que chegará em breve, para o qual querem fazer um presente que não faça parte de seu enxoval, vamos dar hoje esta coberta de berço, muito simples, pratica e bonita.

Ahí está um presente que não é o classico paletosinho de malhas, o sapatinho, a touquinha que todos

são festionadas e formam um *trou-trou*. Um lindo desenho bordado á ingleza e á bridas formam dois cantos da coberta. Esses cantos são separados por um entremeio de renda do Norte incrustado a ponto de festão. Outro motivo tambem bordado a ponto inglez e bridas occupa o centro da coberta.

Terminado o trabalho, colloca-se o bordado sobre um acolchoado de seda, tendo-se o cuidado de dar a esse dimensões menores, afim de que a parte compre-



*Goberta para Berço ou Moveis.*

os bebês recebem em profusão! E com certeza será um presente recebido com muito agrado porque nem todos lembram-se de que o bebê não precisa somente de roupas para vestir, que seu bercinho tambem precisa ser ataviado.

Escolhemos, como já dissemos, um trabalho vistoso e que demandará pouco tempo e pouca despesa. O modelo mede 70x55 cent. e é executado em linho branco. A beira é festionada em dentes regulares, no interior da qual se vê um passador para fita n. 9, cujas aberturas

hendida entre o *trou-trou* e o festão, forme um folho que repousa sobre o folho de taffetà recortado com que termina o forro.

O modelo acima pôde servir tambem para uma coberta de commoda ou machina de costura. Nesse caso em vez do passador para fita empregue-se um entremeio de renda do Norte.

Enviamos o desenho por 3\$000.

Na sala de exposição temos rendas apropriadas a 1\$000 e 1\$500.

# AS TAPEÇARIAS

Entre os povos antigos as tapeçarias eram mais estimadas que nas modernas civilizações. Isso explica-se porque os antigos povos cultivavam a indolência e prezavam com mais carinho os confortos do seu lar. Demais, a actividade do egypcio, como a de todos os orientaes daquelles tempos, era exercida de portas dentro. Por esse motivo, tratavam elles de cercar-se de todos os confortos possíveis. As suas longas sestras, as suas longas horas de repouso, de meditação ou de estudo, requeriam um ambiente proprio, servindo os reposteiros para preparar as meias-penumbbras suaves, e os tapetes para apagar, afofando, o rumor das sandalias. A luz, no Oriente, é sempre violenta e crua, e só os reposteiros é que podem garantir os olhos contra os excessos da luz.

A arte das tapeçarias nasceu, segundo uns, no Egypto, segundo outros, na India. Vá isso á conta da diversidade de opiniões, que poz, desde muitos annos, em campos oppostos, os egyptologos e os indianistas. Afirmam os primeiros que a civilização e as primeiras tribus humanas nasceram á margem do Nilo; affirmam os segundos, em contraposição, que a mais velha das civilizações se fez á beira do Ganges. Seja como fór, não tratemos de saber qual das duas civilizações é a mais antiga. O que sabemos é que ambas são as mais antigas.

Mas isto são coisas que não interessam ao assumpto de que tratamos. O que nos interessa são as tapeçarias. Os egyptios cultivavam, com extremo amor, essa arte. Mas, dessas tapeçarias, das tintas que eram empregadas, do seu desenho, da qualidade do tecido com que eram confeccionadas, nada nos resta hoje. As noticias que temos disso vêm-nos atravez dos documentos de Herodoto, de Jamblicus e de mais alguns historiadores da era anterior a Christo. Os egyptologos modernos, entre os quaes se destacam Champollion e Maspero, estudaram estes assumptos, offerecendo á arte, e sobretudo á arte da tapeçaria os mais lindos e suggestivos motivos.

Na India, na Turquia e principalmente na Persia a arte da tapeçaria chegou ao seu apogéo. Os tapetes persas authenticos vendem-se por preços assombrosos. Os de antiga fabricação já se não vendem por preço nenhum, porque fazem parte dos museus e das colleções particulares.

Os desenhos desses tapetes, feitos com um prodigioso relevo, representam, por via de regra, scenas religiosas, os acontecimentos do tempo ou symbolos de religião e fé, muito complexos, só accessíveis aos estudiosos e exegetas.

Mas as pessoas de gosto, na impossibilidade de possuir um desses tapetes, porque já não ha dinheiro que os compre, podem contentar-se com as copias, que se vendem, mesmo entre nós, por preços relativamente commodos. Na Inglaterra Continental e na Irlanda fabricam-se esses tapetes, que reproduzem, com a mais rigorosa fidelidade, os velhos e preciosos modelos persas e arabes. Os artistas inglezes incumbidos desse trabalho, aperfeiçoaram-se tanto, que obtiveram o maximo de semelhança; e entre a imitação e o exemplar authentico, a unica differença que se nota é no aspecto novo do tecido.

Quanto ao desenho, a semelhança é flagrante, porque nas fabricas inglezas os artistas não se contentam de reproduzir apenas os desenhos, em todas as suas mais fugitivas minucias, mas, mais do que isso, conseguem dar ao desenho o aspecto apagado, envelhecido, a «patine» emfim, que torna esses tapetes superiormente apreciaveis.

Os tapetes inglezes «Wilton» e «Axminster» são os que realisam maior semelhança com os originaes antigos. A qualidade da lã tem uma excepcional importancia. E naquelles tapetes, a excellente qualidade da lã, tratada com cores suavissimas, que se combinam nas mais lindas gradações, concorre igualmente para accentuar esse aspecto de velhice dos antigos modelos.

Em outros paizes tem-se tentado essas imitações. Mas nenhum fabricante conseguiu ainda offerecer exemplares dignos de nota. Todos elles se differenciam do typo antigo, ora pela cor excessiva dos desenhos, ora pela falta de fidelidade na reprodução de certos pormenores.

Os tapetes «Wilton» e «Axminster» são verdadeiramente ideaes.

Accresce ainda que os tapetes de fabricação ingleza são de uma extrema durabilidade, e isso é conseguido pela qualidade do tecido, que é muito compacto, e pela maneira especial como é feita a trama. Esses tapetes desafiam o uso e os rigores do tempo.

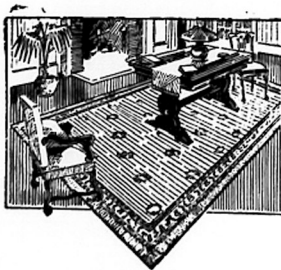
Entretanto, existem ainda nas Indias Orientaes numerosas manufacturas de tapetes, cujos productos satisfazem plenamente o gosto contemporaneo. Ainda hoje se encontram legitimos tapetes persas, que, apesar de raros, sao vendidos por preços razoaveis.

O conjunto de uma sala mobiliada com gosto, requer, necessariamente, um tapete apropriado para emprestar ao ambiente um aspecto de harmonia e de graça.

A riqueza das cores e o contraste dos desenhos de um desses tapetes, a maneira de ser collocado no compartimento, combinando com o estylo da architectura da sala e dos seus moveis, dão ao ambiente uma excelente impressão de graça artistica e de luxuosa elegancia.

Em S. Paulo já se encontram desses tapetes. Vi-mos-os na casa Mappin, á rua 15 de Novembro. São magnificos. Segundo estamos informados, a casa Mappin possui um stock de 2.000 tapetes, escolhidos pessoalmente pelos seus representantes nos centros productores. Os seus preços são absolutamente razoaveis.

As pessoas que prezam a elegancia do seu interior, devem, nem que seja por simples espirito de curiosidade, visitar esse estabelecimento commercial e examinar os formosos exemplares que estão «expostos» á venda.



Prometemos auxiliar nossas leitoras em tudo que estivesse ao nosso alcance, para que ellas pudessem ter um lar confortavel, agradável e sem grandes despezas. Dando cumprimento á nossa promessa, temos procurado orientar-as no modo por que devem confeccionar e tratar da rouparia de sua casa, e de sua ornamentação; e é nesse proposito que não nos cansamos de, todos os mezes, apresentar lindos modelos de paraventos, objectos de escriptorio, abat-jours, almofadas etc. Hoje damos os modelos para uma guarnição de janella, composta de brise-bise e store, desenho muito artistico. Os desenhos do bordado e da incrustação de Veneza, são tirados de documentos antigos.

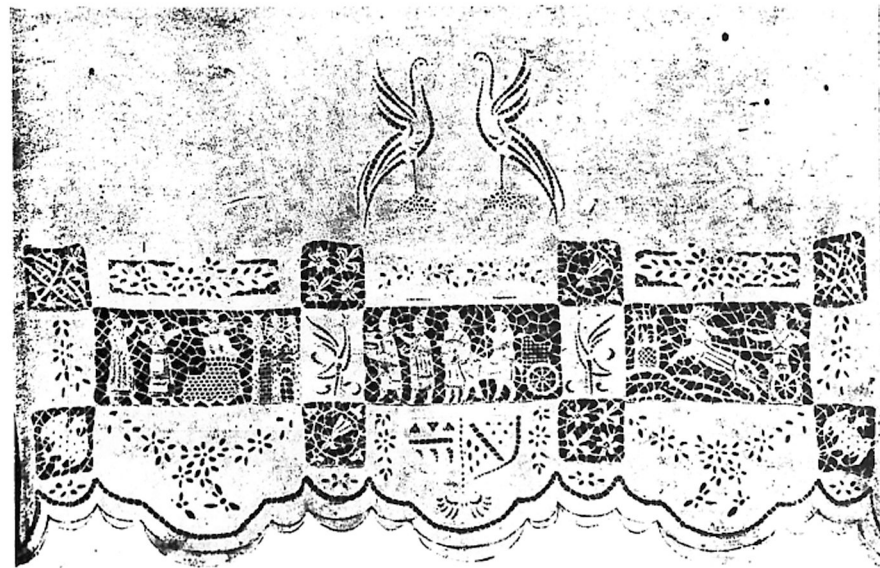
As duas brise-bises podem ser feitas diferentes, nellas se encontram os mesmos pequenos quadrados, mas os rectangulos são diferentes.

O store é ornado de trez rectangulos das mesmas dimensões, e no mesmo genero, 1:2 quadrados repetidos dois por dois.

Como veem as leitoras, são trabalhados em ponto inglez e Veneza. Ha muitas que não saberão este ultimo ponto e que teriam grande desejo de executar os nossos modelos; para essas, aconselhamos executar a parte que é em Veneza, em Richelieu, em fazenda fina que ficará tambem muito bonito.



*Brise-bise genero antigo*



*Store genero antigo. Enriamos o desenho das brise-bises, por 3500 e do Store por 5000.*

## CASAS DE CAMPO E DE FAZENDA

## Mobiliário e decoração

Para as casas de campo, de fazenda ou de beira-mar, é preciso pôr de parte qualquer preocupação de luxo ou de estilo e deixar a phantasia a liberdade de escolher o que mais lhe apraza.

Num salão de casa de campo, construída ao rdz do chão, no mesmo plano onde se estende a aléa e onde tufa a relva do jardim, e onde os proprios cães domesticos são admittidos, é preciso que o mobiliário condiga á situação, tenha um aspecto confortavel e haja a maxima simplicidade. A gravura, que illustra estas linhas, dá uma idéa da simplicidade e que deve presidir a um salão desse genero.

A sala recebe a luz por uma ampla janel-

la, aberta profundamente na larga parede, o que fornece um pretexto a um "cosy corner", como dizem os inglezes. Com effeito, o vão, o espaço desocupado pelo muro pôde ser preenchido por um commodo e elegante divan de vime ou canna da India, sobre o qual uma cobertura macia, recoberta de uma tela de Jouy de tons vivos, põe uma nota clara e alegre. Uma tofa almofada, que serve para guarnecer um dos lados, convidará ao descanço e ao repouso. Essas almofadas podem ser de cretonne, com desenhos impressos, de linha ou incrustadas de couros coloridos, tal como exige a moda actual, excluindo propositalmente toda "soierie", tudo o que constitua luxo ou ornato dos salões da cidade. Quem vae para o campo, para a fazenda ou para os banhos de mar, necessita libertar-se de tudo e, principalmente, das preocupações do luxo que caracterisam a vida nas capitaeas.

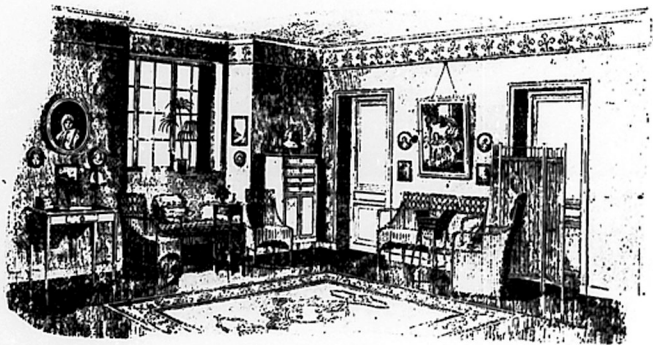
De juncos ou vime deve ser construído todo o ligeiro e fresco mobiliário, canapé, poltronas e cadeiras, cuja forma "hotte" é tão graciosa e sobre as quaes as almofadas offerecem o indispensavel elemento de conforto.

Para uso da dona da casa collocar-se-á, a um canto, a mesa de trabalhos, larga, onde caibam os ob-

jectos da sua tarefa domestica, e, ao lado, sobre o "gueridon" de vime, devem estar á mão os livros novos, os jornaes e revistas, que dão ao interior este aspecto a que os francezes chamam "habité", tão agradável aos olhos e tão caro ao coração.

Os pequenos gueridons baixos em acajú, genero inglez, são muito proprios a estas decorações campestinas: servem para descançar neles o cinzeiro, o serviço de chá, o cabaz de frutas. Conforme o tamanho

do salão, um ou dois paraventos se impõem. O que a nossa gravura representa é, como vêm, muito interessante: Armado de madeira, canella branca ou escura, em tres faces nas quaes se destaca a decoração ingenua



Salão de campo

de uma pastoral sobre tela de Jouy. Poder-se-á tambem, com mais economia pregar na armação de madeira um tapete de cretonne, de tom vivo.

O salão não dispensará uma secretária para se escreverem os recados urgentes ou uma mesinha destinada ao mesmo fim.

Se, com este lindo conjunto, se escolher, para forrar as paredes, um papel de ramagens claras, se o chão, bem encerado, se mantiver sempre brilhante e se, em cada canto, sobre peanhas de vime ou de madeira envernizada, se alteiarem as esbeltas palmeirinhas, e a sorrirem, nas suas cores vivas, os ramalhetes de flores frescas, ter-se-á composto um salão pouco banal, a que não fazem falta o gosto, a graça e o conforto.

Um salão deste genero, decorado com tanta economia e simplicidade, está ao alcance do mais modesto dos nossos lavradores. Elles, porém, sem excluir os mais abastados, tratam, em geral, com muita negligencia a elegancia do interior dos seus salões. Ha excepções, já se vê. Mas entre estas excepções contam-se muitos dos nossos ricos fazendeiros, que decoram e ornam os salões da sua fazenda com um luxo e sumptuosidade que não condizem absolutamente com o meio.

# NO PENSIONATO DAS IRMÃS

*No jardim do pensionato, à hora do recreio. Maria e Rachel sentam-se juntas, mas sem se aproximarem muito, porque isso lhe é defeito pela rigorosa disciplina. Estão afastadas das outras colegas. À distância, as "maiores", em grupo, conversam familiarmente. A irmã Margarida, sempre vigilante, não perde de olho as meninas, muito atenta aos seus menores gestos e movimentos.*

*Maria e Rachel têm quinze annos, e são, como suas irmãs, todas as suas condiscípulas, de uma encantadora ingenuidade; a irmã Margarida é alta, de índole aberta e tem as oitavas de uma curvatura em duas freguesias.*

RACHEL — Tenho uma coisa para te dizer.

MARIA (*multo vivamente*) — Que é ?

RACHEL (*franzindo a testa, prudente*)—Que modos! Fica mais quieta e finge que não me dás muita atenção. A irmã vigilante não nos perde de olho.

MARIA — E' verdade. Que mulher antipathica! Ella parece que adivinha tudo o que estamos conversando.

RACHEL — E tudo o que estamos pensando. Por que será ?

MARIA — E' porque ella viveu no «mundo» muito tempo. Antes de ser irmã de caridade, teve no Rio, uma casa de pensão.

RACHEL — Chi! — Então deve saber coisas...

MARIA (*arragalandos olhos*) — Deve. Dizem até que ella foi casada, teve filhos...

RACHEL — Ouvi dizer tambem. Então deve saber bem o que é a vida lá fóra». Porisso é que a madre superiora a destinou como vigilante. Quando ella olha fixamente para a gente, parece que está adivinhando os nossos pensamentos.

MARIA (*aproximando-se de Rachel*) — Que é que tinhas a dizer-me ?

RACHEL — Afasta-te um pouco para lá.

MARIA (*olhando para trás, de soslaio*) — Arre! qui cuidado! A irmã vigilante está de costas.

RACHEL — A's vezes, quando ella se põe de costas é quando está mais atenta. Eu conheço-lhe as manhas.

MARIA — Ella agora está conversando com as «grandes».

RACHEL — Está bem. Pois o que tenho a dizer-te é que recebi uma carta da Candinha.

MARIA (*vivamente*) — Onde está ?

RACHEL — Aqui no meu seio. A carta veio directamente das minhas mãos, sem passar, como é costume, pelas mãos da madre-superiora.

MARIA — E como arranjuste isso ?

RACHEL — Da maneira mais engraçada. Quem m'a en-

tregou foi a cosinheira. Entregou-m'a dentro do ovo de páo que serve para serzir meias. Porisso está toda amarrada. A irmã Margarida viu o jogo.

MARIA — E não percebeu nada ?

RACHEL — Nada. Mas fiquei fria.

MARIA — E que é que diz a carta ?

RACHEL — Ainda não a li, ainda não tive tempo de ler, ou, melhor, reservei-a para a ler em tua companhia. (*Citando-a do seio*) Aqui está ella. Ainda não a li, mas sei de que se trata. A Candinha, como sabes, sahio do pensionato para se casar. E prometteu-me que me escreveria contando tudo que acontecesse durante as suas

primeiras vinte e quatro horas de casada.

MARIA — Oh! que bom! vamos ler. Estou ardendo em pulgas para ler essa carta. (*Depois, conseqüente e abaixando os olhos*)—Mas não será peccado ?

RACHEL — Não é. Casamento não é peccado. Tanto não é, que elle se realisa na Igreja, com a benção do padre.

MARIA — Lá isso é verdade. Nós mesmos havemos de nos casar um dia. Outras, mais feias...

RACHEL — A Candinha, por exemplo...

MARIA — Eis ahí. A Candinha casou-se... Ora, se havemos tambem de nos casar.. Falar de casamento não é peccado. Demais, se fôr peccado, a gente se confessa com o padre Anastacio.

RACHEL — Que é surdo como uma porta.

MARIA — Nem me fale. Eu prefiro o padre Eugenio.

RACHEL — Eu, não. Esse ouvia demais.

MARIA — Maria — Parecia até adivinhar o que a gente não dizia. Pois vamos á carta.

RACHEL (*desdobrando-a cuidadosamente e*

*collocando-a sobre o joelho para a alisar*) — Ih! que leitinha miuda! (*Virando-lhe as paginas*) — Como é grande!

MARIA — Melhor assim. Ha mais coisas para se ler.

RACHEL ( *lendo*) — «Rio, 12. Amiguinha Rachel, como te prometti...»

IRMÃ MARGARIDA (*surgindo por traz dellas, num tom de voz aspero*) — Que carta é essa ? Dá-me essa carta! (*Arranca-a das mãos de Rachel, e afasta-se*).

MARIA (*numa decepção*) — Bonito!

RACHEL ( *apprehensiva e pallida, com as mãos a tremmer*) — A agora ?



## O interior confortavel

*A construção dos paraventos para evitar os casos de fadiga ou «rillas» de beira-mar. Como devem ser montados. A sua utilidade, como ornato esthetico e hygiene das habitações. Economia e conforto. Conselhos e lições que devem ser aproveitados.*

Numa casa de campo ou de beira-mar, quer seja grande ou pequena, seja qual for o seu luxo ou simplicidade, o paravento tem sempre a sua utilidade. Iamos dizer que essa utilidade é imprescindível, mas deixamos de empregar o qualificativo, porque a maior parte dos habitantes do campo e das villas do littoral estão habituados a prescindir dos confortos mais indispensaveis.

Nessas casas, entretanto, mais que nas da cidade, o paravento se impõe. Nos dias de inverno, serve de abrigo ao vento e ao frio, e nos dias de verão protege o interior dos ardores do sol, que, por vezes, nas zonas do campo principalmente, se tornam insuportaveis.

Collocado deante da porta, cujos bates não se ajustam bem e por cujas frinças, em noites de chuva, sibila o vento, põe as pessoas enfermas, os reumaticos e os velhos ao abrigo das correntes de ar, que lhes podem ser funestas.

Permite às moças da familia, que não têm a sua disposição senão um commodo, dividir em dois o dito commodo, de modo a transformar um em quarto de dormir e outro em gabinete de «toilette» ou de trabalho. E isso sem prejudicar o aspecto de conjunto e a distribuição geral da luz. Como se vê, isto são vantagens que não devem ser desprezadas. Verdade é que, nas casas de campo e de fazenda, quando precisam dividir um quarto, usam correr, de parede a parede, uma cortina de chita com ramagens. Isso não é apenas inesthetico, como tambem sacrifica a luz e não dá aos moradores a liberdade de mudar a cortina para outro lugar, recua-a ou avança-a conforme a necessidade do momento, porque o fio ou travessa, onde se prendem as argolas, está fixado no parede.

Nas familias numerosas, os paraventos servem tambem para dar a cada uma das creanças o seu cantinho particular, evitando, dessa fórma, o inconveniente de dividir uma sala em muitos compartimentos.

Poderíamos ainda, se quizessemos ou se não temessemos fatigar a atenção das nossas leitoras, demonstrar outras innumeradas utilidades desse movel. Mas essa utilidade já está sufficientemente demonstrada. De resto, é um movel que não occupa lugar. Uma vez dobrado sobre si, fechadas as suas faces, uma sobre as outras, é facil guardal-o a um canto, no fundo do gabinete, quando deixou de ser util.

A sua confecção é facilissima. Não exige uma aptidão especial, senão, o que é de ver, um pouco de gosto. Os paraventos compõem-se de um certo numero de «folhas», tres, quatro ou cinco, que se dobram umas sobre as outras por meio de dobradiças, permitindo recuar as «folhas» para deante ou para traz, conforme convenha.

Cada folha ou face respectiva é um quadro ou caixilho construído de madeira. Quatro taboas, porém, não bastam para garantir a segurança do caixilho; é bom, pois, reforçal-o com mais uma, atravessada em sentido horizontal. Se se quizer reforçal-o bem, pode-se mesmo collocar no centro duas taboas em +, mas isto só nos casos em que a madeira for muito leve. O paravento não deve ser pesado, o que tornaria incommodo o seu transporte de um lado para outro.

Qualquer carpinteiro ou marceneiro pôde executar o trabalho, que não exige, como ficou dito, uma habilidade especial. A altura de cada folha varia entre 1 metro e 45 a 1 metro e 80, sobre 48 centímetros, mais ou menos, de largura. O preço de cada folha, incluidos os sarrafos, não excede talvez de tres mil réis.

Os paraventos não devem ter reverso. Para isso é necessario recobrir as duas faces de cada «folha». Essa coberta pôde ser de papel, igual ao papel da parede, ou de desenho e côr condizentes, de panno, sobre o qual se façam alguns bordados a sêda ou lã. de velludo de sêda ou algodão com pintura a oleo ou aquarella, de setim, com uma decoração de paizagem, de papel Whatman, com uma marinha em guache, de qualquer maneira enfim consoante ao gosto, á habilidade ou aos recursos de cada um.

Como se vê, os processos que occorrem para recobrir as duas faces de cada folha, são numerosos. Entretanto, cumpre-nos dar ainda alguns conselhos. No caso em que a decoração seja feita a aquarella, a aguada ou guache, convém recobri-la com uma camada de verniz, para tornal-a mais resistente. Esses processos de pintura, quando não estão protegidos pelo verniz, descoram-se facilmente com a humidade. Se se vae guarnecer os caixilhos com papel de parede ou Whatman, aconselhamos estender sobre elles, primeiramente, um panno qualquer, morim ou aniagem, que vae servir de contraforte e obstar que o papel se torne muito rasgado. De resto, sem esse cuidado, nem seria possivel colar o papel nos caixilhos. E' ocioso acrescentar que o tecido que se prega nos caixilhos, precisa ser esticado, pelas extremidades, por meio de taxas, tendo-se o cuidado de, sob as taxas, fazer uma pequena dobra no panno, para não se esgarçar e rasgar.

Dissemos que o paravento não deve ter reverso, mas sim duas faces em cada folha, ambas eguaes, de modo que o paravento, tanto de um lado como de outro, seja elegante, ou, pelo menos, apresentavel.

O paravento, que só tem guarnecida uma das partes, assemelham-se aos scenarios de theatro, cujo reverso mostra todo o esqueleto grosseiro da sua construção.

Entretanto, pôde-se montar um paravento, com uma só face, ao contrario daquelles que acabamos de descrever. Mas estes são, talvez, mais caros, porque deixam de ser obra da mãe de familia, da moça habil, para ser obra de marcenaria.

Os paraventos deste genero constroem-se como os primeiros, com a differença que os caixilhos dos primeiros são feitos de sarrafos grosseiros, pregados a prego nas juntas, não custando a sua armação, no carpinteiro ou marceneiro, mais que tres mil réis para cada folha. Mas os caixilhos, para esta outra especie de paravento, precisam ser feitos no marceneiro, de boa madeira, inbuia ou canella, cuidadosamente encerrada ou envernizada. Nem de outra fórma podia ser, porque, tendo reverso, é necessario que esse reverso não seja inteiramente destituído de graça. Obtem-se isso, empregando, como dissemos, boa madeira, que deve ser trabalhada com cuidado, colada nas juntas, e não pregada a pregos. Feitos os caixilhos, prega-se, na face da frente, um bonito tecido, velludo ou sêda, esticado em baixo e em cima com taxinhas de cabeça de metal. O tecido deve ter pregas pequenas, feitas com muita regularidade, e entre elle e as taxinhas deve correr um cadoço de sêda, com ou sem franjas.

Estes paraventos dão menos trabalho, mas custam mais caro.

## COMO ENFEITAR MINHA CASA

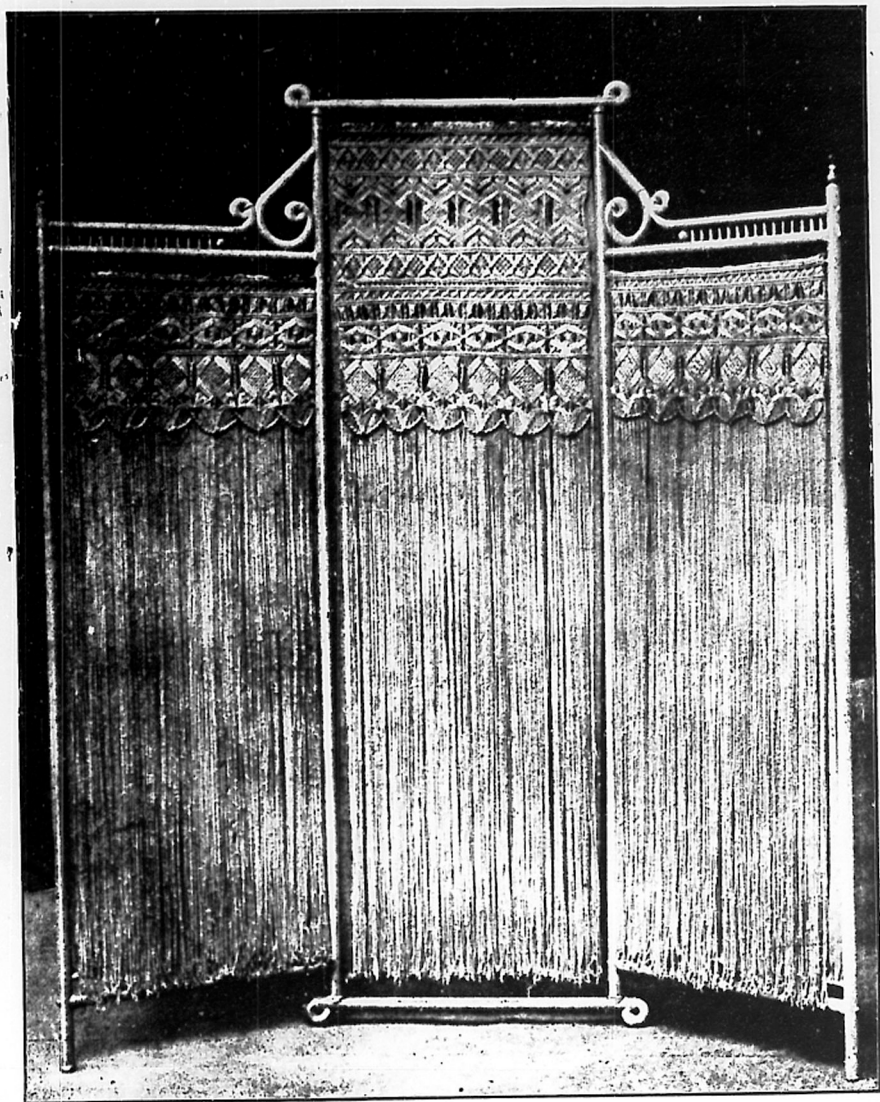


Fig 1 — Original e lindo paravento em rendas de Macramé e armação de vime.



FIG. — 2 DETALHE DOS «PANNEAUX»  
PEQUENOS DO PARAVENTO

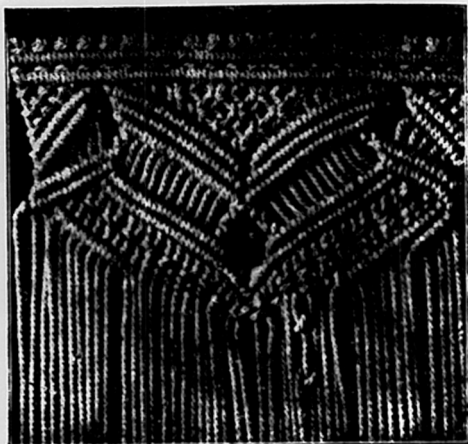


FIG. 3 — FRANJA PARA O PARAVENTO



Fig 1 — Paravento guarnecido com rendas Macramé — Em nosso numero de Fevereiro demos um lindo modelo de cesta para papeis, guarnecida com rendas de Macramé, que foi muito apreciado. Para satisfazer o desejo de algumas de nossas leitoras, damos hoje dois outros modelos no mesmo genero. O primeiro é um lindo desenho que pôde servir para store ou para um reposteiro: o segundo é este original e bello paravento. Reservamos outras peças no mesmo estylo para completar a guarnição de um escriptorio ou saleta de espera, onde quasi sempre se encontra uma mobilia de vime, que fará um delicioso *pendant* com esta guarnição. A armação do paravento é em vime. Os dois pequenos panneaux são guarnecidos com a mesma renda, conforme se vê no detalhe que aqui damos: este mesmo modelo serve de guarnição ao panneau do meio, mas a esta renda accrescentarmos um largo entremeio que forma a guarnição da parte superior. O começo desse entremeio é de uma execução facilima: montam se grandes picots, gale-

**KOLA SOEL** - Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago.  
Util no crescimento das crianças.

rias á barretes, medalhões compostos de *barrette*, pontos de *gibeciere* e *cabuchons*; dous cordões com pontos de tecer, ao meio, e estamos no motivo principal do entremeio.

Entre duas filas de duplas *barretes* encontra-se uma armadura composta de duas filas de ponto de torçal separadas por uma carreira de pontos de junção.

As figuras 2 e 3 dão a reprodução muito exacta desta armadura em via de execução,

✧ O desenho que guarnece os dous pequenos panneaux e que, na fig. 4, começa exactamente á direita marcada por uma cruz, principia por uma montagem de grandes "picots": galerias a *barretes*: duplo cordão com ponto de tecer, ao meio, em seguida um entremeio composto de pequenos desenhos separados alternativamente por um cordão ponto de corrente e por um cordão ponto espiral.

Cada pequeno motivo compreendido entre esses cordões é executado com 8 fios. Com os dois fios da direita ou da esquerda, segundo a ordem do desenho, fazem-se 7 pontos simples de festão, 2 filas de *barretes*. 5 pontos de festão, 2 ordens de *barretes*. 2 pontos de festão, para depois voltar completamente o desenho de maneira que com o ultimo fio da direita se encontre o primeiro da esquerda. Esse movimento dá aos desenhos um relevo muito accentuado e muito decorativo.

Esses modelos que damos hoje são muito faces e originaes.

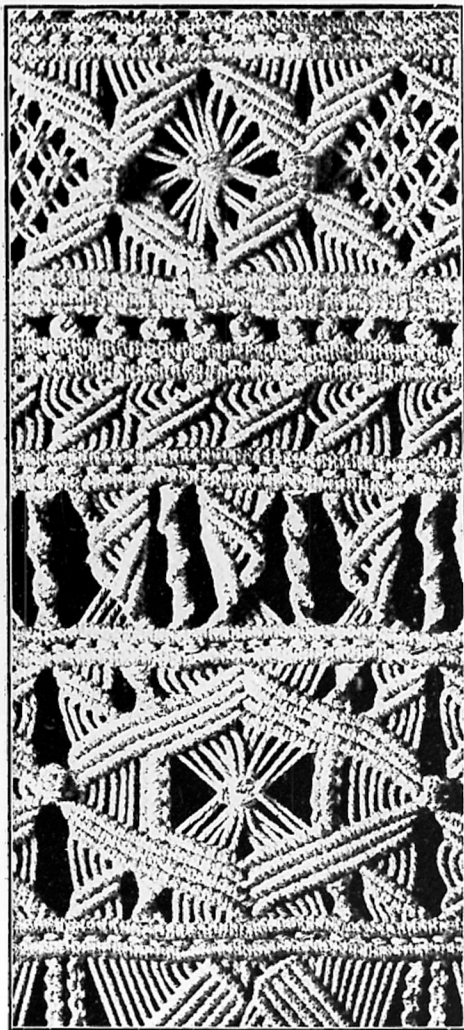


FIG. 4 — DETALHE DO «PANNEAUX»  
CENTRAL DO PARAVENTO



**TOLUOL** -

○○○○○○○○ Tosses, Bronchites, asthma, molestias do peito e garganta. ○○○○○○○○  
○○○○ Venda em todas as boas Drogarias e Pharmacias. ○○○○

# TRABALHOS FEMININOS



Fig. 3 — Sapatinhos de tricô

**Renda de crochê.** — Esta renda tem 11 cent. de largura e é trabalhada ao comprido. As flores do centro são formadas por lacet *toledo* ou *menardysé* einha que combine com o lacet; pôde ser em cor, ou em branco. Em primeiro lugar fazem-se os anéis do lacet, com trancinha e tres pontos formando os anéis; depois uma carreira de pontos fechados, tendo de distancia em distancia 2 abertos; uma terceira carreira de trancinhas forma pequeninas argolas e alguns pontos sem laçada, nos quaes é feita a quarta carreira em ponto aberto. A ponta da renda é feita do seguinte modo: 4 pontos fechados no primeiro anel, 10 trancinhas no ar., 4 pontos fechados no segundo anel, outras 10 trancinhas, no ar., 4 pontos fechados no terceiro anel, 3 pontos fechados no anel do centro e 4 pontos fechados no ultimo anel e assim por diante. 2ª carreira: 5 trancinhas no ar., 3 pontos fechados, 1 aberto, 4 fechados, 3 fechados, cinco trancinhas no ar, 3 fechados, 1 aberto, 3 fechados, seguindo sempre assim: 3ª carreira: pontos sem laçada em cima dos fechados da ultima carreira, 5 pontos abertos com picots terminando o crochê, outros pontos sem laçada em cima dos fechados e desta maneira termina a renda.

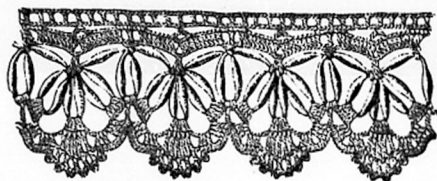
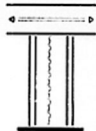


Fig. 1 — Renda de crochê com lacet

**Vestido em crochê de lan para criança** — Faz-se o ponto muito frouxo em lan branca fina, guarnecê-se de fitas e nós de seda branca. A sãia e as mangas são feitas em ponto comum de crochê e trabalha-se ao comprido. A pala, os punhos e a barra do vestido, são trabalhadas em uma corrente de 75 malhas, indo e vindo, conforme se vê do desenho do detalhe.

Para o forro se tricota muito frouxo também com duas agulhas mais grossas e se montam 21 malhas, depois se trabalha indo e vindo alternadamente, 1 carreira para o direito, outra para o avesso até que o pedaço conte 16 carreiras (12 cent. de comprimento.)

Para dar a fôrma, é preciso tricotar juntas as 8.a e 9.a malhas e as 13.a e 14.a malha da sétima carreira. Na 11.a car

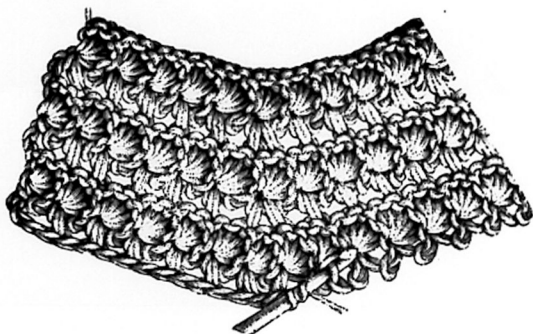


Fig. 4 — Detalhe para a pala do vestidinho

**Sapatinhos de tricô para criança** — É muito bonito este modelo de sapato em lan branca fina. Trabalha-se com duas agulhas de ponta muito fina, e depois de ter montado 3 malhas, se tricota muito frouxo indo e vindo 16 vezes para a direita e se leva a primeira malha sem tricotar, e se tricota a ultima pelo avesso.

Para fazer a ponta do pé, passa-se o fio nas malhas do meio e se fecha ligeiramente.

reira, as 7.a e 8.a malhas e as 12.a e 13.a malhas, na 13.a carreira, as 6.a e 7.a e as 11.a e 12.a malhas, na 13.a carreira, as 6.a e 7.a e as 11.a e 12. malhas. Depois de ter reunido o forro e a parte de fora, se reúnem os dois pedaços no alto e se arremata com uma rendinha de crochê que se trabalha, 1 m. simples e 4 duplos sobre a segunda malha mais proxima. Passa-se uma fita atravez da carreira aberta e do forro e dá-se uma laçada cujos pontos terminam por 2 pingentes.



Fig. 2 — Vestido de crochê para criança

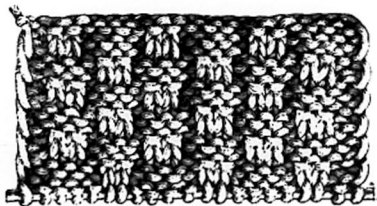


Fig. 5 — Detalhe para o sapatinho



## LEALDADE DE CÃO

Tinha um aspecto triste, de resignada ferocidade e de miséria incurável. Alto e esguio, estava tão fraco e magro, que a pelle, coberta de sarna, roída de chagas, despellada em certos sitios, adheria aos ossos e parecia rasgar-se ao longo do lombo, tal era a aguda saliencia dos nós das vertebraes dorsaes. O pello era de um branco ruivasco, mas essa cor só podia ser distinguída, a certos trechos, na cabeça, porque o resto do corpo tinha a cor do barro secco, manchada, aqui e alli, de sangue.

Coxeava de uma pata, e as outras tres, chatas, desmesuradas, flaccidas, como se não fossem constituídas de ossos e nervos, pousavam no chão surdamente, como as de um animal phantastico. Tinha o aspecto famelico, os olhos brilhantes de febre, manchados, aos cantos, de laivos de sangue vivo, e dos seus beiços pendentes, como de uma rez, pingava uma saliva espumosa.

Entanto, aquelle cão devia ter sido um animal bello e nobre. Mas o abandono, a vida errante através dos caminhos e a fome velha tinham-lhe dado um aspecto de miséria humana. Quasi humana era a sua cabeça; seus olhos olhavam, receiosos e humildes; eram olhos de um vagabundo habituado á repulsa de todos; aos lados do focinho espetavam-se, longos e asperos, os bigodes, como os de um mendigo. E quando, por acaso, parava a meio caminho para orientar-se, parecia dirigir ás coisas ambientes algo de religiosa e de suprema supplica, algo a que, porventura, tinha direito por ter soffrido muito e por ter envelhecido ao desamparo.

O cão, que ia caminhando, deteve-se de prompto. Na quietude da tarde haviam soado os seccoos estampidos de dois tiros. Não se enganava. Conhecia bem aquelle ruido curto, que morria sem eco, e que mais de uma vez ouvira pelos caminhos ou por traz dos muros, despertando o latido de todos os cães da redondeza. Conhecia-o tambem, dos seus remotos annos de ju-

ventude, quando vivia dentro de uma dessas casas, por traz de muros altos, respondendo-lhe com os seus latidos de alarma. Então, não tinha medo ás balas. O medo veio-lhe depois, quando, em certa noite, que já ia longe, de ventania e neve, saltou as taipas de um galinheiro, e alguem, do alto de um balcão, lhe deu um tiro, quebrando-lhe uma das patas trazeiras.

Ao estampido dos dois disparos, fugiram das ramas humidas e verdes de uma arvore proxima alguns passaros assustados. O cão ladrrou, e a sua voz sahiu-lhe da garganta, aspera e rouca, como a de certos vagabundos que passam dias e dias sem falar. Outros tiros soaram, percebendo na tarde silenciosa. O cão teve um momento de covardia. Quiz retroceder, occultando entre as pernas a cauda despellada; mas reflectiu melhor e continuou o seu caminho: os tiros não são perigosos senão á noite...

Seguiu. A medida que caminhava, ia observando que aquella longa estrada conduzia a uma grande cidade. Conhecia, como errabundo que era, os suburbios de muitos povoados e cidades, e observou que, apesar da sua semelhança, uns se distinguíam por algo característico que o atemorizava e que outros, ao contrario, lhe inspiravam uma confiança decidida.

—:—

As hortas, as arvores altas que, por traz dos muros, erguiam a ramagem, dando sombra aos caminhos, outras arvores que pendiam ao peso dos fructos, os camponios, de varapão ao hombro e fortes sapatorros ferrados, eram os mesmos que o cão conhecia, quinze annos antes. Agora, bruscamente, recordava todos esses aspectos, e a vida passada surgia-lhe na memoria, bem desenhada e nitida; as suas noites tragicas, os seus dias de jejum interminaveis, as horas alegres e infelizes...

Começou a recordar, um a um, numa clara visão introspectiva, todos os episodios da sua vida passada. Viu-se numa grande quinta para

onde o levaram quando era pequenito. As horas, quer as do dia, quer as da noite, deslizavam-lhe docemente. A principio, vivia atado a uma corrente, numa casota de madeira cõr da grama, sob uma copada figueira.

Aquella arvore estendia em torno uma sombra delectosa. A' noite, soltavam-no, e elle, contente, dando ao rabo e latido de jubilo, percorria a horta, farejava a grade da capoeira, atraz da qual dormitavam, immoveis sobre o poleiro, as gallinhas, e, no chãõ, os coelhos de fcinho rosado e os patos de cabeça azul e chato bico amarello. Oh! as noites curtas de verão, sob o cõo cheio de estrellas! Oh! as noites longas, inclementes de inverno, cheias de neve branca e lufadas bravas! Como tudo isso, agora, lhe vinha à memoria, dando-lhe uma sensação inexprimivel de maguas avivadas e de saudades gostosas! Pela madrugada, antes de nascer o sol, cantavam os gallos. Para além dos muros, não raro, uma voz cantava, dando vida e alegria à e-curdidão envulvente. Carroças passavam na estrada, pesadamente, e elle ouvia a voz dos conductores gritando às mulas tardonhas :

— Chõ... õ... õ... P'ra frente, *Serena!*

Nos primeiros dias, o cãõ ladrou ao homem que o levava à trela para a quinta. Depois, rosnavalhe no calcambar, ainda desconfiado, e, por ultimo, já lhe saltava aos joelhos, alegremente, como a velho amigo.

O homem abraçava-se para lhe fazer ccegas entre as orelhas.

Olá, *Sultão!*

Elle chamava-se *Sultão*. Só então é que lhe lembrou o nome, e entrou a pensar, com tristeza, que ninguem mais lhe chamou assim.

Depois chegou o tempo em que tambem o deixaram livre durante o dia. Dos carinhos do hortelão e do porteiro passou aos do dono da casa e da sua filha, uma esgaldada menina de dez annos.

A menina era loura de cabellos corredios. A's vezes, à tarde, sabiam os dois, ella e o cãõ, a passear ao redor da quinta, para além dos muros que a limitavam. Eram esses os seus momentos mais felizes. Punhase a correr, ora vindo, ora indo, como a provocava a correr tambem. Ella, porém, parecia não gostar de correr, lase deixando ir, a passo, muito risonha, chamando-o com um estalido dos dedos ou com um severo : P'ra aqui!, quando elle se afastava demasiado. Como elle a amava! Quando a via, não podia ter em si que não batesse a cauda, com soffreguidão, na ancia de atirar-se-lhe ao regaço. Mas o cãõ não sabia por que ella se furtava a essas expansões. Conhecia-a de longe, pelos seus vestidos curtos, pelos seus longos cabellos cõr de mel, pelas suas pernas nuas, muito longas e brancas e pelo falsete da voz com que o chamava :

— *Sultão... ãõ...*

Como tudo isso ia longe, no passado! A' noite, *Sultão* deixou de percorrer o jardim, a horta, os curraes e ficava velando sob o balcão da sua dona. Ao menor rumor que ouvia no silencio da noite, empinava as orelhas e dava o alarma.

Certa noite, um vulto escuro assomou sobre o muro e saltou para a quinta. Desta vez, *Sultão* ficou silencioso. E, silencioso, deslizou pela sombra, caminhando, sem ser presentido, ao encontro da sombra. De um salto, atirou-se-lhe ao

peito. Houve gritos. Uma bala, siblando, roçou-lhe os ouvidos. Tudo isto se passou em poucos segundos. Ao cabo, elle sentia uma grande dôr no alto da cabeça e via o sangue gotejar de uma das orelhas. A casa da quinta illuminou-se toda. O dono da casa e os creados accorreram, empunhando armas. E a sua ama, ao velho ferido e ensanguentado, abraçou-se-lhe ao pescoço, entre gloriosa e penalizada, sujando-se no seu sangue. O pae della, tão rispido sempre, fez-lhe um carinho no dorso e falou :

— E' um nobre animal.

Pois tudo isso acabou. Uma tarde de verão, um homem passou perto da quinta, levando pela trela uma galga branca. O portão estava aberto. *Sultão* lá se foi no encaço da galga, que, de resto, nem se importou com elle... Seguiu-a à pequena distancia, seguiu-a, afastou-se da quinta e nunca mais voltou.

—:—

Agora, bem orientado, reconhecendo, um a um, todos os trechos do caminho, avistou por fim a quinta. Dos muros altos, que a cercavam, pendiam as glycínias azues. Cuidou-se joven e tentou correr, mas cahiu de borco no saibro do caminho. A alegria deu-lhe voz, e tentou latir, mas o latido, em vez de sahir-lhe fresco, como nos tempos de outr'ora, sahiu-lhe rouco e hostil, latido de perro velho, acostumado a mostrar os dentes em arreganho e a receber pedradas. Elle proprio envergonhou-se de o ouvir e não voltou a ladrar. Continuou a andar, de cabeça baixa e olhos tristes.

Quando chegou a quinta, encontrou aberto o portão que dava para os curraes. Entrou. Uma mulher, que o viu, lançou um grito. *Sultão* levantou a cabeça e reconheceu na mulher a sua amiguinha loura e extranhou que já não usasse as saias curtas. Tinha um filho nos braços. Ao ver o cãõ, gritou, num recio de susto :

— Pedro! Pedro! Vem enxotar este cãõ que entrou na horta.

*Sultão* quiz lambor as suas mãos, tentou dizer-lhe, com latidos de paz e jubilo, que elle era o mesmo *Sultão* de outros tempos. Mas não o deixaram fazer. Enxotaram-no a pauladas e fecharam-lhe o portão da quinta.

Não protestou, não se defendeu, não mostrou os dentes.

Para que? Elle havia alli entrado para se apresentar à amiguinha loura, e ella não queria reconhecê-lo...

—:—

Encostou-se a um barranco que havia do lado fronteiro da quinta. Estava cansado de viver. A fome doia-lhe nas entranhas. Sentia um torpor extranho e fechou os olhos. Quando despertou, já era noite. Todos os rumores da quinta, o mugir dos curraes e o cacarejo do gallinheiro, tinham-se calado. A estrada ondulava, deserta. Um silencio amplo envolvia o campo.

*Sultão* levantou-se, mal firme, sobre as pernas. Defronte, a quinta dormia, silenciosa. Envolvendo-a toda num olhar de infinita ternura, o cãõ ainda recordou certa noite de inverno em que a sua ama lhe atirou da janella um velho cobertor de lã.

Lentamente, avançou em direcção à casa. Suas pernas dobraram-se ao peso do corpo. Seus passos não faziam o menor ruido na areia fofa e humida. Lembrou-lhe que, do lado do fundo, para

além dos curraes, o muro era baixo e fácil de escalar. Ao chegar lá, observou que os annos o

tinham derruido em parte, tornando mais fácil o accesso.

Aquella facilidade despertou-lhe as suspeitas de perro velho e prudente. Que haveria por traz do muro arruinado? Lembrou-se do tempo em que elle mesmo vigiava de preferencia essa parte do muro. Mas a saudade vencio o receio. A sua amiguinha estava lá, com certeza, com as suas mãos brancas e os seus olhos tão docemente azues... E saltou.

Mal tinha cahido do outro lado, viu uma sombra rasteira que se acercou delle, rosnando, e, antes que pensasse em defender-se, sentiu que os colmilhos do outro cão se lhe enterravam na nuca. Era um cão mais joven e mais forte que o atacava. Foi uma luta encarniçada e feroz. Os dentes penetravam-lhe fundamentalmente na carne, as unhas rasgavam-lhe o ventre.

Acudiu a gente da quinta. O balcão illuminou-se. Illuminaram-se todas as janellas da casa. Alguem se acercou com uma lanterna.

Souo um tiro, e *Sultão*, recebendo-o no cráneo, cahiu de patas para o ar, enquanto o seu adversario, desta vez mais irado, lhe cobria o ventre de dentadas.

Entretanto, ainda teve tempo, antes de morrer, de ouvir a voz da sua amiguinha, falando do alto do balcão :

— Que aconteceu ? que foi, Pedro ?

— Nada, não se assuste, senhora. Foi o cachorro desta tarde que saltou a taipa e cahiu nas garras do *Fiel*.

A voz da sua amiguinha, com o mesmo timbre de outros tempos, falou :

— Bravo, *Fiel* ! Fizeste muito bem em atacar esse feio cão.

Era a mesma voz, a mesma voz com que a sua linda amiguinha, de vestidos curtos e cabellos corredios, lhe falou, em certa noite de alarme, manchando se em seu sangue, abraçada ao seu pescoço, entregloriosa e penalizada.

As dentadas de *Fiel* não lhe doiam tantos como aquellas palavras...

Cerrou os olhos, perdeu a noção da dor e morreu.



# MATANÇA DE ARMENIOS

## UMA RAÇA INFELIZ

Tudo o mundo se habituou, desde muito, á idéa de que, de vez em quando, as populações armenias, sem exclusão das mulheres, das crianças e dos velhos, são massacrados pelos turcos. Mas essas matanças tem-se amiado tanto e são executadas com taes atrocidades, que causam pasmo e indignação ás pessoas mais indiferentes. Porque é que o soldado turco ou mesmo o civil invade a casa de uma familia armenia, saqueia os bens, affronta as moças virgens, trucidá mulheres e crianças, e incendeia tudo que encontra em sua passagem? Ha uma razão apenas: é porque o armenio é christão.

Os armenios são os martyres modernos do christianismo. O pobre povo, no qual o habito do infortunio creou mais aptidões para morrer que para viver, soffreu e continúa a soffrer secularmente todas as vexações, todas as affrontas, em sua honra, em seus bens, em sua fé, em sua vida. A sua cabeça, sempre curvada para o chão, está sempre prompta a receber o golpe do alfange que a toda hora ameaça decepal-a.

Tártaros, gregos, russos, persas, mouros, selyukidas, kurdos e ottomanos desfilaram como dominadores através deste povo, que, aliás, nunca aspirou a outra coisa senão á liberdade de viver, essa liberdade de que até as feras gosam.

O povo armenio, entretanto, a despeito do martyrio que secularmente arrosta, é um bello e magnifico povo. As mulheres, de olhos grandes, brilhantes, rodeados de longos cilios, de corpo esbelto e pelle morena, são geralmente formosas, como as que mais o são. Os homens são robustos, athleticos. O habito do soffrimento, tirando a esse povo a vontade de sorrir, deu-lhe aos labios um rictus de tristeza e aos olhos uma commovedora expressão de melancolia.

A Armenia foi sempre uma especie de cunha de religião e aspiração occidental cravada no organismo social da Asia; é um oasis christão no immenso Sahara mahometano. Enquanto estes têm os olhos voltados para Meca, os armenios têm os olhos voltados para a Europa, á qual pedem, supplicantes, que os redima e que lhes outorgue a garantia de que o producto do seu trabalho, a riqueza que accumulou e os filhos que criam não sejam roubados e sacrificados pelo turco, para satisfação da sua ganancia e da sua crueldade.



Uma familia de armenios christãos acampada, em sua fuga, no paiz de Haran (Mesopotamia)

Nada, porém, os abate. Quando os seus campos são invadidos e incendiados, elles esperam que se afastem os invasores e incendiarios, para, de novo, curvados sobre a gleba, lançar a semente e reconstruir os casaes. Quando são roubados os seus bens, resignam-se, começando a amontoar, moeda a moeda, as suas magras economias. O saque, as devastações, o alfange, a bota do soldado não conseguem apagar a chamma da fé que lhes acendeu na alma a palavra inspirada do São Bartholomeu e São Thadeu. E poucas vezes, como agora, a palavra -fé- se acha tão exactamente empregada, porque nunca, como nos tempos que correm, foram elles tão cruelmente perseguidos. A sua attitude, a sua resignação, a sua força são verdadeiramente christãs.

Uma só vez—como Christo colerico no Templo — levantaram-se em rebellião, mas a adversidade persegui-os tambem naquelle transe, e d.sde então, contagiados, talvez, pelo fatalismo musulmano, junto ao qual vivem, abandonam-se á vida de párias e á morte, como um tranquillo rebanho de ovelhas.

Várias vezes a Europa se commoveu com as suas desventuras, mas essa commiserção não a levou ao ponto de tentar uma nova cruzada que fosse capaz de arrancar os humildes christãos ás mãos ferreas de Maloma. As manifestações navaes, as notas comminatorias, as



Grupos de armenios fugindo, numa balsa, á perseguição turca.



## A MORTE E A REVOLUÇÃO

(Adaptação de um poema alemão)



Um dia, a Justiça, que desceia . . .

Em 1848 a Revolução inspirou a um artista alemão, Albrecht Dürer, uns desenhos admiráveis, e estes desenhos, por sua vez, entraram, através das cópias artísticas que precederam a obra de Rodin, alguma coisa que o sugereis, embora se consulte o "Triunfo da Morte" desenhado por Holbein, e o poema "Dança macabra" de criação alemã também e que foi popular, se fez em França desde o século XV, dando origem a toda uma vasta literatura macabra.

Eis, em resumo, o assumpto do poema de Rodinck, que, nos tempos que correm, é do deus de ter a sua oportunidade:

Um dia a Justiça, por desceia, debaixo-se vestiu pelas mãos patentes, a Inveja, a Sobrelha, a Hipocrisia, a Inveja e a Luxúria fizeram amarar as suas mãos e por uma venda sobre os seus olhos: tiraram-lhe a espada e a salvação, e mandados destes símbolos, entregaram-lhe a Morte para que esta substituisse a Justiça sobre a face da Terra. A Morte aceitou a incumbência e resuscitou um cavalleto. A Sobrelha desceu em seu um feroz cavalleto bruto em que a Violência cavalgava através da História. A Morte montou e deu de rodadas em diversos lugares onde imaginava os criminosos das casas.

Em plena praça pública passou uma tenda de luzigangas. A soldada da Justiça viu-a e foi, para enganar o povo, a quem estimava que tanto valia a coroa de rei como a corripção do rei, e a coroa, corripção, necessitava aquelas lúas com surtus e surtus. Soa um corno e uma velha, representando, respectivamente a inocência e a experiência, fugiram da tenda, escondidas.

O povo, como era de ver, revoltoso, chamou nas praças



Al. do. numa praça pública, uma tenda de luzigangas



A Sobrelha entregou a Morte o seu cavalleto.

públicas e exigiu armas para combater. E quando a Morte ouviu o rufar dos tambores e os passos da tropa que avançava, entregou-lhe a espada da Justiça.

Justiça do povo, cega e surda, como a Justiça da Natureza, que não distingue entre o Bem e o Mal, nem entre os sérios e as coisas! Estamos em plena revolução, e sobre uma dellas a Morte assiste, impassível, à insana luta, vendo cair às centenas os mortos e feridos.

A espada da Justiça, fóra de mão que a sustinha, dá golpes injustos e ás cegas, quando a luta cessa, pelo empuço dos combates, as mãos, as esposas e os filhos vão gemendo a sua dor, procurar estes queridos entre os montes de cavalleiros. Então, a Morte, montada em seu cavalleto, afastasse, brandindo, ao passar, a espada da Justiça. Um agourosamente levanta a cabeça e lança-lhe, entre os estropeios, a sua injúria. A Morte ri com todos os seus dentes de gavia. O cavalleto, coberto de sangue, atirava a seu passo, emcadamente. Além, mais piedosas, rodavam os seus dentes.

Onde vai a Morte? Ninguém o sabe. Caminha, através do tempo e do espaço, para os seus lugares onde as suas predições, feitas em nome da Justiça, porcam palavras novas e sinceras.

Tal é o extranho poema de Rodinck inspirado nos extranhos desenhos de Rodin.

Tem esse poema alguma actualidade? Que o julgue o leitor, segundo as suas convicções...



O povo revoltoso



E a morte caminha . . .

# NINGUEM PODERÁ DIZER...

JULIA LOPES DE ALMEIDA

Ninguém poderá dizer que eu não ame o meu marido... ao contrário, acham-me talvez exagerada na minha ternura por elle... eu mesma, reflectindo bem, sinto que a sua companhia me é absolutamente cara... bastame pensar que em tantos anos de cazada eu ainda não me habituei a sair sem elle e, quando o faço, tenho a sensação exquizita de ser um ente incompleto, como alguém a quem tivessem amputado um membro sem dor, nem sangue, e saísse logo para a rua, levando a saudade desse pedaço de si mesmo... dir-se-ia então que meu marido é a melhor parte de mim, a parte pensante, dirigente, apta para a compreensão e a análise dos factos que exigem a minha apreciação...

Mas se isto é assim, e é assim, porque não me agrada e me atrapalha tanto a sua presença em casa, desde que ella exceda a das horas costumadas?

Porque me é doce a companhia de meu marido nos domingos e dias santificados e me é quasi intoleravel nos outros?

Não ouzo interrogar ninguém sobre este caso complicado, tanto receio que elle seja o sintoma de alguma incuravel doença d'alma... Raciocinando sozinha, em frente ao espelho cristalino da minha consciencia, percebo isto: quando nos dias de trabalho meu marido tarda meia hora... um quarto de hora mais que a habitual de voltar para casa, a tonta da minha cabeça começa logo a imaginar

dezastres ou certas distrações que o seu caracter não autoriza, mas que me fazem chegar muito tolament as lagrimas aos olhos... Nesses instantes de ciumes... ciumes sem corpo, incertos, de que elle nem suspeita a existencia, eu peço fervorosamente a Deus de mãos postas, que inspire ao senhor meu marido um outro meio de vida que o obrigue a permanecer dia e noite debaixo das mesmas telhas que me cobrem a mim! No entanto, se no outro dia, quer seja por suggestão do meu desejo ou por outra qualquer cauza inesperada, elle delibera, como hoje, ficar em casa desde que se levanta

até que se deita, não sei como esse mesmo espelho que dentro de mim tão fielmente reproduz imagens amorozas, não estala de indignação diante de minha impaciencia!...

Oh! um marido que não sai! um marido que não sai pôde ser comparado ás coizas mais contraditorias e extravagantes: elle é um ladrão das horas indispensaveis á mulher para o seu trabalho ou a sua reflexão; elle é uma esponja em que se absorvem todas as atenções da casa; elle é, sobretudo, uma acuzação viva, ininterrupta, a todas as nossas imperfeições... Acostumados a agir largamente lá fóra, parece impossivel que esses senhores, quando se metem na gaiola domestica, entendam que se devem inmiscuir em tudo, examinar

miudamente tudo, saber o porquê de tudo! Se uma porta se abre: — Por que se abriu aquella porta? Não ha necessidade de abrir aquella porta... fechem aquella porta, ou eu trago molas para aquella porta!

E quanto mais os maridos censuram, mais a gente se atrapalha; pelo menos, eu, quando Lulú está em casa, não faço nada com geito; começo a andar á roda delle, como se eu não tivesse vindo ao mundo senão para o amar, e deixo tudo mais andar á revelia... elle fin-

ge não comprehender estas coizas e não poupa as suas observações! Olhem ainda agora:

— Como esta criada varre mal a casa! Parece impossivel que tu consintas que ella levanta

te tanto pó... isto estraga tudo e asfixia a gente! Eu estou asfixiado! Uma dona de casa intelligente não tolera tal! Hoje ninguém varre a casa! Passa-se um pano molhado no assoalho!

Não parou nisto a impertinencia.

Os trastes, vistos á luz crua do meio-dia, pareceram-lhe naturalmente mal polidos, porque olhou para elles com olhos descontentes... As crianças inquietaram-no... Também, parece de proposito... quando o pai fica em casa, ellas, pela novidade ou não sei por que, começam a rodeal-o e não estudam nada! já se sabe que depois lá vem a pilheria: «precisariam ser dirigidas de



um outro modo, com tabella regimental para horas de labor e de recreação ... Teorias não faltam aos homens; eu queria vel-os praticando tudo que preconizam! Lulú ainda hoje se zangou, porque o almoço foi muito demorado... elle tinha que fazer! pois bem, depois do almoço deixou-se ficar sentado na mesma cadeira, mais de meia hora, olhando para as moscas! Dizem que os homens morrem mais cedo do que as mulheres; não creio; mas se assim for, é porque se fazem máu sangue com as suas exigencias... As mulheres têm muito mais filosofia. O que o meu Lulú hoje se consumiu, só porque o carteiro veio dez minutos mais tarde. O peor é que a cada uma das suas impertinencias, eu me encolho assustada dentro da pele e o efeito deste retraimento abala-me por todo o resto do dia. A's vezes dou-lhe razão e julgo-me uma incompetente para dirigir qualquer coisa, como ainda hoje, quando elle exclamou com tão sincera entoação de desespero, ao ver o jarro novo do lavatorio já rachado no fundo:

— Senhor, só em minha casa acontecem destas barbaridades!

Não juro, mas desconfio que foi elle mesmo quem, sem o perceber, rachou o jarro, deixando cair dentro d'elle a navalha de barba... mas, fosse ou não fosse, a verdade é que para meu marido não ha caza no mundo tão destruidora como a nossa! E' verdade que já meu pai, quando perdia algum papel, ou via quebrar louça, punha as mãos na cabeça e dezencavava do peito a mesma fraze acazadora:

— Que caza esta! Não ha em toda a terra outra em que semelhantes descuidos se possam dar!

Elle dizia aquillo com tamanha convicção, que supuz sempre que pudesse ter disso uma certeza absoluta! Os homens sabem fazer-se acreditados até quando nós falam, a nós, mal de nós mesmas!

E' celebre! quando meu marido não sai durante um dia inteiro, como hoje, tenho a impressão, realmente muito exquizita, de que a minha caza diminue! Salas, quartos, corredores, tudo me parece mais acanhado, como se as paredes se quizessem juntar para comprimir-me... Não é porque Lulú tome muito espaço, coitado, elle está bem magrinho... mas é talvez porque elle não pára, está, como Deus, em toda a parte, a ponto de que, sabendo-o na sala e estando eu na cozinha, sinto a sua presença na cozinha, de tal modo elle se faz o centro de todas as atenções! E' essa exigencia inconsciente da sua vontade que me quebra os braços e me alheia da minha individualidade, impondo-me uma subordinação que me inquieta e que tira á minha vida as unicas horas de independencia... relativa.

Será falta de amor, o que me faz pensar assim?... Não... eu amo Lulú... amo-o até ao eternocimento! Mas se não é falta de amor, que especie de sentimento será este, que produz tão singulares efeitos? Não sei... qualquer coisa de que eu nunca atinerei com o nome e que já fazia dizer á minha querida avózinha:

— Os homens não foram feitos para estar em caza! E ali está: vovô não saia nunca! Vá uma pobre mulher ignorante entender essas subtilidades...

## VIDA FEMININA

### UMA MULHER CAPITÃO DE NAVIO

DE PITTORESCA HISTORIA DE  
EMILIA BELLUONOMINI

Era uma ambição que desde o berço, quasi, acompanhava a garota. Nascida e criada em Viareggio, á margem do mar Tyrrhenio, o seu maior sonho era correr terras, transpôr a humensidade dos oceanos, conduzindo ella propria, sobre as cristas en-

capelladas do salso elemento, aquellas galeras de extenso e altaneiro velame. Durante a sua mocidade perdouram-lhe aquella infatigabilidade, mas depois vendo que Emilia Belluonomini — assim se chamava a garota, — não se apartava daquelle plano, consideraram-na um pouco... como tal a apontavam.

Um dia, porém, certo commandante de navio que tinha visto as mulheres navegadoras da ilha Hawaii conseguirem tanto quanto os homens nessa arcaica profissão de caminhar sobre as ondas, achou interessante aquella aspiração da rapariga de Viareggio, e, não se apartando daquelle plano, aconselhou-a a inscrever-se em aulas de autorizações navaes do Lyceum, pensando que ella embelesse como praticante do Instituto Nautico.

A bordo Emilia revelou extraordinarias aptidões para o seu officio, e ninguém melhor que ella sabia estabelecer um rumo, determinar a variação de compasso, corrigir uma altura do sol, tirar o ponto, calcular a declinação ou a derrota, actuar latitudes e longitudes, etc.

Feito o aprendizado, novas attribuições teve a rapariga para conquistar as divisas de guarda-marinha, a que só conseguia depois de muito custo, tendo agora embarcado como commandante de um navio mercante.

Instalada em seu posto, Emilia Belluonomini escreveu ao "Petit Journal", que a protegera em sua campanha, uma entusiastica missiva que acabava com as seguintes palavras:

Agora, apresto-me a partir. Onde vou? Ainda não sei, mas estou resolvida a tudo. Na marinha, nunca épua perturbada, em que estado de se arcaica, a não sei saber mostrar aos meus naufragos que uma mulher pode ter tanta coragem como um homem. Se a infelicidade quizer que o meu barco seja torpedeado, salvarei em primeiro logar a minha equipagem e serei a ultima a deixar o navio que me tiver sido confiado. A minha existencia; della fiz o sacrificio... Hoje estou inteiramente ao serviço da minha patria e das suas curas e nobres irmãs: a França e a Inglaterra!

\* \* \*

### A MORTE DE UMA ESCRITORA

Judith Gauthier, filha do grande Theophile Gauthier, gloria da litteratura franceza, acaba de morrer a bordo do mar selvagem da Bretanha na sua villa de Dinard, Contava setenta annos.

Judith Gauthier, tambem oserver paginas rutilantes, nas quizes se encontram, afeminados, attenuados, os reflexos da palette paterna. Era a unica senhora que foi membro da famosa Academia dos Goncourt, que se honrou em offerecer á filha do grande Theophile um dos seus factels. A obra de Judith Gauthier, de serviço da patria, era apreciada pelos letrados. Os seus livros, *Les Jeanes*, *Le Dragon Imperial*, *Les Fleurs d'Orient*, *as Princesses de Sibirie* e o *Livre de Jade*, reflectem o Oriente maravilhoso, e especialmente a China mysteriosa que ella adorava.

Um escriptor da joven geração litteraria, Jean deques Braussen, descreve assim, a infancia de Judith:

Os seus olhos, escreveu elle, abriram-se no carnaval perpetuo da minha catatona de Seuil. O ambiente tinha tudo do theatro, da officina e do caravauçã. Palhaços, ciganos, fidalgos... Era uma verdadeira Torre de Babel. Juntae a estas excentricidades os allejados mais excentricos, e teres a explicação desta mobilidade de retina, desta voluptuosidade da vista que são a caracteristicas do talento de Judith Gauthier.

A sua vaga na *Academia Goncourt* é disputada por dois partidos: — o masculino e o feminino, entendendo que a vaga deve ser preenchida por outra escriptora e não por um escriptor. Cada partido tem os seus conditados. O primeiro Contrelina, Bergeret e Barbuss. O segundo Colette, Rachilde, Jeanne Landis.

Que decidirão os Dez Goncourt, que já não são senão nove? ...

### A MEDICINA AO ALCANCE DE TODOS

OS ECZEMAS

Nada mais feio, mais incómodo e, sobretudo, mais repugnante que o eczema. Nas crianças, principalmente, ha um numero dessas dermatoses, que as desfigura, invalidando-lhes o rosto de uma escarlatina, de pus e de sangue e colorido-lhe o corpo de uma série de pustulas conglomeradas, de aspecto repulso.

Nos adultos não são menos incomodados os eczemas. Estes se manifestam por meio de coichões. O seu aspecto symptomático varia, porque numerosas são as variedades desta molestia. Para a maior parte, porém, é aconselhavel e de uma efficacia superpredente a Pasta anti-eczematosa do dr. Silva Araújo. Essa pasta, que felizmente, está muito vulgarizada em nosso paiz, é de excellentes resultados nos eczemas parasitarios e nas empingens, que são as dermatoses mais communs. A pessoa, que usar essa pasta, não deve, porém, suspender o tratamento, logo que se julgue curada. Deve continuar a usal-a por algumas semanas mais, afim de ir destruindo as novas colonias de mycrophyto, productor da molestia.

O eczema não é, entretanto, uma molestia, mas sim um grupo, uma familia nosologica. Ha o eczema intertypico, produzido pelo microbio e ha eczemas generalizadas ou focaes, pelos quizes são responsaveis o arthritismo, o lymphatismo, o nervosismo e o estado geral do organismo. Para estes casos a Pasta anti-eczematosa não basta. O seu effecto é incompleto! Convem associá-la com o Lyceol granulado effervescente de Gifford, que é excellente para o arthritismo. Essas duas medicacoes curam todas as variedades de eczema.

# MENTHOLATUM

Indispensavel no lar — varias applicações.

## ROUPA BRANCA PARA MENINAS

O modelo que damos hoje serve não só aos jovens *bébé*s de um anno e dezolito mezes que estão começando a andar e a trazer vestidos curtos, como ás meninas de doze a quatorze annos, cujo talhe ainda, não desenvolvido não permite sustentar uma saia de forma ordinaria; o corpinho faz as espaldas sup-

adeante e atraz (tomada das espaldas), 71 cents. e 68 cent.; altura do corpo (da espadua a cintura), 27 cents.

A parte n.º 1 do traçado (fig. 1), se talha a fio direito sobre a frente, e depois se reúne a parte n.º 2 por uma costura; reúne-se em seguida a parte n.º 4 ás costas (peça n. 3); esta parte é inteiramente a fio direito e é

A saia em baixo póde terminar por uma bainha larga e uma rendinha ou então com um ou muitos folhos.

A gola e a cava são orladas por uma renda estreita ou festanada.

Com este padrão póde ser feito um forro destinado a servir de transparente para vestidos leves, accrescentando uma manga comprida.

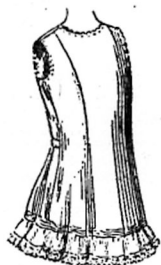


Fig. 1

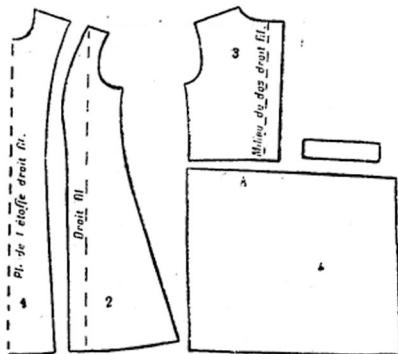


Fig. 2

portar todo o peso do vestuário, que um cinto apertado ao talhe não supportaria sem inconveniente.

As medidas a tomar seriam as seguintes: contorno do peito, 58 cents. do talhe, seja 65 cent.; altura total

pregada as costas por um franzido que não deve passar do ponto A.

Continua-se a ajuntar a peça n.º 2 á 3 e 4 já reunidas. Deixar o meio do corpo nas costas livre, para fechar com casas e botões.

Damos em seguida as dimensões e metragens necessarias.



IDADE	2 annos	4 annos	6 annos	8 annos	10 annos	12 annos
Dimensões do peito . . . . .	0m 53	0m 58	0m 61	0m 64	0m 68	0m 74
Altura total da frente . . . . .	65 cent.	68 cent.	71 cent.	75 cent.	80 cent.	90 cent.
Tecido de 0m 70 de largura . . .	2 m	2 m 20	2m 65	2m 85	3m 25	4m
Tecido de 0m 90 de largura . . .	1m 55	1m 60	1m 75	2m 15	2m 40	2m 95
Folho bordado de 15 de altura . .	5m 50	5m 95	6m	6m 30	6m 50	7m

# JARDIM FECHADO

As leitoras que leram esta secção em nosso numero passado attentavam, por certo, numa carta que transcrevemos, dirigida a nós por uma illustre dama paulista. Essa carta serrei-nos-á, pois, de programma.

A esta secção, porém, podem as nossas assignantes continuar a mandar as suas collaborações, simples phantasias, cartas, conselhos, tudo enfim que lhes occorrer. As composições não devem ser muito longas, nem, já se vê, excessivamente frívolas.

Como já ficou dito num dos nossos numeros passados, só serão acolhidas nesta secção as nossas assignantes. Nem de outra forma podia ser, porque, como o proprio titulo o indica, o nosso jardim é um jardim privado.

Outras senhoras, além daquella que se interessou pela nossa secção e cuja carta adaptamos como programma, têm-nos escrito também, evitando outras idéas e suggerindo novos titulos a esta pagina, muitos dos quaes são graciosos e suggestivos.

Mas esta revista não pôde, sem quebra da sua disciplina, ser agradavel "à tout le monde et son père." As idéas, as suggestões, os conselhos que, a proposito destas paginas, nos tem sido transmitidos por cartas, são tantos, tão varios e oppostos, que é melhor não os commentar para não trazer mais embaraços ás nossas collaboradoras.

Ser-nos permittido, porém, dentre tantas cartas destacar esta, que nos foi recentemente dirigida:

« S. Paulo — Fevereiro, 1913.

Exma. Sra. Directora da Revista Feminina.

Saudações.

Junto á presente envio a V. S. um exemplar do supplemento ao jornal "Les Modes de la Femme de France" quando lembrar a V. S. que não seria má idéa adoptar o mesmo titulo que o do dito supplemento para a secção de collaboração das leitoras da Revista: "A Colmeia". Haverá um titulo mais suggestivo?

Pois não será realmente um exame de abelhas o zum-zum da tagarelice de dezenas de leitoras a discutirem, darem o pedirem conselhos sobre todos os assumptos?

Mas parece-me que a magnifica idéa da gentilissima leitora que muito se interessa pela Revista ficou sem resposta, não despertou o interesse, pois não vi nada mais a respeito nos dois ultimos numeros.

Uma secção neste genero, muito concorrerá para augmentar o já crescido numero de apreciadoras da "Revista Feminina".

Se me aventuro (eu que sou uma nullidade) a emitir o meu parecer é porque muito me entusiasmei por essa idéa e apesar de toda a nullidade estarei ao dispor das minhas amáveis collegas, sempre prompta a responder ao que estiver ao meu alcance.

Sem mais, sou de V. S. constante admiradora

Splinx.

"Colmeia" é, de facto, um lindo titulo. Lindo e suggestivo. Mas Splinx confessa que esse é o titulo de uma secção de um jornal de modas. Preferimos o nosso, além de outras razões, por ser nosso.

Missa T. (Rio) indagou, no numero passado desta revista, se o obelisco que existe entre a rua Xavier de Toledo e a ladeira do Piques, é allusivo a algum facto historico.

Aquelle obelisco sempre me preoccupou, desde creança. Eu nasci na ladeira do Piques. Allí cresci e passei grande parte da minha vida de solteira. Meu pae, a quem, um dia, perguntei porque levantaram aquelle obelisco, respondeu-me que aquillo era uma simples extravagancia do dr. João Theodoro, antigo presidente da então provincia de S. Paulo. Aquelle sitio era destinado a recolher o lixo de todo o arrabalde. O presidente, então, para obstar ao abuso, mandou cercar aquella parte ladeiranta. Apesar disso, os moradores continuaram a atirar o lixo por cima das grades. O presidente, por ultimo, mandou construir um jardimzinho, e, por mero ornato, erigiu o obelisco, que nada significa e que não tem graça nenhuma.

Demais, os antigos presidentes, homens dotados de sentimentos provincianos, sem nenhum gosto, construíram nesta cidade outras obras extravagantes. O

mesmo dr. João Theodoro construiu no Jardim Publico uma enorme torre, que era o espantinho de todos que se aproximavam della. A torre, por fim, ameaçou desabar, e foi posta abaixo.

A Torre tambem não era allusiva a nenhum facto historico.

Jenê Branco (San'Anna do Livramento).

\*\*\*

Uma vaidosa — deseja saber qual é o melhor creme para embelezar a pelle. Tendo usado o creme Simon e outros, feitos á base de glicerina, não se hultou a elles porque, se servem para compor a pelle, tornando-a mais branca, a sua acção é muito passageira. Um pouco de suor, após a dança ou um passeio em dias de sol, basta para manchar a pelle. A formula ideal seria aquella que não se alterasse com a transpiração. Dentre as numerosas leitoras desta revista, alguma haverá que, com certeza, conheça um preparado que satisfizesse as mais rigorosas exigencias. Quem souber, queira indicá-la por esta secção, dirigindo a sua resposta a "Uma vaidosa".

H A C Y

A' boa amiga Mariana N. Dias.

Nas margens do Amazonas, onde o rio se despenha, ahí era a choça da bella Hacy. Virgem formosa como as filhas das selvas, alegrava a todos da sua tribo pela infantil alegria com que perseguia as "Chimeras" azues! Corria pelas campinas selvagens até á margem do rio e ahí mergulhava nas aguas, desaparecendo...

Uma tarde Hacy appareceu triste, triste como o canto da urity nos velhos troncos de Ipé!

Suas infantis risadas nunca mais soaram nas verdes florestas, e seu peito arfava afflicto ao ciciar da brisa. A tribo toda entristeceu-se como aquella deusa das matas. Um pozar estranho envolvia todos.

Ninguém sabia explicar aquella mudança repentina. Era que o amor, na forma de um joven tapuy, havia dardejado suas setas no coração da linda filha das selvas e elle, não podendo resistir á dor que a torturava, depois de mais linda canção entoadá pelos seus rosos labios, lá na verde collina onde desabrocham as primeiras flores, atirou-se ás azuladas aguas do rio, indo morrer com elle, todas as suas illusões!...

Collina 19—2—18.

P O E N T E

Para Theodomic Jordão

Passa a briza mansinha; va calada  
Como se monja fosse austera e fria!  
Roseado,  
Deuce a cáldia tarde já sombria!  
No alto — um céu sinereo!  
No poente — um mar de sangue!  
Uma ave que pia em teu funereo  
E o sol que morre exangue...  
Largo rio seu claro dorso exhibe  
Num rumo que não era:  
E' o crystallino e azul Capibaribe  
Pelo collo da Terra!...  
E mais se aviva o sangue lá no poente,  
Caminha o dia com seus confins.  
E pelo rio descem mansamente  
Amethystas, turquezas e rubins!...

Julca Dolores.

Recife 1.º de Outubro de 1917.

\*\*\*

MANHÃ DE SOL

(Ao Dr. Benjamin Franklin)

I

Que esplendida manhã! A luz onduia  
por todo o vale rebentou em flamma  
O céu, sem nuvens, limpiado, se azula,  
já mais lix concheci tão linda cor.

A brisa canta, o passarinho erra,  
e zoa e o a terra em ondas de esplendor  
o sol apaixonado e doído oscula  
na ancía infinita de infinito amor.

Coral diluido é o velo pequenino;  
e a paizagem alegre e emendada  
tem a frescura de um painel divino.

Fitando-a, quasi que o meu mal esqueço.  
Tem tanta luz e encantamento a aurea!  
Min'h'alma é isso tudo... pelo avesso.

## SAUDADE

Para Carmen

11

O luar sereno as claridões desata  
frouxas e doces, transparentes, finas.  
As fontes todas são de luz e prata  
são de prata as encostas e colinas.

Ha vagos murmurios de cascata,  
rumorejos e musicas divinas  
e pela fronde irregular da matta  
os fragmentos de morbidas neblinas.

Numa doceira cheia de molezas  
a sombra pelo lado estendo  
grutas perdidas em ideaes tristezas...

E a lua algente, a branca lua abstracta,  
sonha, treme, desmaia e não entende  
esta fatal saudade que me mata.

Claudia d'Ávilaz.

## A MULHER MODERNA

A tímida e a covardia da mulher, hoje não passam de simples palavras despidas de nexo.

A mulher resurgiu, ergueu-se, desenvencilhou-se dos laços que a paralizavam, e arrebatada de paixão cega e dominadora, de um sentimento de energia feroz e palpitante, collocou-se ao lado do homem, dando á humanidade os elevados exemplos de intrapidez e heroísmo.

A sublimé altivez com que essa creatura, não movida de premio vil, mas de sincero e violento patriotismo, tem espontaneamente compartilhado dos rigores, das provações que têm alarmado o mundo, das atrocidades, das agonias dolorosas, por quemte passado a humanidade nestes ultimos trez annos, santifica a dignidade com que se soube levar o estigma da covardia, cujo ferrete a tradição tentava ainda conservar em sua fronte.

Consoladoramente, a baldia de tímida e covardo que por muito tempo perseguiu a mulher, jamais logrou ter a sua origem no reflexo nativo ou na consentenidade exclusivamente caracteristica da indole feminina, mas sim na deficiente instrução a que, por um erro lastimavel, coersivamente esse sexo esteve sempre sujeito.

Por muito tempo a instrução da mulher consistiu apenas n'um punhado de inutilidades, acompanhadas de alguns fallos conhecimentos praticos adquiridos com precipitação na lucta quotidiana do lar domestico. Na despreocupação por tudo quanto devia occupar as suas idéas, extranha a todo o ruído da vida exterior, sacrificada apenas á exigencia da perpetuidade da especie, o sentimento maternal intensificava-se com exagero em sua alma. Ignorante do resto do mundo, a maior dever que lhe assistia era zelar e defender a existencia de seus filhos, não encontrando nessa tarefa centro illimitavel a não ser no affecto que lhes consagra.

E' essa a razão porque, quando um pai exigia em defeza o sacrificio de um povo, aquellas pobres mulheres — mães, que não tinham outro sentimento senão o affecto maternal, que não conheciam outra razão de se morrer senão pela vida de seus filhos, que não conheciam outros deveres senão o de curar da existencia delles e que talvez nunca lhes tivessem ensinado a pronunciar as duas syllabas divinas do vocabulo — *Patria*, e que talvez até ellas proprias tambem ignorassem a grandeza dessa palavra, cujo sentido resume todo o amor e todo sentimento de humanidade, — ellas, as mães, eram as primeiras a levantarem-se unanimes, pallidas de ira, amaldiçoando o povo que tentava ar, rancar-lhes dos braços e levar á morte, o objecto dos seus desvelos.

E então quantas fugas não se davam, quantos animos alateiros não se arrefeciam, quantos homens envilecidos, não procuravam refugiar-se nos seios das mattas, subtrahindo-o, á lucta, preferindo uma salvação indigna a uma morte honrosa na defeza da terra do seu berço!

Hoje tudo é diverso.

Hoje não são mais as mães que acordavam seus filhos com o terror criminoso. São ellas proprias que, delirantes de ardor, arrebatadas do patriotismo, palpitantes de coragem, os acompanham até as linhas de fogo, não só para levar-lhes o conforto, estimular-lhes o valor, mas muitas vezes para levantar-se ao lado delles, brandindo tambem uma espada, offegantes de heroísmo, assim como o fez uma Quiteria — brasileira ou uma Clelia — a romana!

Não mais a covardia de outr'ora. Hoje a mulher nivela-se com o homem em todas as circumstancias: ora afogueada de valor, progreham os claros das fileiras como o fazem as Russas, ora como as francezas, que, despojadas de todo o luxo costumeiro e de toda a comodidade, empenham-se na tarefa escabrosa da preparação do material bellico, ou ainda como as proprias inglezas desempenhando a ardua tarefa da cultivação dos campos.

As verdadeiras mães, hoje, já começam a comprehender que, acima da vida de seus filhos, está a honra da Patria.

Clotilde de Mattos.

Paraguays (Dauré) — faz ás leitoras e collaboradoras do "Jardim fechado" estas duas perguntas:  
— Os primeiros habitantes do Brasil são ou não são autochtones?  
— Onde se acha, actualmente a famosa Biblia de Gutemberg?

Amaveja socias do "Jardim fechado". — Ha vinte annos que me acho afastada de S. Paulo, onde residí até aos meus dez annos. Durante essa infancia, que já vou longe, dediquei-me de alma e coração, á dança. Apesar de menina, tirei quatro premios em concurso de dança, tendo como concurrentes as moças mais habéis que brilhavam então nos salões de S. Paulo. As danças dessa época, nas quaes me destaquei, eram a valsa americana, de passo largo, a valsa allemã, a polka, o schottisch, á mazurka, o pas de quatre e a quadrilha americana de oito pares. Desde então, vivendo no sertão, nunca mais me chegou aos ouvidos o nome de uma nova dança. Estas, a que me refiro, devem ter caducado, sabido da moda ou, pelo menos, devem estar inteiramente modificadas. Se, entretanto, eu pergunto ás socias de secção os nomes das novas danças e as modificações por que passaram as velhas, faço-o por uma simples curiosidade, porque o meu estado, o cuidado com os meus filhos e a vida sertaneja não me permitem mais cultivar esse aulular e elegante exercicio.

Ah! fici, pois, a minha pergunta.

As minhas socias seriam muito gentis se me respondessem, podendo-me no corrente das novidades choreographicas.

Samaritana (Caramú).

Caras amiguinhas. — Aqui na zona em que vivo e em que nasci, não ha nenhuma recursa medicos e pharmaceuticos. O medico é um homem analfabeto que "cura" por meio de benzeduras, rezas, horras e magias para os intervenções dos espiritos. Todas as pessoas desto logar têm filhos dentes. Só os estrangeiros, que por cá aportam, é que têm dentes bons. Porque é isso? Porque razão os nossos dentes não são como os do europeu, fortes e brancos? Meus dentes são os melhores que por aqui se veem. Entretanto, elles são fracos, e receio que em pouco tempo vá perdê-los de todo.

Qual o meio de conservá-los?

Nent M.

Qual é o melhor methodo para se aprender inglez sem mestre?

A. M. (Lirica).

As pessoas myopes devem sempre usar oculos, mesmo que não precisem applicar a vista, ou, ao contrario, não devem usar-los toda vez que se venha a olhar para os objectos. Isso é uma questão que me interessa vivamente, porque sou myope e a minha myopia tem augmentado muito ultimamente.

Um medico oculista de S. Paulo, a quem escrevi dirigindo estas perguntas, fazendo-o acompanhar da importancia correspondente, rezas, horras e magias para os intervenções dos espiritos. Entretanto, elles são fracos, e receio que em pouco tempo vá perdê-los de todo.

Gobalclinha (Cerezeira Caar).

«Cará amiguinha Nair»

Tu és de todas as amigas com quem convivo, a mais meiga a mais educada, a mais sympathica e a mais bella.

Não te faço nenhum favor em dizer essas coisas. Digo-as com sinceridade, por amor da verdade, e sem nenhum interesse de te lisongear o amor proprio. Tu és, sobretudo, bella. As tuas fórmas, o teu corpo, a harmonia do conjunto, o brilho da cutis e a perfeição dos traços fazem de ti um typo de excepção. Quem te vê uma vez nunca mais se esquece de ti, porque tu allas á belleza uma rara originalidade de traços. Junta-se a isto, o gosto com que te vestes, a graça das tuas "toilettes", a elegancia do teu passo, o rigor com que acompanhias todas as modas, a tua desenvoltura, a habilidade com que danças, a vivacidade com que conversas, e ter-se-á uma idéa do que és e do que vales, minha querida e encantadora Nair. Entretanto, permitta-me a mim que a mais velha e, porisso mesmo a mais sensata das tuas amigas, uma observação. A minha observação não toca, nem de leve, pela censura. Ou melhor, é antes um conselho que uma advertencia.

O que te quero dizer, na minha, é o seguinte: não ha belleza fóra da simplicidade. A arte, por exemplo, quando é abusada, perde a intensidade do sentimento que a inspirou, para degenerar numa coisa amaneirada. Ora, tu, minha amável e ingenhosa amiguinha, não tens a simplicidade que a tua belleza requer. Isto, que te digo, como um conselho, outros dizem de ti, como censura. Como te sabes encantar, julgas-te alvo da attenção de todos, e os teus gestos, perdendo a naturalidade, visam o effeito para as galerias. Isso prejudica-te enormemente. Dia a dia, vaes-te amaneirando, "affectando". Com o correr dos annos, a tua belleza ha de fatalmente sentir-se dos seustos que adquiriste e ha de tornar-se, talvez em fealdade.

Não me queiras mal por essas observações que te faço. A minha cidade autorisa-me a tratar-te como filha e dá-me a liberdade de dizer essas coisas que agora te digo. Corrige-te. Nair.

Abraça-te com ternura a tua velha amiga.

L. Mendonça (Nichteroy).

# Qualidades Praticas e Moraes da Esposa

**N**as proprias familias ricas, nunca é bom que a dona da casa se desinteresse dos trabalhos caseiros, entregando a administração do lar ao cuidado de servos, por mais que elles mereçam uma absoluta confiança.

A dona de casa prejudica-se, desdenhando dos pequenos interesses da administração do seu lar.

A abstenção nestes casos, por indolencia ou por enraizado amor das distrações mundanas ou d'outras occupações, seja pelo que fór, é sempre censuravel porque é nociva.

O marido deve ter na sua esposa um outro eu, a quem entregue confiadamente a vigilancia dos interesses do lar. Quando a esposa se esquivar a desempenhar esta missão de confiança, falta a um dever essencial e desgosta, inevitavelmente, o marido.

Em todas as familias é indispensavel a intervenção mais ou menos constante da senhora da casa. Quando não trabalhe manualmente no arranjo domestico, deve, pelo menos vigia-lo e dirigi-lo, instruir os criados por forma que cumpram o seu dever seguindo os bons habitos estabelecidos.

A esposa, numa palavra, deve ser trabalhadeira, ou em lida manual, ou dirigindo os trabalhos com espirito pratico, porque só assim poderá conseguir aquella ordem, que, como vimos, é uma das condições basilares da felicidade domestica.

O marido dedica-lhe então a mais profunda estima, porque nela vê toda a alma do bom funcionamento do lar. Reconhece isto profundamente, e assim se consolidará tanto a amizade que dedica á sua companheira, quanto essa amizade se basear em duradoiras qualidades.

Mas inversamente, o marido atentar-á tambem com facilidade na falta de espirito caseiro da mulher que se desinteresse da sua casa, preferindo a vida indolente ou o esbanjamento aos cuidados praticos da vida domestica.

Sente naturalmente uma impressão de desgosto, sempre prejudicial á simpatia que deve unir os dois esposos.

Finalmente, uma das mais inestimaveis qualidades praticas da boa dona de casa é a previdencia.

Muitas mulheres há que, por deficiente educação positiva, governam a sua casa com todo o zelo, na verdade, mas attendendo apenas ás necessidades do dia presente, sem se preocuparem com o dia seguinte. É uma prejudicial disposição de espirito, porque favorece as despesas e põe de lado as economias.

A mulher previdente não esquece nunca as necessidades presentes e futuras, e assim toma solidamente as suas resoluções.

Não desconhece que numa casa há, além de objectos duradoiros, ou-

tros que se estragam e que é preciso, de tempos a tempos, renovar, como são as roupas brancas, os fatos, o calçado, etc.

Tambem não ignora que a renovação desses utensilios se pôde retardar, tendo com elles cuidados constantes, concertando-os e compondo-os a tempo.

Uma mulher assim previdente vale um tesouro numa casa, porque é ela quem adia as despesas a fazer, e quem as reduz ao minimo.

Como admirarmo-nos, pois, de que um marido sensato e intelligente dê especial valor a uma mulher possuidora de todas estas virtudes praticas da boa dona de casa, e por ela sinta simpatia?

Poderia ele acalentar a mesma simpatia por uma esposa que nunca se tivesse esforcado por lhe dar uma agradável vida domestica, bem administrada, com o minimo da despeza?

Alguns escritores, mal orientados, que ao estudo da psicologia feminina têm consagrado as suas lucubrações, descobriram, com complacencia sua, no caracter da mulher um defeito capital: a falta de equilibrio nas qualidades morais, a carencia de ponderação.

Dizem elles: ás vezes, a mulher revela uma fina sensibilidade, uma penetrante compreensão de todas as coisas, uma doce affectividade cheia de delicadeza e de atenções.

De repente, sem que nenhuma causa aparente o explique, a mesma mulher manifesta a mais inexoravel aspereza, uma espessa muralha de obstinação lhe embarga a intelligencia, parecendo que todos os sentimentos affectivos se ausentaram por completo do seu coração.

Esses psicologos só chegam a estas conclusões absolutas, por generalizarem com demasiada irreflexão alguns casos particulares.

A instabilidade do caracter não é uma fraqueza que se deva attribuir só á mulher. Quantos homens, pelo contrario, são mulheres nesse sentido!

Por outro lado, nem todas as mulheres, sem excepção, pecam por esse defeito. Toda a gente conhece bastante que, sob este ponto de vista, são inacessíveis á critica.

Que a mulher é mais susceptivel de que o homem de se perturbar sob a influencia de certas causas, no equilibrio moral, é um facto inegavel. É essa uma das condições da sua maneira de ser.

Mas basearmo-nos nesta particularidade para por completo se contentar á mulher a capacidade de ponderar os sentimentos e as ideias, é exagero lão insensato, como injusto e desgraçado.

É insensato por se firmar num certo de casos particulares, insufficientes para se formular uma tese geral.

É injusto, porque só encara os factos-que podem fortalecer a tese, e põe de parte os factos que a contestam.

É emfim desastrado, porque, amarrando a mulher á sua natural fraqueza de caracter, despoja-a, não só de toda a esperança de vencer, como do desejo de tentar aperfeiçoar-se.

Nada mais malefico do que a influencia exercida sobre o espirito feminino pelas teses absolutas dos psicologos de limitada visão que, com as suas fantasias, escureçam a realidade dos factos reais, mal observados por elles.

‘A verdade é muito mais simples. A mulher, como o homem, tem imperfeições; mas, tanto como o homem, é essencialmente capaz de aperfeiçoar-se.

Pelo exercicio, pela repetição dos actos da vontade, pode alcançar um fim digno, subjugar as suas tendencias mais arraigadas—e igualar, na energia e na luta contra si mesma, o homem de maior força de caracter.

E não se julgue isto uma illusão psicologica; toda a gente pode observar a verdade desta observação, logo que atenda a factos que todos os dias se nos deparam.

Por isso, podemos logicamente dizer ás esposas:

«Nunca vos entregueis ao desalente, por mais fracas e faltas de vontade que vos julgueis dentro da vossa consciencia, ao defrontarem-se-vos as obrigações morais que vos pertencem.

É uma mentira que a mulher seja necessariamente, fatalmente, um ser fraco, um ser como que irresponsavel, incapaz de aspirar o aperfeiçoamento.

Os que propagandizam essas ideias são falsos pensadores, lunaticos que não tem consciencia do mal que a sua obra causa.

A mulher pode aspirar a todas as virtudes necessarias a toda a sua missão na terra. Bastar-lhe-á empregar uma vontade tenaz e fazer uso dos meios indispensaveis.

Vós, portanto, já que casastes, esforcai-vos desde já, se ainda o não fizestes, por adquirir, no maior grau possivel, as qualidades morais da esposa.

As reflexões acima deixadas nada tem de superfluo.

Realmente, quantas mulheres, influenciadas pela desorganizadora educação moderna, não mostram resignar-se excessivamente com quaisquer disposições morais que levem para o seu lar, dizendo lá para consigo, por demais irreflectidas:

— Não tem que ver, eu não sou uma criatura perfeita... Mas o meu marido há de aceitar-me tal qual sou, e não terá outro remedio senão contentar-se!

Mas quem vos assegura que elle se contentará? Melhor seria dizer que



# Qualidades Praticas e Moraes da Esposa

NAS proprias familias ricas, nunca é bom que a dona da casa se desinteresse dos trabalhos caseiros, entregando a administração do lar ao cuidado de servos, por mais que elles mereçam uma absoluta confiança.

A dona de casa prejudica-se, desdenhando dos pequenos interesses da administração do seu lar.

A abstenção nestes casos, por indolencia ou por enraizado amor das distrações mundanas ou outras occupações, seja pelo que fór, é sempre censuravel porque é nociva.

O marido deve ter na sua esposa um outro eu, a quem entregue confiadamente a vigilância dos interesses do lar. Quando a esposa se esquivar a desempenhar esta missão de confiança, falta a um dever essencial e desgosta, inevitavelmente, o marido.

Em todas as familias é indispensavel a intervenção mais ou menos constante da senhora da casa. Quando não trabalhe manualmente no arranjo domestico, deve, pelo menos vigiar e dirigi-lo, instruir os criados por forma que cumpram o seu dever segundo os bons habitos estabelecidos.

A esposa, numa palavra, deve ser trabalhadeira, ou em vida manual, ou dirigindo os trabalhos com espirito pratico, porque só assim poderá conseguir aquella ordem, que, como vimos, é uma das condições basilares da felicidade domestica.

O marido dedica-lhe então a mais profunda estima, porque nela vê toda a alma do bom funcionamento do lar. Reconhece isto profundamente, e assim se consolida tanto a amizade que dedica á sua companheira, quanto essa amizade se basear em duradouras qualidades.

Mas inversamente, o marido atentarã tambem com facilidade na falta de espirito caseiro da mulher que se desinteresse da sua casa, preferindo a vida indolente ou o esbanjamento aos cuidados praticos da vida domestica.

Sente naturalmente uma impressão de desgosto, sempre prejudicial á simpatia que deve unir os dois esposos.

Finalmente, uma das mais inestimaveis qualidades praticas da boa dona de casa é a previdencia.

Muitas mulheres há que, por deficiente educação positiva, governam a sua casa com todo o zelo, na verdade, mas attendendo apenas ás necessidades do dia presente, sem se preocuparem com o dia seguinte. É uma prejudicial disposição de espirito, porque favorece as despesas e põe de lado as economias.

A mulher previdente não esquece nunca as necessidades presentes e futuras, e assim toma solidamente as suas resoluções.

Não desconhece que numa casa há, além de objectos duradouros, ou-

tros que se estragam e que é preciso, de tempos a tempos, renovar, como são as roupas brancas, os fatos, o calçado, etc.

Tambem não ignora que a renovação desses utensilios se pôde retardar, tendo com elles cuidados constantes, concertando-os e compondo-os a tempo.

Uma mulher assim providente vale um tesouro numa casa, porque é ella quem adia as despesas a fazer, e quem as reduz ao minimo.

Como admirarmo-nos, pois, de que um marido sensato e intelligente dê especial valor a uma mulher possuidora de todas estas virtudes praticas da boa dona de casa, e por ella sintia simpatia?

Poderia elle acalentar a mesma simpatia por uma esposa que nunca se tivesse esforçado por lhe dar uma agradável vida domestica, bem administrada, com o minimo da despeza?

Alguns escritores, mal orientados, tem ao estudo da psicologia feminina tido consagrado as suas lucubrações, descobriram, com complacencia sua, no caracter da mulher um defeito capital: a falta de equilibrio nas qualidades morais, a carencia de ponderação.

Dizem elles: ás vezes, a mulher revela uma fina sensibilidade, uma penetrante compreensão de todas as coisas, uma doce affectividade cheia de delicadeza e de atenções.

De repente, sem que nenhuma causa aparente o explique, a mesma mulher manifesta a mais inexoravel aspereza, uma espessa muralha de obstinação lhe embarga a intelligencia, parecendo que todos os sentimentos affectivos se ausentaram por completo do seu coração.

Esses psicologos só chegam a estas conclusões absolutas, por generalizarem com demasiada irreflexão alguns casos particulares.

A instabilidade do caracter não é uma fraqueza que se deva attribuir só á mulher. Quantos homens, pelo contrario, são mulheres nesse sentido!

Por outro lado, nem todas as mulheres, sem excepção, pecam por esse defeito. Toda a gente conhece bastante que, sob este ponto de vista, são inacessíveis á critica.

Que a mulher é mais susceptivel de que o homem de se perturbar sob a influencia de certas causas, no equilibrio moral, é um facto inegavel. É essa uma das condições da sua maneira de ser.

Mas basearmo-nos nesta particularidade para por completo se contentar á mulher a capacidade de ponderar os sentimentos e as ideias, é exagero tão insensato, como injusto e desastrado.

É insensato por se firmar num certo de casos particulares, insufficientes para se formular uma tese geral.

É injusto, porque só encara os factos que podem fortalecer a tese, e põe de parte os factos que a contestam.

É emfim desastrado, porque, amarrando a mulher á sua natural fraqueza de caracter, despoja-a, não só de toda a esperanza de vencer, como do desejo de tentar aperfeiçoar-se.

Nada mais malefico do que a influencia exercida sobre o espirito feminino pelas teses absolutas dos psicologos de limitada visão que, com as suas fantasias, escureçam a realidade dos factos reais, mal observados por elles.

‘A verdade é muito mais simples. A mulher, como o homem, tem imperfeições; mas, tanto como o homem, é essencialmente capaz de aperfeiçoar-se.

Pelo exercicio, pela repetição dos actos da vontade, pode alcançar um fim digno, subjugar as suas tendencias mais arraigadas—e igualar, na energia e na luta contra si mesma, o homem de maior força de caracter.

E não se julgue isto uma illusão psicologica; toda a gente pode observar a verdade desta observação, logo que atenda a factos que todos os dias se nos deparam.

Por isso, podemos logicamente dizer ás esposas:

«Nunca vos entregueis ao desalento, por mais fracas e faltas de vontade que vos julgueis dentro da vossa consciencia, ao defrontarem-se-vos as obrigações morais que vos pertencem.

É uma mentira que a mulher seja necessariamente, fatalmente, um ser fraco, um ser como que irresponsavel, incapaz de aspirar o aperfeiçoamento.

Os que propagandizam essas ideias são falsos pensadores, lunaticos que não tem consciencia do mal que a sua obra causa.

A mulher pode aspirar a todas as virtudes necessarias a toda a sua missão na terra. Bastar-lhe-á empregar uma vontade tenaz e fazer uso dos meios indispensaveis.

Vós, portanto, já que casastes, esforçai-vos desde já, se ainda o não fizestes, por adquirir, no maior grau possivel, as qualidades morais da esposa.

As reflexões acima deixadas nada tem de superfluo.

Realmente, quantas mulheres, influenciadas pela desorganizadora educação moderna, não mostram resignar-se excessivamente com quaisquer disposições morais que levem para o seu lar, dizendo lá para consigo, por demais irreflectidas:

— Não tem que ver, eu não sou uma criatura perfeita... Mas o meu marido há de aceitar-me tal qual sou, e não terá outro remedio senão contentar-se!

Mas quem vos assegura que elle se contentará? Melhor seria dizer que



# AMAZONIA

E' preciso ter viajado naquella prodigiosa região do Brasil para lhe entender as formidáveis belezas e os sumptuosos encantamentos. Enquanto se navega da enorme baía de Guajará, toda circundada de verdes folhagens na sua imponente imensidão, á bahia soturna do Rio Negro, com a sua agua côr-de-café, tem-se uma impressão de monotonia pela identidade das margens do grande rio, cuja correnteza terrível e impetuosa dobra as arvores mais proximas e parece roer a terra.

Já nesse trajecto apparecem, de onde em onde, boiando nas aguas turvas, como informes troncos de lenho, os jacarés vorazes, que devastam o gado e são mortos a machadão e queimados em grandes fogueiras na Ilha de Marajó, quasi phantastica pelos quadrupedés, aves e reptils que a povoam.

Começa-se então a pensar naquellas épocas da terra flácida, primitiva, em que dominavam na sua superficie paludica os lagartos e as cobras gigantes.

Além de Manáos, o Amazonas tem o nome de Solimões e recebe pela margem direita, entre mais quatro, o rio Purús.

Apenas os nomes differenciam aos olhos do viajante essas tremendas correntes d'agua, identicas pela côr barrenta, pela feição das ribas e multiplicidade vegetativa, que redundam em confusão.

Subamos por uns instantes, na sua cheia, que o torna francamente navegavel, a correnteza bravia do Purús.

Agora, os lacertinos são mais frequentes, nos claros das largas touças de Canarana, uma graminea alta de alguns metros, de longas folhas em forma de lança e que parece milho.

Nas praias, de areias loiras, pervagam em pequenos bandos de três e quatro os Jabotís e os Tracajás, testaceos medrosos, que se occultam nas aguas, ao menor ruido suspeito.

As vezes, nota-se do navio um rumor que parece um resfolego de fera: são os BOTOS lendarios e os TUCUCUIS, que deitam fóra d'agua as fauces humidas e lustrosas.

Nalguns pontos do rio, pala mesma refluencia das aguas, cava-se o leite e forma um remanso a que se chama de LAGO. Gera-se uma como ilha de verdura em pleno rio, pele crescimento das nymphéas, entre as quaes avulta pelo tamanho e belleza a *Victoria Regia*, cujas fo-

lhas, de bordos revirados e espinhosas por baixo, têm um metro e mais de diametro. E' ahi que vivem as SUCURIJÓS, cobras lacustres, que devoram veados e bezerros e investem, pela sua ferocidade e corpulencia, o proprio homem.

Em torno ao remanso, pasta e retoica pacatamente o *PERNIX-HOI*, erigendo á flor d'agua os grossos beijos bovinos para colher os nenuphars de que se nutre.

Quando se caminha a pé, na faixa estreita do littoral, grandes gaivotas de um branco tísnado, arremettem, grassando e voando baixo, cada vez em circulos mais estreitos.

Não é ferocia ne famulencia das boas aves. Nessas praias desertas jazem, pelas areias fulvas, os seusinhos com os ovos a incubar ou com os filhinhos implumes, que se confundem, por mimetismo, com o escaldante areial.

A gaivota, escarmentada das cobras, dos maracajás, dos gaviões, dos urubús e dos vagabundos indios Paumarys, todos inimigos da sua prole, defende-a a bicadas destemerosas, soldando aquellos pios raivosos, que são o hymno de guerra e o toque de alarma a reunir.

Imagine-se, então, o spectaculo original de um homem com um varapau em molinetes descompassados, a afugentar, imprecando, a revoadada hoste.



## LARANJEIRA

Cheio de viço, alegre, nova e airosa.  
Parece, linda moça, em seus verdouros,  
— Noiva de veço engrinaldada em rosa,  
A laranjeira rebentando em flores.

E quando a fronde verde, alta e copada,  
Despe de noiva as vestes incolores,  
Carregada de fructos, dadviosa,  
A laranjeira é mãe farta de amores.

E assim, sempre fecunda ella apparece.  
A flor succede o fructo... Refloresce  
Para perpetuação da sementeira.

No seio verde, para Deus voltado,  
A flor tão branca e o fructo tão dourado,  
Tornaram *virgem mãe* a laranjeira.

PALMIRA WANDERLEY.

Natal, (Rio Grande do Norte).

til das gaivotas, tão mansas e socia-veis nos portos e em pleno mar, onde estão a resalva daquelles assaltantes. Guardando-se, porém, uma prudente distancia, as gaivotas não se enfurecem e pôde-se então observar o rigor da lucta pela vida e os extremos de seu effecto maternal.

E' a hora canicular do meio dia amazonico, quando a atmosphaera semelha uma bafagem de fótno. As gaivotinhas abraçam-se ainda penujosas, nos seus 'nhinhos de terra. Começam então os paes e as mães a molhar as asas na agua proxima e a borriifar o berço e os filhinhos escaldados, numa faina penosa, que se prolonga até ás primeiras horas da tarde.

E' depois dessa hora precisamente, que em certas épocas do anno, vêm chegando as tartarugas para a desova. Marcha-lhes á frente, emergindo d'agua, o macho, o *CAPTARI*. Ao longo da praia, teceja elle, com a ponta da cauda cornea, um sulco paralelo ao rio, onde as fêmeas devem cavar as suas fossas e nellas pôr os ovos, que têm a casca plastica e molle para se não partirem no choque.

A tartaruga fica nesse momento num como extase, que os seringueiros, os indios bravos e as onças aproveitam para as caçar. Os primeiros viram-na de costas, as ultimas trituram-nas entre os molares das potentes mandibulas.

Mesmo assim, com esse brutal assedio de destruição, que as leis amazonicas já cohibiram, quanto ao homem, vedando-lhe *virar tartarugas no tempo da proliferação*, muitosinhos e *CHRONIOS* escapam e, terminada a incubação pela terra e pelo sol, os pequeninos *TESTACEOS*, que parecem grandes baratas, descovam-se e a tiram-se as vivazes e astutas ás aguas tutelares do paterno rio, a cuja fauna se vão incorporar, augmentando-lhe a variedade do o vultado da sua inconcebivel riqueza.

Ainda nessa nova entrada para o campo da vida, outros inimigos fluviaes essalteiam e destroem as tenras tartarugas, mas a especie reluctante, pelo seu numero prodigioso, triumpho, offerecendo ao homem barbaro daquellas plagas o mais sadio, facil e succulento dos seu manjares.

CARLOS D. FERNANDES.



## LIVROS NOVOS

Musa Vermelha, versos de  
Antonio Abranches. S. Paulo,  
1918.

A poesia, como propagadora de idéas philosophicas ou de programma politico é o mais fraco dos instrumentos. O verso, com o artifício da sua rima, das suas tônicas, do seu rythmo, da sua estudada e procurada variedade de vogaes e de sons, não serve, positivamente não serve para defender um principio que se possa parer sobre ou demolir uma idéa que se lhe antolhe nociva. Para isso não ha como a prosa. A prosa é o verdadeiro, senão o unico vehiculo das idéas.

Mas o sr. Antonio Abranches não pensa assim. E' um temperamento combativo, e como arma de combate apparece na liza empunhando os seus versos. Ora, os seus versos são quasi todos cesurados livremente, são versos soltos. Não lhes faltam rimas, é verdade, mas essas mesmas podiam ser dispensadas. O melhor que podia fazer o autor da *Musa Vermelha* era escrever prosa.

Aqui fica, pois, o nosso conselho. Verta para prosa os seus conceitos de combate e de luta ou, o que é mais pratico, vá para a praça publica arengar ás multidões sobre a revolução social que, consoante pensam alguns exaltados, está cada vez mais proxima.

Brumas, de José Velho, edição  
da Casa Vanorden, 1917,  
S. Paulo.

José Velho é o pseudonymo do sympathico e distincto poeta sr. Francisco Gaspar. Não ha muito, enviou-nos elle o seu ultimo volume de versos "Efluctuantes", sobre o qual, em nosso numero pasado, externámos a nossa opinio. Através das "Brumas" percebe-se o poeta. A sua prosa como que taceia, incerta e indecisa, á procura da rima. O verso tem a propriedade de violar o seu cultor, tolhendo-lhe, na prosa, a liberdade de movimento de que elle precisa. O poeta só se sente bem no verso. Não queremos dizer que José Velho se sinta mal na prosa. Não. Pratica-a com alguma graça, mas a sua prosa se resente da falta de amplitude. No seu pequeno volume ha paginas interessantes, que se lêem com prazer. Em rigor, é um livro bem feito, para ser lido por pessoas jovens, porque fala vivamente é imaginção.

Para que os leitores façam uma idéa dos "Brumas", aqui transcrevemos este trecho, que não é, por certo, o melhor, mas sim o que mais caracteriza a "maneira" do escriptor.

Ello:

## TARANTELLA

"A margem do sumptuoso rio Parahyba debruçava-se languidamente um ingazeiro em flor. Miríades de colibrias douradas esvoaçavam por entre a folhagem verde-esmeralda, aqui e alli, o meli dulcíssimo das flores, indo depois roçar as azas á tona da límpida corrente.

"As abelhas e outros insectos natizados, silbando, a um zigzaguar amotinados, por sobre nossas cabeças, como estas mysteriosas destelchadas por arcos indianos!

Exames de borboletas, de côres variadas, matizavam aquelle bello e florido ingazeiro, que se assemelhava a um céu de azul loto, pontilhado de estrelas fulgurantes.

De quando em vez, um salib' canoro atravessava sentidas queixas, que eram inter-

rompidas pelos inimitaveis tangarás, que, estalando os blocos, dançavam alegremente na capoeira, como walkírias selvaticas nos festins de Odín!

Lucia mirava-me extasiada; extáticos, meus olhos encontravam os d'ella. Nossos labios semi-collados não se podiam mover. Apenas nossas mãos se entrelaçavam inensivelmente, tremulas...

O sol foi o ultimo dos convivas naquelle festim encantado. Seus raios de fogo, por entre as pedras dos copados arvorados vinham, pouco a pouco, diluindo os troncos nidos e as pedras esverdeadas dos rochedos.

Então, com esse calor, vivificante do real conviva, Lucia principiava a me apertar a mão, e a molhar os olhos de ternura! Cesou por um instante a musica divina, para dar começo ás expansões do amor!

Que idyllo! Que jogo de palavras occupado de nossos labios! — Os tangarás eram apenas espectadores: borboletas, violinos, sabias, abelhas, todos, em côro virginal, entoavam hymnos triumphaes! Explurates e Jelson si por allí passassem repetiriam aquella saudosa cantilena em honra á astuciosa serpente!

Lucia agitava-se... envolvendo seus pénnios seductores na folhagem espessa, deixando escapar um suspiro... emquanto eu, com certeza, languido, embocicado, a setinas brancura de seu collo lindo!

Como o som que sá de uma bigorna, com o seu rên-rên insinuante, a araponga, alencorada nas grimpas da perobeira, vem saudar ás nossas nupcias, com o seu troante e selvático epinio!

Era meio dia. O sol, a pino, quom'avanços... o amor voluptuoso, ardente, escaldava-nos... enlanguescia-nos...

E é assim que, quando florêscce o ingazeiro á beira da corrente sussurrante e Hélio, o rei dos astros, surge radiante nas alturas, recordo-me de ti Lucia, a mais formosa diva do país dos sonhos...

Anuario do Lyceu Salesiano  
do Sagrado Coração de Jesus,  
S. Paulo, 1917, 32.<sup>o</sup> anno lectivo

Interessantissimo o Anuario do Lyceu Salesiano. E' um grosso volume de mais de durentas paginas, em papel "glacé", ornado de numerosas e nitidas gravuras. Grande parte da materia de que se compõe o Anuario não diz respeito somente á vida interna d'aquelle excellentissimo instituto de ensino profissional; ha artigos sobre muitos assumptos, todos elles superiormente tratados. Ao Lyceu Salesiano, como é notorio, muito deve S. Paulo pelo esforço tenaz e piedoso com que os seus dirigentes se têm dedicado á educação pratica dos nossos jovens patrias. A quem não conhece o Lyceu basta aplogar as paginas desse Anuario para se convencer do alto valor d'aquelle estabelecimento de ensino.

Como obra typographica, pôe em relevo os recursos e gosto artistico das suas officinas.

Gratos pelo exemplar.

A missão da mulher na hora  
presente, discursos de d. Alzira  
Vieira, Vizeu, Portugal, 1917.

D. Alzira Vieira é uma das senhoras mais brillantes do Portugal contemporaneo. Os seus discursos, reunidos agora numa "plaque" e que foram proferidos na sessão solenne em honra dos mobilizados do Conselho de Tondela, promovida pela sub-commissão da Cruzada das Mulheres, põem bem em evidencia as suas qualidades de litterata e oradora. O patriotismo da illustre dama é ardoroso e resalta a cada passo dos seus periodos inflamados e eloquentes.

Gratos pelo exemplar que nos enviou e pela dedicatória que o acompanha.

## A Intensificação da lavoura

Foi-nos oferecido pelo sr. L. R. Vieira Souto, delegado executivo da Produção Nacional, um exemplar do grande e magnifico cartaz de que o Ministerio da Agricultura vae fazer uma larga distribuição por todo o territorio brasileiro. Como trabalho lithographico é excellentissimo. As illustrações, de Raul, são acompanhadas de dizeres de uma grande simplicidade, que qualquer pessoa, por menos culta que seja, pôde comprehender. Esses cartazes serão affixados em todas as agencias de correios e telegraphos, estações de estradas de ferro, camaras municipais, egrejas, em todas os pontos, emfim, frequentados pelo publico.

Esse serviço de propaganda da intensificação da lavoura, em boa hora iniciado por aquelle Ministerio, será, com certeza, muito effizaz e os seus resultados futuros serão, sem duvida, fecundos. Esse cartaz, com seus desenhos coloridos, constitue a melhor propaganda que se pôde imaginar, no sentido de dar uma orientação mais pratica á actividade dos nossos homens de campo.

Gratos pelo exemplar que nos foi oferecido.

## A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: «isto elle bebeu com o leite» e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o mens sana in corpore sano; com o leite pode-se tambem beber o rachtismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, denunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de moléstias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella, não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Iricalsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo—Um vidro com 100 partilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

Praça Antonio Prado (Palacete

Briccola) São Paulo

# THEATRO INFANTIL

## NOVES FÓRA, NADA!

(SCENA INFANTIL)

*Um quarto de estudo de crianças, numa casa burguesa. Duas estantes com livros e cadernos escolares. Uma prateleira grande. Uma carteira-escretoeira. Ricardinho está sentado à escrivaninha e ao levantar o punho arranca os cabelos, desesperado.*

MARINA (Traz uma linda boneca. Entra em scena contente, radiante, a saltar) Olha, olha, Ricardinho, que belleza minha madrinha me trouxe!

RICARDINHO Sete vezes nove?

MARINA (Pensando) 61... Mas vê que belleza! (mostra a boneca).

RICARDINHO 61, nada... 7 vezes oito são 56... 7 vezes nove devem ser 60...

MARINA 63... E' isso mesmo... Mas repara um pouco nos olhos da minha boneca (gentilmente)... viram para aqui... e viram para alli... (Acompanha com os olhos o movimento dos olhos da boneca) Ah, que graça!

RICARDINHO Não pôde ser...

MARINA Como é que não pôde ser? Vê... (inclina a boneca) Abra para ahi...

RICARDINHO Não estou falando dos olhos da tua boneca... 65 não é... Não dá certo; ha meia hora que estou quebrando a cabeça com esta conta. Não sei para que inventaram a arithmetica...

MARINA (Enlevada com a boneca) Que gracinha! RICARDINHO Gracinha? E' que não tens que fazer contas.

MARINA Não estou falando da tua arithmetica. Minha boneca é que é uma gracinha! (Beija a boneca).

RICARDINHO Não achas que não pôde ser?

MARINA Não pôde ser o que?

RICARDINHO (Gritando) Parece que estás surda?

MARINA (Agastada) Não é preciso gritar... E' o que mamãe diz... «os homens...»

RICARDINHO Não pôde sei 63...

MARINA Que me importa com isso!... (Olhando a boneca) Minha bellezinha!

RICARDINHO Já esperava! Papai tem razão quando diz que mulher só nasceu para bobice!

MARINA Olhe o prosa! Mulher nasceu para bobice, mas para poderes dizer isto mamaste leite de mulher...

RICARDINHO Bonito argumento! Apprendeste com mamãe quando respondeu assim a papai. Ouve, então, o resto:—Eu não podia ter nascido, si mamãe não fosse casada com papai! Logo, as mulheres não têm do que se gabar! Sem o homem!...

MARINA (Interrompendo-o)... e nem a mulher, tambem, porque homem não se pôde casar com homem!

RICARDINHO Nem mulher pôde casar-se com mulher... L...o...o...g...o...

MARINA Então fica quieto e não sejas bobo...

RICARDINHO Bôbo!... chamaste-me de bobo? (levantando-se.)

MARINA (Largando a boneca no chão e pondo as duas mãos na cintura, com gesto comicamente provocador) Que é isso? Pensas que eu tenho medo... que estou a morrer de caretas? (rindo-se forçadamente) Ah... ah... ah...

RICARDINHO (Ameaçador) Menina... menina... Não queiras imitar a mamãe quando desafia papai!

MARINA Olhem o prosa...

RICARDINHO Menina... Já não sei onde estou...

MARINA Venha, venha si é homem!

RICARDINHO Não me faças perder a cabeça!

MARINA Grande prejuizo! Pelo que ella vale!

RICARDINHO Já te disse:—Não me faças perder a cabeça!

MARINA Que bôbo!— Está agora fazendo como o papai (Arremedando-o) Não me faças perder a cabeça...

RICARDINHO (Terrivel) Marina!

MARINA Que é? Prompto, aqui estou!... (Approximo-se d'elle.)

RICARDINHO Si não fosses uma mulher eu te dava a resposta que mereces. (Senta-se)

MARINA Pois é fazer!... (Levando a mão ao nariz) Tu...tu...tú... (Levando a mão ao nariz)

Voç de dentro.— Que barulho é esse? Venha para dentro, Marina!

MARINA (Apertando a boneca e sabendo) E' o Ricardinho!

RICARDINHO Eu? Que graça! (para dentro) Foi ella, papai!

MARINA (A mão na cintura) Eu?... Não tens vergonha de mentir assim?

Voç de dentro.— Então... então!

RICARDINHO Eu estava estudando. Marina veio aqui atrapalhar-me. Foi d'ahi eu perguntel-lhe sete vezes nove quanto era. Ella respondeu que era 61...

MARINA; (interrompendo-o e voltando-se para dentro) Não foi assim, papai, (apressado) Eu vim mostrar-lhe minha boneca; e ae elle disse que sete vezes 9 era 65... e foi... me chamou de bôba... disse que minha boneca não virava os olhos... que...

RICARDINHO (interrompendo-a, e apressado) Eu disse isso, eu disse isso? Mente... mente... vamos... mente mais... (para dentro) Não foi nada assim, papai.

Ella é que disse que os homens são bobos, que mamãe bem diz que...

MARINA Mentira... mentira, papai!... Elle é que disse que me dava um socco...

RICARDINHO (levantando-se, espantado) Eu?... E... e...e...u? (para o publico) Que vobora, hein! Que monstro está ahi se preparando! (para dentro) E' mentira, papai!

Voç de dentro.— Então vocês querem ou não querem acabar com isso?

MARINA Mentira? (para dentro) Disse... disse que me dava um socco, que me arrancava os cabellos...

RICARDINHO Adeante, adeante... Que te furava os olhos, que te picava em pedacinhos... (para a platea, comicamente) Os senhores estão vendo o que são as mulheres? Que sogra vai sabir d'ahi!...

MARINA Mulheres?... E tu, seu prosa? Tu ainda estás no cuero, como diz mamãe... O que o homem valia se não fosse a mulher?

RICARDINHO Está ouvindo, papai? Veja quem é que provoca... E' por estas que eu repito o que o senhor diz: «Mulher só nasceu para bobice!»

Voç de dentro.— Cale-se! Eu nunca disse tal asneira. Venha para dentro, Marina!

MARINA (para Ricardinho) Toma, papudo!... (leva a mão ao nariz) Tu...tu...tu...tu...tu...tú! (sae)

RICARDINHO (para dentro) O senhor nunca disse isso? Ainda hontem quando mamãe falou do senhor chegar tarde...

Voç de dentro.— Não disse nada... Estude sua licção e aprenda que sete vezes nove são 63. Noves fóra, nada... E não se meta com o que não é de sua conta!

RICARDINHO (sentando-se) Noves fóra, nada! Tem razão! E' o que a gente ganha de repetir o que dizem os grandes!... abaixa-se e continua a conta.)

ANNA RITA MALHEIROS

(para o Theatro Infantil da Revista Feminina)

*Nota á redacção. — De accordo com a lei sobre propriedade litteraria deversão, os jornaes, os jornaes, que transcreverem qualquer materia de nosso texto, declarar que o transcrevem desta REVISTA. E' tambem permittida a representação de nosso THEATRO, desde que as pessoas que della se encarregarem, enciar-nos uma noticia, bem como, uma photographia das crianças, que publicaremos em nossas columnas, toda vez que nos for possivel, se se tratar de filhos de assignantes nossos.*

## O MENU'

DE

MEU

MARIDO



## Croquettes de bacalhau

Toma-se um bocado de bacalhau cozido, pica-se muito fino, junta-se-lhe depois um refogado de cecola, talsa picada e pimenta, fazendo-se este refogado com manteiga de porco ou azeite; estando bem ligado junta-se um pouco de molho de fricassé e sumo de limão, deixando-se esfriar. Fazem-se depois os croquettes e fregem-se em azeite ou manteiga de porco.

Da mesma maneira se fazem os croquettes de pescada e de cherne.

## Empada de peixe

Tomam-se meio kilo de peixe fresco picado, cento e vinte cinco grammas de pão ralado, meio kilo de manteiga de vacca, quatro gemmas de ovos, um pouco de salsa e sal, e molha-se com uma chicara de bom caldo e mistura-se tudo.

Deita-se tudo isto na caixa da empada, que, depois de cozida, se serve quente.

## Boios de nozes

130 grammas de amendoas moidas, 130 grammas de nozes moidas, 250 grammas de assucar, 14 gemmas. Batem-se as gemmas com o assucar e juntam-se as nozes, as amendoas e um pouco de baunilha. Deixa-se descansar meia hora; depois junta-se dez claras batidas como para suspiro. Assa-se em duas fôrmas eguaes, da

altura de dois dedos, bem untadas com manteiga. Depois de assados colloca-se um sobre o outro com geleia no centro.

## Plum cake

250 grammas de manteiga, 250 grammas de assucar, 250 grammas de farinha de trigo, cinco ovos, tres quartas partes de um copo para agua, com rhum, 50 grammas de passas de Corintha, 50 grammas de passas de Malaga, 50 grammas de passas sultanas. Bate-se muito bem o assucar com cinco gemmas e duas claras bem batidas, junta-se a farinha, a manteiga, derretida, as passas, o Rhum, e por ultimo tres claras batidas em neve; mistura-se muito bem. Assa-se em fôrma untada com manteiga em forno regular durante 2 horas.

## Moussellina de chocolate

Misturam-se tres colheres decho colate em pó, 150 granmas de assucar. Mistura-se a isto tres gemmas, duas colheres da farinha de trigo, uma pitada de sal e tres claras bem batidas. Bate-se bem. Assa-se em fôrma untada com manteiga. Fôrno brando. Depois de esfriar um pouco, tira-se da fôrma.

## Biscoitos chinezes

Misturam-se 500 grammas de farinha

de arroz, 500 grammas de assucar 500 grammas de araruta, 250 grammas de manteiga, seis ovos batidos. Amassa-se bem, estende-se com o rolo, deixando ficar da espessura de meio centimetro, corta-se com fôrminhas e leva-se ao forno em taboleiros untados com manteiga. Fôrno regular.

## Biscoutos campineiros

A '500 grammas de polvilho junta-se uma colher de banha quente. O polvilho é previamente escaldado. A' 250 grammas de assucar junta-se um ovo já batido, bate-se bem e junta-se ao polvilho amassando-o todo. Com salmoura morna vae-se amolecendo a massa até ficar em ponto de enrolar. Faz-se, então, os biscoutos que vão ao forno em taboleiros untados. Fôrno quente.

## Quebra-quebra

Mistura-se e amassa-se bem dois copos de polvilho, um de farinha de trigo, um de assucar, meio de banha, uma colher de manteiga, e dois ovos. Escude-se com o rolo, e corta-se com fôrmas. Fôrno regular.

## Recheio de peixe

Toma-se uma dada parte de carne de peixe de qualquer especie, porém de uma só qualidade; tritura-se conjuntamente com cogumellos cozidos e algumas gemmas de ovos cozidos, ajuntando-se-lhe um pouco de miolo de pão cozido no leite e uma boa porção de manteiga, um pouco de sal, e noz-moscada alecrim, triturados, e finalmente duas gemmas de ovos não muito cozidas. Isto tudo bem amassado e ajuntando-se-lhe mais quatro claras de ovos batidas em neve e duas colheres de queijo Parmezão ralado. Assa-se em fôrma que possa ir á mesa.

**Santelmo**  
O Rei dos Sabonetes.  
Guiry-Rio.

**MENTOLATUM**

Alivia e cura as  
molestias da pelle

## Receitas uteis

### A transpiração mal cheirosa

A uma senhora, que preza o asseio do seu corpo, nada mais desagradavel do que sentir que os seus suores não são, como deviam ser, inodóros. Quando o suor tem um cheiro muito accentuado,—parece que o asseio do corpo não ficou completo. O recurso dos desinfectantes e perfumes, como a creolina e a agua da Colonia, não bastam a esconder esse cheiro. Alguns minutos de dança, um passeio em dia de sol, uns instantes de patinação ou de qualquer outro sport desenvolvem esses cheiros de que fica impregnada a roupa adherida ao corpo.

A receitas que se offerece ma cada passo para debellar esse mal são, em sua maior parte, innocuas, ou, se têm alguma efficacia, essa efficacia não é duradoura. O melhor medicamento que conhecemos e que de bom grado aconselhamos áquellas das nossas leitoras que soffrem desse mal, é o «Heliol». E' um pó, como os pós d'arroz, que se colloca sobre os pontos que exhalam os máos cheiros. A cura se faz ao cabo de alguns dias de uso. E' um medicamento barato.

A *Revista Feminina*, no interesse de servir ás suas leitoras e amigas, mandou vir de Paris um pequeno stock do «Heliol», que não se encontra á venda no Brasil.

Remetemos, a quem nol-o solicitar, pelo preço de 6\$000, e mais 500 réis para o porte do correio.

## SAXONIA

TINTURARIA E LAVANDERIA  
S. PAULO

LAVA E TINGE ROUPA DE  
SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS,  
CORTINAS, PLUMAS, BOÁS,  
LUVAS, Etc., Etc.

Fabrica: Rua Visconde de Parahyba N. 210  
Telephone - Braz 297

Lojas: RUA LIBERO BADARO' N. 145.<sup>A</sup>  
Telephone - Central 2396

RUA SEBASTIÃO PEREIRA N. 5  
Telephone - Central 833

## ALGODÃO EM CAROÇO

Compramos toda e qualquer quantidade pelo  
melhor preço que correr no mercado, a dinheiro

Temos machas de beneficiar e agentes  
nas seguintes localidades:

Sorocaba . . . . .	Oscar Santos Fonseca
Tatuy . . . . .	José Bento Pavão
Porto Feliz . . . . .	Antonio Rodrigues Junior
Conchas . . . . .	Agostinho Soares Leite.
Bella Vista de Tatuy . . . . .	Alberto Pereira Ignacio
Itapetininga . . . . .	Joaquim Custodio de Oliv.
Campo Largo . . . . .	Daniel Vieira Rodrigues
Boituva . . . . .	Mario Vercellino & Cia.
Avaré . . . . .	Raul de Arruda
Itapetininga . . . . .	Antonio Costa Carreira
Pirajú . . . . .	Antonio Mazzarino & Irmãos
Pyramboia . . . . .	Ant.º Marcadante Sobrinho
Bernardino de Campos . . . . .	Luiz Chaguri
Piracicaba . . . . .	José Maria de Oliveira
Monte Mor . . . . .	M. Franco & Cia.
Nova Odessa . . . . .	José Abelardo Bauer.
Itú . . . . .	Augusto Peterlewitz
	Francisco Ferraz de Toledo

## Pereira Ignacio & Comp.

Escriflorio Central — S. Paulo  
Rua S. Bento, 47 — Caixa Postal, 931  
Telephone, Central, 1536, 1537 e 5296

# ADALIUS

E' tal a procura que tem tido este interessante livrinho editado pela Empresa Feminina Brasileira, que a segunda edição está inteiramente esgotada.

Em vista disso; resolvemos fazer uma terceira edição, muito maior que as anteriores para attender aos constantes pedidos que nos são dirigidos, e notavelmente ampliada. Essa será ornada de numerosas gravuras e com um texto minucioso e desenvolvido.

O preço do *Adalius* passa a ser de 2\$000 o exemplar, o que é barato desde que se attenda ao valor e utilidade do livro.

Receitas excellentes para lunch, doces licores, conselhos sobre a hygiene, o cuidado e ornamentação da nossa mesa de jantar, tudo isto serve do assumpto a essa interessantissima obra que toda dona de casa d'êve consultar e conservar como o seu livro predilecto.

Esta edição já esta no prelo e deste já se accetam pedidos dirigidos á redacção da "Revista Feminina".

# RADIOL

Cura dor de dentes em  
2 segundos

DEPOSITARIO:

Araujo Freitas & C.  
RIO DE JANEIRO

# CASA NICO

Rua 15 de Novembro, 32-A

Grande e variado sortimentos de joias  
finissimas, artigos de pratarias, metaes  
e muitos objectos de phantasias a pre-  
ços excepçionaes.

IRMÃOS NICO

Rua 15 de Novembro, 32-A  
S. PAULO

O ESPECIFICO DA ANEMIA  
TUBERCULOSE, etc.

Vinho Reconstituente

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea  
phosphatada  
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas  
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias  
e fortifica os fracos

Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade em  
digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esver-  
deadas ou talhadas, usa-se e sempre efficaz  
o poderoso, inegalavel

**DIGESTIVO INFANTIL**  
de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições  
— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura

Únicos depositários para o  
Brasil:  
**Empresa Feminina  
Brasileira**  
Praça Antonio Prado  
S. PAULO



(TRICALCIAS)

### Antes do mais :

As pastilhas Americanas Tricalcias do Dr. Malcolm não são uma panacéia. Trata-se de um producto químico definido cujos elementos principais assim se descompõem (Ph A2 02) Ca 4 (Ph 04 2) Ca 3 adicionados de seivas vegetaes, estimulantes da função histológica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe C1) 4 + 7 2 0) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo a fórmula global, além de princípios aromaticos e fibrosinos com (Ph H2 02) Ca 4 (Ph 04) 2 Ca 3 4 (Fe C1) 3 4 + H2 O).

É uma fórmula de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reais resultados em todos os vicios da nutrição.

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalcia do Dr. Malcolm deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despeza cada semana. Demais as Pastilhas Malcolm não são um producto commercial no qual se sacrificam as vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos selos as PASTILHAS MALCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaustientes e que necessitam de phosphoro, bem como, para á fraqueza de qualquer outro órgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcolm são indispensaveis. Fornece ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . . 20\$000

**DOSE:**— PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da dose acima.  
PARA CRENÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina

Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.



O maior e mais chic sortimento  
de  
**Casemiras Inglezas**

— para homem e senhora —

BRINS DE LINHO  
E ALGODÃO

— — — *Encontra-o V. Excia. na*

Casa da Epoca

- RUA DIREITA N. 3 -  
— S. PAULO —

# Album de Trabalhos

Entrará brevemente para o prelo, editado pela Empresa Feminina Brasileira, o "Album de trabalhos" que é uma publicação que vai interessar muito de perto as moças e mães de família. Esse album trará, em estylo claro, conciso e ao alcance de todas, lições sobre os mais variados trabalhos e prendas domesticas.

Labores de agulha, lições de arte applicada, macramé, pontos de Veneza, rendas, bordados, filets, franjas, desenhos e innumerables outras variedades no genero, tal é a materia de que se compõe o nosso "Album de trabalhos". Grande parte das lições contidas nesse album são acompanhadas de illustrações elucidativas, que facilita enormemente o aprendizado das leitoras.

Por ahi se vê a importancia da nossa publicação, que será brevemente exposta á venda.

Quanto ao preço e condições de venda serão publicados oportunamente.

— Escola Commercial Feminina —

134. rua Sete de Setembro -- Rio de Janeiro

AGENCIA DE  
— DACTYLOGRAPHIA —

Fazem-se copias á machina, traducções e reproducções em duplicadores.

Accitam-se trabalhos do interior pelos preços da casa cobrando mais o porte registrado.

Tamanho almasso \$900, \$800, \$600 a pagina segundo a quantidade.

Tamanho carta, \$700, \$600, \$500 a pagina segundo a quantidade.

Preços especiaes para  
trabalhos grandes

Telephone 4629 Central

## Água Mineral Natural PLATINA

Fonte - **CBAPADÃO** - Est. da Prata

— **A VICHY BRASILEIRA** —

A melhor agua de MESA de acção medicinal e que constitue o preservativo contra as *amebas* provenientes do uso de aguas impuras. O uso continuado da PLATINA é a garantia da boa saude, pois, é ella soberana no tratamento das molestias do *estomago, dyspepsias, gastralgias gotosas e rheumaticas, rins, figado e apparelho biliar, intestinos, enterites, colicas nephriticas e hepaticas, baco, areias, gota, azia e arthritismo*

PEDIDOS A:

PEREIRA IGNACIO & COMP.  
R. de São Bento n. 47 — São Paulo

# Nos toucadores elegantes

Entre os productos que devem figurar no toucador de uma mulher elegante recommendamos muito especialmente o crême **Dermina**, ultima palavra, em materia de crême para amaciar a pelle e para curar **infallivelmente** todas as erupções de pelle, as espinhas, os cravos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções. Só em premios a **Revista Feminina** já distribuiu mais de seiscentos potes de **Dermina** e chegam-nos diariamente attestados entusiasticos de sua efficacia. — Podemos enviar ás nossas leitoras, por 3\$500 um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 500 réis para o porte do Correio.

PRAÇA ANTONIO PRADO (Palacete Briccola).

## Receitas a granel

### Como se obtem as essencias das flores

Colhem-se as flores de manhã quando estão enxutas de orvalho, limpam-se, expõem-se ao sol, quando se trata de flores de cheiro muito activo; mettem-se ás camadas dentro de uma caixa de folha de flandres com algodão em rama humedecido em oleo de amendoas doces puro e sem cheiro; cada camada de flores deve ser seguida de uma camada de algodão, comprime-se o conteúdo da caixa por meio de uma pedra liza ou uma placa de chumbo pesada que obrigue as flores a communicar ao oleo as suas partes aromaticas.

Fecha-se a caixa hermeticamente e colloca-se sobre o fogo ou local quente durante sete ou oito dias, ao fim dos quaes se espreme o algodão que deve conter o aleo aromatizado pelo contacto com as flores.

O oleo assim preparado póde ter applicação em pomadas e obtem-se essencias de notavel suavidade, tendo em contacto 60 a 90 grammas deste oleo com espirito de vinho puro, durante alguns dias. Depois separa-se o oleo e filtra-se o alcool.

### Utilização dos pedaços de jornaes

Em dia de frie ou ventoso, o papel abriga muito o corpo, usando-o por baixo do colete.

Envolvendo com pedaços de papel as garrafas de vidro, o liquido que estas contenham conservar-se-ha fresco.

Cosidos uns aos outros, podem constituir uma boa calça para o verão.

Embrulhando nelles o fato, as cortinas, etc., esses objectos conservam-se quasi indefinidamente, pois que o cheiro da tinta de impressão alugenta os insectos.

### Contra a humidade das paredes

Para combater a humidade das paredes, faz-se uma especie de verniz, composto de uma parte de gommalaca, e cobre-se com ella toda a parte atacada pela humidade.

Este verniz tem a principio um cheiro desagradavel que depressa desaparece; mas os seus resultados são muito efficazes. Uma vez secco, póde-se pintar a parede, ou forral-a a papel, sem nenhum inconveniente.

### Uma vomito caseiro

A agua morna actua muito bem como vomito, e a agua quente, tomada aos goles meia hora depois da pessoa se deitar, é o laxante melhor possivel, nos casos de prisão de ventre, ao mesmo tempo que produz um effeito suave nos intestinos.

Este tratamento, continuado durante alguns mezes, com regimen de alimentação conveniente, produzirá magnificos resultados nos casos de dyspepsia incuravel.

### Outra receita

Em geral, o sal de mesa apresenta um dos seguintes inconvenientes: ou se torna deliquescente ou forma conglomerado. Pura evitar ambos esses males ha um processo summamente simples, qual é o de accrescentar-lhe glicerina, na proporção de 1 por 200 de peso.

### Cimento para gesso

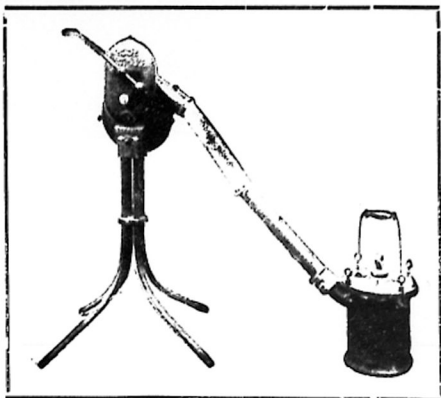
Dissolvam-se pequenos fragmentos de celluloido em ether. Decante-se o liquido, e o producto pastoso resultante servirá para unir objectos de gesso partidos.

**As Fomigas Saúvas** Depois de conhecida esta machina "Luiz da Silva" a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalíveis efeitos contra a existencia das damninhas fomigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessários reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina "Luiz da Silva", bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que atestam os milhares de testemunhos que presenciam os maravilhosos efeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina "LUIZ DA SILVA" e do ingrediente "BIFALCO".

Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura — Rua Libero Badaró, 125 S. Paulo.

**Carrapatos.** Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra na mesma Sociedade o infalivel carrapaticida marca "TOURO".



E' sem duvida o melhor preparado, o mais efficaz e o mais economico. Peçam informações a respeito.

**Diarrheia dos Bezerros.** Contra a diarrheia dos bezerros é CYMAGL o remedio infalivel encontra-se com o depositario L da Silva, R. Libero Badaró, 125 S. Paulo.

**Feridas dos Animaes.** Para curar quaesquer feridas do gado cavallar, bovino, etc. emprega-se o BICKMORINE. Dirigir pedidos ao sr. Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125, S. Paulo.

**La Hacienda.** A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da Agricultura. Obtem-se a sua assinatura de um anno por 3 dollars, e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio suizo dourado.

Assinaturas e todas as informações com o Agente geral Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125, S. Paulo.

**Fazenda Moderna.** A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a criação de gado, e um grande volume encadernado e scripta pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Coutinho.

No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com nome para por 21\$500.

Peçam nosso catalogo illustrado. Remetemos gratis, citando o nome desta REVISTA.

# TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THESOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

**Brasileiras Pequenas**

**Vpiranga Colombo**

**Paulista**

**Bicho**

**Cia. Luz Stearica  
do Rio de Janeiro**

## “O PILOGENIO” serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O “PILOGENIO”

O “PILOGENIO” SEMPRE!

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

# LYCETOL

GRANULADO  
GIFFONI  
DISSOLVE E EXPELLE  
O ACIDO URICO

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS  
CONTRA  
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS  
CALCULOS BILIARES  
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO  
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL  
DEPOSITO GERAL. DROGARIA GIFFONI  
SUC  
FRANCISCO GIFFONI & C.<sup>IA</sup> — RUA 1.<sup>ª</sup> DE MARÇO 17  
RIO DE JANEIRO.

Exclusivamente para  
Senhora e Senhoritas

Premiado na Exposição de Bruxelas e com  
medalha de ouro na Exposição de Hygiene

## O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .

. . . é uma preparação conscienciosa, seria e  
não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes  
resultados, contra as sardas, rugas, pannos,  
espinhas e manchas da pelle e nenhum outro  
é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram,  
que apparecem, e que apparecerão, embora  
com nomes differentes, não podem fazer con-  
currencia ao já consagrado

## CREME DO HAREM

Estoje 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

PHARMACIA E DROGARIA  
SANTOS

Rua São Bento 74-A- S. PAULO

## VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neuroasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tónico e estimulante da “Vitalidade”, o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neuroasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua 1.<sup>ª</sup> de Março, 17 Rio de Janeiro





*1906. 11. 12. 1906.*